

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAMILE SAIBERT

**POLE DANCE NOS JORNAIS BRASILEIROS:
entre a sensualidade e a cultura *fitness***

Florianópolis

2023

Camile Saibert

**POLE DANCE NOS JORNAIS BRASILEIROS:
entre a sensualidade e a cultura *fitness***

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física do Centro de Desportos, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física. Orientadora: Prof. Dr. Carolina Fernandes da Silva
Coorientadora: Ma. Bruna Letícia de Borba

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra.

Saibert, Camile

Pole dance nos jornais brasileiros : entre a sensualidade e a cultura fitness / Camile Saibert ; orientadora, Carolina Fernandes da Silva, coorientadora, Bruna Letícia de Borba, 2023. 103 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. moralismos. 3. feminismo. 4. corpo das mulheres. 5. jornais brasileiros. I. Silva, Carolina Fernandes da. II. Borba, Bruna Letícia de. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física. IV. Título.

Camile Saibert

**POLE DANCE NOS JORNAIS BRASILEIROS:
ENTRE A SENSUALIDADE E A CULTURA FITNESS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Educação Física” e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, com a nota 10.

Florianópolis, 05 de julho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Carolina Fernandes da Silva, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Bruna Letícia de Borba, Ma.
Coorientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Luciana Fiamoncini, Dr.^a
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Djenifer Samantha Marx, Ma.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Liziane Nathália Vicenzi, Ma.
Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que me auxiliaram, de maneira direta ou indireta, a chegar até aqui, e por isso acho que não há nada mais justo do que eu dedicar mais alguns minutinhos de escrita para elas.

Para começar, gostaria de agradecer à minha mãe e ao meu pai, por sempre me incentivarem e me apoiarem em tudo que me proponho a fazer. Vocês me permitiram ser a pessoa que sou e me deram todos os subsídios para isso, me dando acesso a livros, aulas de dança, de música e de inglês desde cedo, bem como me apoiando em todas as minhas peripécias, desde começar a fazer pole dance, depois, a competir, dar aulas, fazer graduação e concluir o TCC (de todas, esta foi a mais angustiantemente longa, ou ao menos foi isso que pareceu!). Vocês são fodas, e eu sou muito sortuda de ter vocês na minha vida. Muito muito muito obrigada!

À minha irmã, eu também devo meus agradecimentos. Você sempre me apoiou nas minhas mil e uma vontades, e, de certo modo, foi quem começou a abrir a minha cabeça para um feminismo menos neoliberal com um presente desprezioso que me destes em algum Natal – aquele livro da bell hooks, que me fez (re)pensar mil e uma coisas. Obrigada por todas as conversas profundas e malucas que você me proporciona, sinto que juntas conseguimos pontuar todos os problemas do mundo e forjar a solução de quase todos (só nos falta o acesso a recursos materiais e humanos, mas isso é puro detalhe rsrs).

Daqui, acho que a próxima pessoa que eu gostaria de agradecer é a minha amiga (e vizinha) de longa data Luiza. Você esteve comigo nos melhor e piores momentos da minha vida, e com certeza, se hoje sou quem sou, é porque tem um pouco (muito) da tua influência. Obrigada por me apoiar na minha trajetória como educadora física e ser quase que a minha assessora de marketing digital!

Saindo da zona pessoal, gostaria de agradecer às pessoas que estiveram em contato mais direto com esse trabalho: minha orientadora professora Carolina Fernandes da Silva, minha Coorientadora Bruna Letícia de Borba, e minha amiga/aluna de pole Bruna Moraes. À Carol, por me apontar esse tema como uma possibilidade quando eu ainda não fazia ideia de qual caminho seguir (ainda que este trabalho tenha sofrido alterações no percurso, a ideia dos jornais foi ponto fundamental e eu nunca teria pensado nisso sozinha); à Bruna Letícia por todas as

tardes passadas na sala do Sôma escrevendo e tirando dúvidas contigo ao lado; à Bruna Moraes, por ter se colocado como uma terceira ajudante e ter me ajudado a acreditar que este trabalho estava realmente bom. A todas, agradeço pelas as correções e sugestões de leitura encaminhadas. Muito obrigada.

Gostaria também de agradecer à universidade pública, por ser esse espaço tão incrível de abertura a novos horizontes, pensamentos, gostos e caminhos. Dentro deste lugar, eu gostaria de ressaltar a importância e agradecer imensamente o Centro Acadêmico de Educação Física, que colaborou muito para a minha formação e me possibilitou aprendizados que eu com certeza não teria tido no eixo formal de ensino, contribuindo de forma gigantesca para a minha formação, tanto à nível acadêmico quanto pessoal. Agradeço a cada uma das pessoas que encontrei neste espaço, e espero que este prossiga sempre (re)existindo e lutando para que a universidade pública continue sendo pública (e que seja cada vez mais valorizada!).

Ainda, muito obrigada à plataforma Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional do Brasil, por ser uma importante fonte da mídia impressa brasileira e ter me fornecido todos os dados utilizados neste trabalho.

Acho que, no fim e no fundo, eu também gostaria de agradecer a mim mesma. Obrigada, eu, por ter feito todas as escolhas (ruins e boas) que me fizeram chegar até aqui. Sinto-me feliz com o trabalho que fiz e com a pessoa que estou me tornando. É isso! “Andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiar...”

“Não há regras....se você for um homem. Se você é uma mulher, você tem que jogar o jogo. Que jogo é esse? Você tem permissão para ser bonita, fofa e sexy, mas não pareça muito inteligente. Não tenha uma opinião. Não tenha uma opinião que não esteja de acordo com o *status quo*, pelo menos. Você tem permissão para ser objetificada pelos homens, e se vestir como uma vadia, mas não aproprie-se dessa vadiagem. (...) Seja quem os homens querem que você seja. E mais importante, seja alguém com quem as mulheres se sintam confortáveis por você estar perto de outros homens.”

Madonna, discurso Billboard (2016)

RESUMO

O pole dance é uma prática realizada em torno de uma barra de aço inoxidável, que utiliza do contato, atrito e oposição com a mesma para criar figuras e movimentações diversas. A origem da prática suscita debates contínuos entre seus praticantes, entretanto, existem registros de que as primeiras pessoas responsáveis por popularizar a mesma ao redor do mundo foram as *strippers*. Trabalhos científicos afirmam que as *strippers* tem suas próprias formas de lidar com o estigma decorrente de seu trabalho, e que o vínculo existente entre a prática do pole dance e as *strippers* possibilita a atribuição de estereótipos também às pole dancers que o praticam buscando outros fins. Neste ínterim, a mídia contribui para a construção de concepções sobre a realidade, podendo reproduzir discursos que os incluam ou os reneguem, de acordo com seus interesses. Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral compreender como o pole dance é vinculado à sensualidade e à cultura *fitness* nos jornais brasileiros nas primeiras duas décadas do século XXI. Assim, este estudo aborda temas que são relacionados ao pole dance como sexualidade feminina e danças sensuais, cultura *fitness* e o esporte. Para tanto, se utiliza de jornais impressos brasileiros que construíram narrativas sobre esta prática, disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira entre os anos 2000 - 2019, e as analisa a partir de questionamentos e reflexões sobre os temas que emergem destas fontes. Para o processamento das informações recorreu-se aos estudos de Laurence Bardin sobre a análise temática. Como resultado, foi notado que, em busca de se desvincular dos estigmas atribuídos ao sensual, praticantes de pole dance e redatoras/es dos jornais acabam por reforça-lo, através da negação/omissão desse aspecto da prática, da criação de divisões entre o “sensual” e o “vulgar”, e da caracterização do pole dance como um exercício físico desvinculado destas questões. Conclui-se que a melhor alternativa seria falar abertamente sobre o assunto e compreender as condições históricas que levaram a sensualidade e a sexualidade das mulheres a ser reprimida, em vista de, enfim, dar um fim à esta estigmatização.

Palavras-chave: moralismos, feminismo, corpo das mulheres, jornais brasileiros

ABSTRACT

Pole dance is a practice performed around a stainless steel bar, which uses contact, friction and opposition with it to create different figures and movements. The origin of the practice raises ongoing debates among its practitioners, however, there are records that the first people responsible for popularizing it around the world were strippers. Scientific works claim that strippers have their own ways of dealing with the stigma resulting from their work, and that the existing link between the practice of pole dancing and strippers makes it possible to attribute stereotypes also to pole dancers who practice it seeking other purposes. In the meantime, the media contributes to the construction of conceptions about reality, being able to reproduce discourses that include or deny them, according to their interests. Therefore, this work has the general objective of understanding how pole dancing is linked to sensuality and fitness culture in Brazilian newspapers in the first two decades of the 21st century. Thus, this study addresses topics that are related to pole dancing such as female sexuality and sensual dances, fitness culture and sport. For that, it uses Brazilian printed newspapers that built narratives about this practice, available in the Hemeroteca Digital Brasileira between the years 2000 - 2019, and analyzes them from questions and reflections on the themes that emerge from these sources. For the processing of information, Laurence Bardin's studies on thematic analysis were used. As a result, it was noted that, in an attempt to detach themselves from the stigmas attributed to sensuality, pole dance practitioners and newspaper editors end up reinforcing it, through the denial/omission of this aspect of the practice, the creation of divisions between the "sensual" and "vulgar", and the characterization of pole dancing as a physical exercise unrelated to these issues. It is concluded that the best alternative would be to speak openly about the subject and understand the historical conditions that led to women's sensuality and sexuality being repressed, with a view to finally putting an end to this stigmatization.

Keywords: moralisms, feminism, female body, brazilian newspapers

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: pole dance na chamada da Retrospectiva do ano de 2008 da cidade do Rio de Janeiro.....	59
Figura 2: primeira ocorrência das palavras “pole dance” em jornais.....	61
Figura 3a: Dica de palavra na cruzadinha: estabelecimento da “pole dance”	68
Figura 3b: resposta da cruzadinha, no entendimento do jornal: “boate”	68
Figura 4 – Chamada de reportagem sobre pole dance destaca: “sem nenhuma conotação sexual”.....	69
Figura 5: Negação do contexto sensual na história do pole dance.....	70
Figura 6 – Trecho de reportagem destacado, jornal Correio Braziliense.....	73
Figura 7 – Chamada de reportagem de pole dance cita “agradar o parceiro” como um de seus objetivos.....	74
Figura 8 – A “origem” do pole dance é pontuada.....	79
Figura 9 – “Origem” do pole dance no Jornal O Boqueirão.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Critérios de inclusão e exclusão do corpus da pesquisa	51
Quadro 2 – Título das reportagens sobre pole dance consideradas no corpus documental..	84-85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Número de ocorrências das palavras “pole dance” por década e total.....	49
Tabela 2. Categorização Inicial das Ocorrências quanto ao seu conteúdo.....	50-51
Tabela 3. Corpus da Pesquisa.....	52
Tabela 4: Número de divulgações de aulas de pole ao longo dos anos.....	84

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 OBJETIVO	18
1.1.1 Objetivo Geral.....	18
1.1.2 Objetivos Específicos	18
1.2 JUSTIFICATIVA	19
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	23
2.1 POLE DANCE: CONCEITOS PRINCIPAIS	23
2.1.1 Pole Exotic	24
2.1.2 Pole Sport	25
2.1.3 Pole Arte	25
2.2 POLE DANCE AO REDOR DO MUNDO	26
2.3 POLE DANCE NO CONTEXTO BRASILEIRO	29
2.4 A SEXUALIDADE DAS MULHERES: MOTIVOS DE SUA REPRESSÃO	31
2.5 DANÇAS E SENSUALIDADE: MORALIDADES HISTÓRICAS E O ESTIGMA DA STRIPPER.....	36
2.6 CORPO DAS MULHERES NO BRASIL: INDÚSTRIA CULTURAL E PRESSÕES ESTÉTICAS/ <i>FITNESS</i>	39
3. METODOLOGIA.....	47
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	47
3.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA	47
3.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES	48
3.4 CARACTERÍSTICAS DOS JORNAIS ANALISADOS.....	53
3.4.1 Jornal do Brasil.....	53

3.4.2 Correio Braziliense	53
3.4.3 A Tribuna	54
3.4.5 O Fluminense	54
3.4.6 Correio do Povo	55
3.4.7 Zero 55	
3.4.8 Jornal do Boqueirão	56
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	58
4.1 A INFLUÊNCIA MUDIÁTICA TELEVISIVA: O CASO DA NOVELA “DUAS CARAS”	58
4.2 POLE DANCE E OS ESTIGMAS ATRIBUÍDOS AO SENSUAL.....	67
4.3 CULTURA <i>FITNESS</i> E CORPO DAS MULHERES: O MARKETING DO POLE SPORT.....	77
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	92

1. INTRODUÇÃO

O pole dance é uma prática que exercita a consciência corporal de suas/seus praticantes através do contato – oposição - atrito constante com uma barra vertical, na qual se realizam, segundo Cinti et al. (2022, p.02) “figuras plásticas, estáticas ou dinâmicas, com elementos da ginástica e acrobacias circenses [bem como floorwork¹ e outros estilos de dança], compondo danças ou sequências de manobras acrobáticas”. Essa prática corporal vem crescendo e ganhando cada vez mais adeptas e adeptos ao redor do mundo, possuindo campeonatos, metodologias, federações e instrumentária próprias.

Ainda hoje, mesmo com a difusão do pole dance como prática esportiva, é muito comum a sua associação com bordéis e bares noturnos. Isso se dá, em parte, devido a sua popularização nos *strip clubs*, das quais as dançarinas performam utilizando a barra como um dos elementos principais das suas apresentações (SILVA, 2016; CURY, 2018, PERES, 2022). Além disso, a mídia teve um importante papel na disseminação da associação da prática do pole dance com as *strippers*, uma vez que em filmes, séries, novelas e afins, a associação era feita de forma estereotipada, e muitas vezes, pejorativa.

No entanto, a prática não se resume a isso, possuindo diferentes vertentes, propósitos e conceituações. De forma resumida, pode-se falar em três vertentes principais, que podem receber nomes distintos a depender dos campeonatos/festivais da modalidade, mas que se referem sempre a um desses três contextos: o sensual (pole exotic), o artístico (pole art) e o esportivo (pole sport) (MURARO, 2016; CURY, 2018; SILVA, 2016; PERES, 2022).

Essas vertentes se caracterizam, respectivamente à ordem citada no parágrafo anterior, por: uma maior valorização da sensualidade, figuras rasteiras, movimentos ondulatórios e fluidez; uma maior expressão artística não sensual, podendo fazer uso de outras danças e expressões artísticas, bem como contar uma história por meio do pole dance; um maior foco

¹ Floorwork pode ser traduzido livremente como “trabalho de chão”. Trata-se de uma técnica de dança realizada principalmente no plano baixo, em que diferentes movimentos se entrecruzam, explorando o contato com o chão. É utilizado com frequência na dança moderna de Martha Graham, bem como no *break dance* (WIKIPEDIA, 2022) e também no pole dance. Em cada uma dessas danças a técnica é utilizada usufruindo da corporalidade específica que as remete, adquirindo expressões e transições únicas.

nas acrobacias e figuras, bem como na melhora do condicionamento físico de modo geral (MURARO, 2016; CURY, 2018; SILVA, 2016; PERES, 2022).

No que se refere ao pole dance como modalidade esportiva, pensando em sua aplicação em estúdios com caráter pedagógico², é uma prática relativamente recente, tendo se popularizado no Brasil na primeira década dos anos 2000, e no mundo entre 1980 e 1990. Desta forma, o que se percebe é uma produção acadêmica ainda incipiente, principalmente no Brasil, conforme relata o artigo de Revisão Sistemática de Cinti et al. (2022).

A história da prática é controversa e suscita debates entre a comunidade do pole dance. Isso porque muitas são as práticas que, ao longo da história da humanidade, se realizaram ao redor de um mastro, o que causa dúvidas acerca do que pode ou não ser considerado parte da história do pole dance; além disso, outro fator que favorece esses debates é a tentativa de uma parte das/dos praticantes em se dissociar do estigma associado às strippers estadunidenses (as principais responsáveis por popularizar a prática de pole dance ao redor do mundo). Nesse sentido, buscam dar maior valorização à contribuição de outras práticas no processo de desenvolvimento da modalidade como forma de se distanciarem do preconceito existente em torno da figura das strippers (CURY, 2018; GÓMEZ-RAMÍREZ, 2007; SILVA, 2016; MENDES; CORTE-REAL; DIAS, 2021;).

Assim, praticantes dividem opiniões acerca da história da prática; de um lado, cita-se algumas práticas acrobáticas e muito antigas do Oriente (como o mallakhamb indiano, que passou a existir em meados do século XII) como origem direta da modalidade; de outro, cita-se uma história mais recente, em que mulheres e danças sensuais acabaram por criar a prática que hoje se denomina pole dance, primeiro nas tendas de circo, depois nos *Music Halls* e Clubes de *Strip-Tease* estadunidenses (CURY, 2018; PERES, 2022; MURARO, 2016).

² Neste trabalho, sempre que a prática pole dance for citada historicamente se referirá à esta formatação específica, em studios e com caráter pedagógico - tendo em vista que a prática como dança utilizada por strippers possui outra cronologia, que também precisa ser melhor estudada.

Deste modo, percebe-se que a associação do pole dance aos clubes de *strip-tease* traz para esta prática um estigma³, o “estigma da stripper”⁴. Esse estigma é gerido pelas pessoas praticantes de pole dance de diferentes formas, muitas delas motivadas pela busca de maior aceitação social (GÓMEZ-RAMÍREZ, 2007).

Além de Gómez-Ramírez (2007), outras autoras também discutiram sobre essa busca da comunidade de pole dance por aceitação social e respeito (PERES, 2022; CURY, 2018), o que sugere que isso é algo bastante recorrente na vida dessas/desses praticantes. Entretanto, há níveis distintos de estigmatização: enquanto o pole sensual é diretamente associado às *strippers*, o pole *sport* pode ser visto como uma vertente “mais séria”, que não favorece a exposição dos corpos (SILVA, 2012; PERES, 2022).

Sobre isto, a dissertação de Silva (2016) (antropóloga que pesquisou sobre o pole dance se inserindo na modalidade através de trabalho de campo, realizando entrevistas, e investigando as redes sociais, bem como “reportagens veiculadas pela mídia”) oferece uma reflexão interessante. Citando a teoria do Bourdieu (1983, p. 32-33), a autora afirma que “o autor argumenta referindo-se a uma dicotomia entre esportes ‘chiques’ e esportes ‘vulgares’, considerando que a procura por esses ‘chiques’ (tênis, golf, equitação etc) seria um elemento de distinção [destes outros]”. Seguindo essa lógica, a autora reflete que, no caso do pole dance esportivo, o simples fato de “ser esporte” poderia ser utilizado por suas/seus praticantes como um elemento de distinção, se distanciando da vulgaridade atrelada ao pole dance sensual e criando uma sensação de hierarquia entre essas vertentes (SILVA, 2016).

Essas nuances relacionadas à busca de aceitação e respeito pela prática em meio à sociedade também podem ser pensadas no contexto de divulgação midiática da mesma, através de análise de como a mídia descreve e opina acerca da modalidade. Nesse ínterim, é válido

³ Um autor acadêmico conhecido por sua contribuição para o estudo e compreensão do estigma é Erving Goffman. Em sua obra clássica intitulada "Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada", publicada em 1963, Goffman explora o conceito de estigma e como ele afeta a interação social e a identidade das pessoas. Goffman descreve o estigma como uma característica que é profundamente desvalorizada em uma sociedade, tornando a pessoa estigmatizada menos aceitável ou normal aos olhos dos outros. Ele discute diferentes tipos de estigmas, como estigmas físicos (por exemplo, deficiências visíveis) e estigmas sociais (por exemplo, pertencer a certos grupos marginalizados). Goffman analisa como as pessoas estigmatizadas gerenciam sua identidade e interagem com os outros em face desses estigmas. Sua obra é considerada uma referência importante para os estudos sociais e tem sido influente na compreensão do estigma e suas implicações nas interações sociais, autoimagem e estruturação das relações de poder.

⁴ Pontuando outros autores que discutem acerca do “estigma da prostituta” (em tradução livre), a autora Gómez-Ramírez (2007) pontua que as pole *dancers* sofreriam de algo semelhante, porém mais relacionado às *strippers*, atribuindo à este fenômeno a denominação “estigma da *stripper*”.

ênfatizar que as pessoas que atuam nas mídias tanto são influenciadas pela cultura que os circunscrevem, quanto são influenciadores da mesma, sendo que interesses mercadológicos sempre podem estar em jogo (BARROS, 2019; WOLF, 2020).

Por mais que o artigo de Cinti et al (2022) conclua que existiam, até então, poucos trabalhos sobre pole dance no contexto brasileiro, em um contexto mais amplo (mundial) os trabalhos de pole dance são inúmeros, e pautam diversos temas. Destes, ao menos dois trabalhos mencionam as mídias e a forma como elas descrevem e discorrem sobre o pole dance.

No trabalho de Silva (2016), autora anteriormente citada, as distinções sobre público e privado são discutidas no âmbito da rede social Facebook, refletindo acerca do que as alunas de pole dance escolhem ou não compartilhar com o público e os seus motivos, como o receio de que as postagens poderiam interferir em sua vida profissional e/ou pessoal. Neste trabalho, há também a análise de publicações sobre pole dance encontradas no âmbito do Facebook, mas como produto do compartilhamento de praticantes da modalidade, gerando uma análise mais focada nos discursos propagados por elas/eles.

Já o trabalho de Cury (2018) utiliza captura de tela de notícias e reportagens sobre pole dance (retiradas de alguns jornais online do Brasil e da Europa) se propondo a analisar a forma como a indústria cultural menciona a prática pole dance. Nele são analisadas em conjunto as manchetes e as fotos publicadas, buscando refletir acerca das diferentes formas como homens e mulheres são retratados e a forma como se pondera acerca do sensual e o do esportivo em ambas as situações [utilizando-se do entendimento de gênero de Butler (2013)]. Ademais, pontua-se acerca de charges e publicações de páginas sobre pole dance no Facebook⁵, debatendo acerca dos estigmas sofridos pela modalidade, as formas como diferentes pessoas lidam com isso, e sobre como as aulas de diferentes vertentes são vendidas com adjetivos específicos, bem como o que esses adjetivos representam.

No presente trabalho, a mídia analisada será os jornais brasileiros demarcados nas primeiras duas décadas do século XXI, o que o diferencia dos demais estudos por trazer uma visão mais sistêmica de como o pole dance foi citado desde o seu surgimento no Brasil (em meados de 2007) até os dias atuais. Os jornais são fontes documentais com características

⁵ Exemplo: página de marcas famosas de produtos e de estúdios de pole dance.

singulares, dentre os quais destacam-se a periodicidade de informações, que permite a análise dos mais diversos temas ao longo do tempo, e o efeito de realidade que exerce na população geral (BARROS, 2019). Neste trabalho, essas duas características permitirão a análise da tematização da prática pole dance ao longo do período escolhido, bem como a reflexão acerca do nível de influência que exerceram na construção de entendimentos sobre a mesma no Brasil. Assim, intenciona-se compreender como o pole dance é vinculado à sensualidade e à cultura *fitness* nos jornais brasileiros nas primeiras duas décadas do século XXI.

Para favorecer uma compreensão plena sobre o tema, questões como o histórico da sexualidade feminina e da sensualidade relacionada às danças, bem como a cultura *fitness*, ideais de corpo e as mulheres, serão pontuados e explorados. Questões que ainda não haviam sido diretamente associados ao pole dance nos estudos anteriores, e que se fazem muito importante para uma maior compreensão da conjuntura social e cultural em que o pole dance se encontra. Para além disso, é válido citar que estes estudos mais críticos eram, em sua maioria, provenientes das áreas sociais (antropologia e ciências sociais principalmente); logo, buscar-se-á também a inclusão da educação física neste espaço, visto que a multidisciplinariedade na pesquisa possui grande potencial para refletir acerca das questões tangentes ao corpo de forma crítica.

1.1 OBJETIVO

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender como o pole dance é vinculado à sensualidade e à cultura *fitness* nos jornais brasileiros nas primeiras duas décadas do século XXI.

1.1.2 Objetivos Específicos

1) Identificar como a prática do pole dance é configurada pelos jornais brasileiros no início do século XXI.

2) Analisar como são estabelecidas relações entre a prática do pole dance e a sensualidade em jornais brasileiros no início do século XXI.

3) Analisar como são estabelecidas relações entre a prática do pole dance e a cultura *fitness* em jornais brasileiros no início do século XXI.

1.2 JUSTIFICATIVA

Eu comecei a fazer pole dance quando eu ainda tinha 15 anos. Quando eu comecei eu não conhecia muitas pessoas que faziam pole dance, muito menos da minha idade. Eu ainda não frequentava muito Florianópolis, ainda estudava em São José e morava na Palhoça, e não sabia da dimensão dessa “comunidade” “polerina”. Minhas ídolas eram todas russas (a principal era Olga Trifonova), e eu não conhecia ninguém brasileiro que me inspirasse além da minha professora.

O interessante de começar com essa idade e nesse contexto diferenciado ao de hoje em dia, em que observo em Florianópolis que muitos círculos sociais (principalmente os de classe média/alta) parecem ter ao menos uma pessoa que pratica pole dance, é que eu consigo lembrar da minha própria ignorância e preconceitos. Eu tinha certo receio de, que de algum modo, eu podia estar sendo levada para uma certa “devassidão” (por pequenas coisas das aulas, como levantar do chão empinando o bumbum, jogar o cabelo e essas coisas). E isso não era melhorado por alguns comentários maldosos e/ou ignorantes, que me deixavam desconfortável, oriundos de familiares e/ou amigos/ conhecidos e desconhecidos. O que nunca me fez parar de praticar foi o apoio que sempre recebi da minha família.

Descobrir o pole dance significou (em minha trajetória de anos de ballet que já não me traziam mais evoluções ou desafios) um novo objetivo de vida e um aumento na autoestima. Passando em poucos meses de aluna para competidora, e depois atleta, vivenciei o auge da minha alegria como praticante, que logo se desfez, devido às lesões sucessivas e ao estresse mental constante. Repensar a prática foi essencial para perceber que eu precisava me reconectar ao meu lado artístico, usufruindo a liberdade criativa que nunca havia presenciado no ballet, me expressando de forma diferente e inovadora. Depois, com meu amadurecimento como pessoa e transformação em instrutora de pole dance em 2021, refletir acerca da sensualidade e

o pole dance se tornou importante. Eu podia não gostar muito da vertente, de modo pessoal, mas como profissional eu precisava, minimamente, dominá-la.

É importante citar aqui que a universidade pública teve um papel fundamental em minhas mudanças de perspectiva ao longo desses anos. Ela me abriu os caminhos (e a cabeça!), me permitindo conhecer outras danças e práticas corporais, outras pessoas e outros pensamentos. Fez-me conhecer o feminismo mais a fundo no Coletivo Feminista da Educação Física, o mundo capitalista neoliberal e a cultura corporal de movimento no Centro Acadêmico de Educação Física, e a América Latina mais a fundo nas aulas e palestras do Instituto de Estudos Latino-Americanos. Isso me permitiu as “viradas de chave” necessárias para eu aproveitar e refletir com gosto os aprendizados que obtive com Isadora Tessari (instrutora de pole dance de Florianópolis) em suas aulas acerca da história do pole dance e suas vertentes, bem como em seu curso de “Técnicas das Danças Sensuais”. Ademais, todos esses aprendizados facilitaram (e muito!) os momentos de leitura e escrita específicos para este trabalho.

Foi assim que fui capaz de refletir sobre o espaço que se atribui ao sensual dentro e fora do pole dance e a importância de se falar sobre a sensualidade, especialmente em meio ao público feminino (tão sexualizado e ao mesmo tempo tão reprimido nessa estrutura contemporânea e patriarcal), bem como acerca de como o esporte e a cultura *fitness* se estruturam em nossa sociedade, se relacionam aos corpos femininos e se colocam no pole dance. Também deu outro sentido às situações que presenciei no meu início como praticante, como mulheres fazendo aulas escondidas de seus pais e de seu círculo profissional.

Todos esses fatores foram decisivos para a escolha desse tema, tendo em vista que transitei por diferentes espaços, “bebi” de diferentes fontes, conversei com pessoas distintas, e amplifiquei as minhas interações sociais através das redes online com pessoas da comunidade do pole dance. Foi por meio deste maior contato com pessoas do pole dance de diversas regiões do Brasil que eu comecei a entender que diferentes pessoas, de diferentes vertentes, tentam contar a história do pole dance de modo que auxilie a fortalecer a sua visão das coisas, sendo as *strippers* sempre o ponto X da questão.

Para além disso, percebi em meus estudos introdutórios sobre o pole dance que existiam poucas publicações acadêmicas sobre a prática, principalmente no contexto brasileiro. Uma revisão sistemática sobre o Pole Dance de Cinti et al. (2022) me confirmou isso depois, bem

como me mostrou, de forma preliminar, a falta de artigos relacionados à compreensão das representações midiáticas e/ou de praticantes sobre a prática e que tematizassem a sexualidade/sensualidade feminina e/ou a cultura *fitness* (de todas as categorias descritas - que são dez -, a que mais se aproximou disso continha apenas dois artigos).

Em buscas mais aprofundadas posteriormente realizadas por mim em diferentes plataformas (Pubmed, Scielo, Lilacs, Google Acadêmico) obtive um número maior de publicações sobre pole dance/ pole dance e estigmas/representações na plataforma Google Acadêmico. Nesta plataforma encontrei, inclusive, estudos oriundos dos mais diversos países (Argentina, Austrália, República Tcheca, Nova Zelândia, Colômbia, Japão e Coreia), o que demonstra como o pole dance vem sendo praticado e estudado dos diferentes lugares do mundo.

Entretanto, mesmo encontrando um maior número de publicações que dialogavam com o meu tema nesta plataforma, percebi que a maior parte se tratava de estudos mais relacionados às áreas sociais, ficando as publicações da área da educação física mais restritas a temas pouco reflexivos acerca das questões sociais e/ou midiáticas que envolvem a prática, tais quais a nomeação e detalhamento dos tipos de pole dance existentes, as progressões de níveis dentro da prática e seus benefícios (PERES, 2022), a reflexão acerca de se o pole dance devia ou não ser considerado um esporte (concluindo que sim, devia, e, neste caso, apenas profissionais formadas/os em educação física deveriam poder dar aulas de pole dance) (SANTOS, 2018) e uma análise dos impactos da realização das aulas de pole dance na saúde sexual das mulheres praticantes (este em formato de artigo, e com conteúdo mais diferenciado) (LESCRECK; SANTOS; PEREIRA, 2022).

Também, percebi que os estudos brasileiros que tematizavam os estigmas haviam procurado publicações online sobre a modalidade, publicações estas mais recentes, datando por volta de 2017/2018, enquanto que a mídia impressa (como os jornais, por exemplo) e mais antiga ainda não havia sido analisada. Nesse sentido, a busca da prática pole dance nos jornais brasileiros virá como um elemento novo, e permitirá uma análise com maior delimitação temporal, permitindo investigar, inclusive, como foi a divulgação de uma novela que influenciou toda a popularização da prática no país e o que ela representou para a época.

Por fim, para além do preenchimento desta lacuna em estudos científicos, esta pesquisa visa contribuir com a comunidade do pole dance no contexto brasileiro, em um avanço na compreensão popular e entre praticantes da modalidade, acerca de como foram construídos os

ideais de sexualidade feminina no mundo, como os jornais incorporaram (ou não) estes ideais em suas citações ao pole dance, e porque que, ao invés de desejar se afastar do estigma da *stripper*, talvez o melhor dos caminhos é compreender que o próprio estigma é errôneo, patriarcal e moralizante, e buscar ressignificá-lo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão está estruturada na forma de capítulos, de modo a ambientar as leitoras/os leitores inicialmente com a prática pole dance, conceituando-a e relatando sua história no mundo e no Brasil, para, em seguida, aprofundar nos conceitos que orientam a análise crítica e temática das informações obtidas nos jornais. Nesta parte será pontuada, num primeiro momento, a história da sexualidade feminina e os motivos de sua repressão, bem como os estigmas atribuídos às danças sensuais no ocidente, auxiliando a compreensão de certos entendimentos sobre o pole dance, e em seguida, se abordará o corpo da mulher, a indústria cultural e cultura *fitness*, auxiliando a compreensão de como a concepção de “beleza” relacionada às mulheres foi se transformando ao longo do tempo para assumir sua forma contemporânea. Todos esses temas darão subsídios para a posterior análise e interpretação dos dados obtidos na pesquisa.

2.1 POLE DANCE: CONCEITOS PRINCIPAIS

O pole dance é uma prática que utiliza o contato – oposição - atrito constante com uma barra vertical para realizar “figuras plásticas, estáticas ou dinâmicas, com elementos da ginástica e acrobacias circenses, compondo danças ou sequências de manobras acrobáticas” (CINTI et al, 2022). Essa prática vem crescendo e ganhando cada vez mais adeptas e adeptos ao redor do mundo, possuindo campeonatos, metodologias, federações e instrumentária próprias.

O pole dance é comumente associado no imaginário popular às strippers estadunidenses e seus shows em boates (por conta de sua história, o início de sua popularização como prática sistematizada e afins, que serão melhor detalhados nos subcapítulos posteriores). Entretanto, por mais que ocorra essa associação, a mesma não retrata a total realidade do pole dance nos dias atuais. Isso porque, com o passar dos anos, a formação de estúdios⁶ e o aumento no número

⁶ Nome comumente dado aos locais em que se realizam aulas de pole dance.

de praticantes⁷, a modalidade passou a se diversificar, integrando movimentos e conceitos de outras práticas, danças, manifestações corporais e artístico-expressivas, aumentando as suas possibilidades.

Atualmente, o pole dance pode ser considerado uma dança/arte sensual, uma dança/arte não-sensual e um esporte/ forma de exercício físico. Essas formas de se enxergar a modalidade caracterizam vertentes, que são utilizadas principalmente em eventos da modalidade, denominadas de pole sensual (ou pole *exotic*), pole arte (ou pole *art*) e pole esporte (ou pole *sport*) (CURY, 2018). A seguir, é apresentado um resumo das principais características de cada uma.

1.1.3 Pole Exotic

Pole Exotic é a vertente mais sensual da modalidade, e a que mais se assemelha ao que boa parte da população em geral pensa quando ouve o termo “pole dance”. Por ser mais semelhante e, inclusive, por estar até hoje presente em muitas apresentações de strippers mundo afora, é a vertente que mais sofre preconceitos. Muitas pessoas (praticantes e não praticantes) acham que é a forma de pole dance mais fácil, reproduzindo a visão estereotipada e preconceituosa de que é uma dança que “só precisaria rebolar!”, (SILVA, 2016, p.35-36; CURY, 2018, p.50-51) o que na prática não se comprova. É uma vertente tão difícil quanto as demais, possuindo três sub-vertentes, *flow*, *old school* e *hard*, (EXOTICGENERATION, s.d.) e uma infinidade de elementos de transição, giros e técnicas corporais.

Nesta vertente se trabalham muitas figuras e transições no chão (“*floorwork*”), trabalho de pernas (“*legwork*”), ondulações de corpo (“*bodywave*”) e jogadas de cabelo, aliados a “truques e acrobacias de alta complexidade sobre sapatos de salto alto, incorporados a movimentos dançantes e fluidos”(LESCRECK; SANTOS; PEREIRA, 2022). Ademais, essa vertente também se caracteriza por movimentos realizados nos planos médio e baixo, ou seja, com poucas movimentações acrobáticas e dançantes no ponto mais alto da barra.

⁷ É possível observar esse crescimento em termos numéricos através de dados obtidos no site oficial da Federação Internacional de Pole *Sports*. Segundo informações retiradas da sessão “A história do pole *sport*”, “o primeiro Campeonato Mundial de Pole *Sport* ocorreu em 2012 com apenas 43 atletas de 14 países; 5 eram homens. (...) Apenas 5 anos depois, em 2017, houve um aumento de participação mais de 80% na categoria juvenil; no total 229 atletas de 36 países competiram (...)” (POLE *SPORTS*, 2015).

O maior campeonato da modalidade é o Exotic Generation, que existe desde 2016 e reúne artistas de todo o mundo em torno do pole sensual. Na edição mundial de 2020, na Rússia, Renan Leal, pole dancer⁸ do Brasil ganhou o primeiro lugar geral (EXOTICGENERATION, s.d.).

1.1.2 Pole Sport

O Pole Sport é uma vertente mais recente que a anterior. Como seu próprio nome sugere, trata-se de uma vertente esportiva, em que o foco está nas acrobacias, travas e giros que o pole dance oferece. As aulas de pole sport enfocam na técnica para executar os movimentos, bem como o fortalecimento e o alongamento necessários para se alcançar as figuras e movimentos pretendidos.

Essa vertente conta com diversas Federações e Campeonatos a nível nacional e internacional. Esses campeonatos contam com regulamentos extensos, alto nível de cobrança técnica, normas acerca do tamanho das roupas, uso de acessórios, estilo da música e afins. As principais Federações Internacionais de Pole Dance e que organizam os principais campeonatos mundiais da modalidade são a POSA (Pole Sports and Arts World Federation) e a IPSF (International Pole Sport Federation) (POSA WORLD, 2023; POLE SPORTS, 2015).

1.1.3 Pole Arte

O Pole Arte é a vertente do pole dance que busca trabalhar a expressão artística (não-sensual) de suas/seus praticantes (SANTOS, 2018). Nesta vertente é mais comum ver a mistura de elementos de outras danças e expressões artísticas, como a dança contemporânea, o jazz, o hip hop, a palhaçaria e afins.

Nas competições e festivais de Pole Arte o objetivo é emocionar e sensibilizar o público, podendo ter a obrigatoriedade de “contar uma história” por meio da coreografia, como é o caso

⁸ Denominação dada à/ao praticante de pole dance.

da categoria “Pole Drama”, ou de fazer a plateia rir, como é o caso da categoria “Pole Comedy”, ambas referentes ao campeonato “Pole Theatre” (POLE THEATRE BRAZIL, s.d.). Nessas competições a perícia técnica/acrobática também é levada em consideração, porém não é o único critério, nem o mais relevante. Geralmente os regulamentos são muito menores do que os dos campeonatos esportivos, e há um maior grau de liberdade quanto ao vestuário, música e semelhantes.

Essas vertentes, além de ajudarem a classificar os campeonatos e festivais de pole dance, também são utilizadas como base para a venda de aulas. Por mais que existam variações entre estúdios, uma boa parte dos quais divulgam as aulas de pole dance de forma separada, com aulas de “pole exotic/sensual”, “pole *fitness*” e “pole flow/ pole coreográfico” (respectivamente, pole sensual, pole esporte e pole arte), o que possibilitam às a aos alunos optarem pelo que tiverem mais interesse (PERES, 2022).

2.2 POLE DANCE AO REDOR DO MUNDO

Ao longo da história da humanidade as pessoas se reuniram ao redor de mastros pelos mais variados motivos, seja para celebrar a entrada da primavera e a fertilidade (Maypole), a independência do país (Indonésia e o Panjat Pinang), fortalecer lutadores (Mallakhamb) ou maravilhar um público (Mastro Chinês) (CINTI et al., 2022; LESCRECK; SANTOS; PEREIRA, 2022; PERES, 2022). Deste modo, torna-se difícil identificar uma linha histórica do pole dance como prática, bem como em falar de uma origem exata (assim como acontece com diversas outras práticas corporais, esportes e danças). Entretanto, esse assunto é alvo de grandes debates travados entre as e os praticantes de pole dance.

Sucintamente, podemos dividir as/os pole dancers em dois grandes grupos de pensamento. Um destes grupos (mais vinculado ao pole esporte) defende que a origem do pole dance remete a algumas práticas antigas e essencialmente acrobáticas, geralmente citando o Mallakhamb indiano e o Mastro Chinês (ambos do século XII). O outro grupo (mais vinculado ao pole sensual e artístico) defende o papel das strippers estadunidenses nesse processo, que se valem da soma de elementos prévios, como a cultura burlesca, as dançarinas *Hoochie Cocchie* e o *Tour de Fairs*, que serão melhor retratadas adiante (CINTI et al., 2022; LESCRECK; SANTOS; PEREIRA, 2022; PERES, 2022; MURARO, 2016; GAIA POLE, 2019).

É importante frisar que boa parte da mídia comum e dos sites de pole dance relata a origem do pole dance conforme a história propagada pelo primeiro grupo (pole sport). Entretanto, independentemente da origem ou história disseminada, é válido ressaltar que não foi encontrado - até a conclusão deste trabalho - nenhum site ou documento acadêmico que faça menção à uma fonte inicial, que tenha dado base para todas essas publicações e falas sobre o tema. Dito isto, segue abaixo um resumo dos principais marcos relacionados ao pole dance suscitados primeiramente por praticantes da vertente esportiva e, em seguida, da vertente sensual.

A primeira prática citada como influenciadora da origem do pole dance no mundo costuma ser o Mallakhamb indiano. Trata-se de uma ginástica muito antiga, existente desde meados do século XII, realizada em um tronco de madeira de diâmetro bem superior ao das barras de pole dance atuais e com uma bola de madeira no cume. Em suas origens, o Mallakhamb era praticado unicamente por homens, visando “fortalecer lutadores”, enquanto sua outra versão, o “Rope Mallakhamb” (realizado em uma corda suspensa) seria realizado apenas por mulheres (MURARO, 2016; CINTI et al., 2022).

Uma segunda referência geralmente relacionada a possível origem do pole dance, e muito divulgada, é o Mastro Chinês. O mastro chinês consiste em um mastro de metal emborrachado de vários metros de altura onde se realizam figuras acrobáticas de alta complexidade. É uma modalidade presente no Circo Imperial Chinês há muitos séculos, e também com alto teor de acrobacias, incluindo pouca dança (MURARO, 2016; CINTI et al., 2022).

Já a referência relacionada ao início da história da dança sensual ao redor de um mastro data de meados da década de 1920, período em que ocorre a primeira associação das danças sensuais com um mastro. Relata-se que neste período surgiram, nos Estados Unidos, as dançarinas “eróticas” *Hoochie Coochie*, nome este que todas as publicações dizem ter surgido da performance de dança dessas mulheres, caracterizada por muitos movimentos de quadril (MURARO, 2016; GAIA POLE, 2019; LESCREECK; SANTOS; PEREIRA, 2022). Entretanto, pouco se sabe sobre estas mulheres de fato, visto que é muito difícil encontrar registros que falem com mais profundidade de sua existência sem estar associada diretamente à história do pole dance em sites e artigos em geral. Um fato curioso, é que o termo *hoochie*, em inglês,

significa “vadia”, fator que nunca é mencionado em publicações sobre o assunto, e que suscitam reflexões acerca do que realmente significava e representava o nome deste grupo.

De qualquer modo, diz-se que essas dançarinas faziam suas performances em pequenas tendas nos “*Tour Fair Shows*” dos Estados Unidos, um tour de circo criado após a Grande Depressão Norte Americana de 1929. Nesses tours aconteciam diversos shows simultâneos, separados por tendas. Os shows mais sensuais acabaram acontecendo próximo às barras de ferro que sustentavam a estrutura, e essas mulheres passaram a realizar alguns movimentos ao redor das mesmas. Depois disto, nenhum registro histórico consegue comprovar como foi, exatamente, a disseminação desta movimentação criada nos clubes de strip-tease estadunidenses. Porém, infere-se, a partir da literatura (escassa e não muito aprofundada), que esses movimentos passaram a se disseminar nos Music Halls estadunidenses, espaços existentes desde o século XIX e que ofereciam entretenimento popular com música e espetáculos diversos, juntamente ao uso de bebidas alcólicas (algo bem diferente dos teatros formais da época) (MURARO, 2016; GAIA POLE, 2019; LESCREECK; SANTOS; PEREIRA, 2022).

Assim, a movimentação ao redor de um poste de sustentação de uma tenda de circo poderia ter sido apropriada, possivelmente, por mulheres artistas⁹ que reacendiam a arte burlesca nos Music Halls estadunidenses. Deste modo, o burlesco, arte performativa transgressora e, “que subverte ideias preconcebidas e preconceituosas sobre os corpos, as formas de desejo e a feminilidade” e que muitas vezes possui o strip-tease como um marco na performance, com cunho político (MURARO, 2016; PITHAN, 2019), poderia ter percebido o poste como um novo elemento de performance. Assim, amalgamar-se-iam, os clubes noturnos, o strip-tease, o poste e as mulheres de um modo único: o pole dance. Entretanto, mais documentos e pesquisas acadêmicas históricas são necessárias para se compreender essa conexão.

Foi apenas em 1994 que a prática começou a ser sistematizada, através da atuação da ex-stripper canadense Fawnia Mondey. Fawnia criou a primeira metodologia de ensino conhecida da prática, popularizando-a através da comercialização de seus DVDs, com aulas de pole dance e de strip-tease. Muitas mulheres da época compraram o DVD para aprender a dançar para seus maridos, mas aos poucos os estúdios de pole dance foram tomando força, com

⁹ Segundo Muraro (2016), a arte burlesca francesa do século XVI teria ressurgido nestes espaços.

as strippers e ex-strippers se tornando as primeiras professoras. Consequentemente, os campeonatos foram surgindo e o pole dance evolui para o que vemos atualmente. (GAIAPOLE, 2019; MURARO, 2016; SANTOS, 2018). Desta forma, é possível perceber a importância e influência das strippers na história e no desenvolvimento do pole dance como prática corporal exercida ao redor do mundo.

2.3 POLE DANCE NO CONTEXTO BRASILEIRO

A popularização¹⁰ do pole dance como prática no Brasil se dá em meados de 2007, a partir do aparecimento da prática na novela “Duas Caras”, da Rede Globo, em que a atriz Flávia Alessandra interpretava Alzira, uma mulher que se sustentava de dia como enfermeira e de noite fazendo shows em uma boate (SANTOS, 2018; SILVA, 2016). Segundo estudo de Silva (2016), Flávia Alessandra aprendeu pole dance com Alexandra Valença, que era da dança de salão e descobriu o pole dance com uma *stripper* tcheca, que contou a ela como o pole dance era diverso e complexo, e como a prática estava sendo disseminada ao redor do mundo. Isso também comprova a importância das *strippers* nos primórdios da introdução do pole dance em nosso país.

A influência das novelas na vida da população brasileira favoreceu o seu nível de importância na disseminação da prática. Conforme aponta Almeida (2018), a influência das telenovelas na sociedade brasileira passou a aumentar após o início da ditadura, pois o governo militar “começou a subsidiar a compra de aparelhos de televisão com um sistema de crédito. Além disso, criou o Ministério das Comunicações”, bem como decretou a isenção de impostos de importação sobre equipamentos para as empresas de rádio e televisão. Este impulsionamento de infraestrutura midiática também é citado em Lopes (2003, p.20), que afirma que, neste período, o Estado passou a ver as telecomunicações como um “(...) elemento estratégico na política de desenvolvimento, integração e de segurança nacional do regime”.

¹⁰ Destaca-se a palavra “popularização”, tendo em vista que antes dessa data já haviam pessoas dando aula no Brasil, porém a prática era pouco conhecida. À exemplo, Verona, professora de pole dance consultada pelo jornal A Tribuna em sua reportagem sobre o pole dance, afirma que dava aulas desde 2006 - e que, por conta do desconhecimento da população e do preconceito, dava aulas em ambientes fechados e sem muita divulgação (COSTAS, 06/01/2013, p.08).

Foi esta época de surgimento da TV Globo, que teve um papel fundamental no desenvolvimento das novelas. A TV Globo criou um novo formato de programação, que incluía a transmissão de um telejornal (o da noite) entre duas novelas: o “horário nobre”. Para Assunção (2014, p.11; apud BOLAÑO, 2005), foi esse modelo de horário, o “nobre”, que “criou nos brasileiros o hábito de assistir televisão”, e, em especial, as novelas. Ademais, a Globo também mudou o paradigma de criação das novelas, fugindo um pouco das novelas do tipo “mexicana” e passando a trabalhar uma trama mais “real”, com cenas ambientadas no contexto contemporâneo e nacional. Isso fez desenvolver-se, no Brasil, uma criação nacional mundialmente reconhecida de novelas (que passaram a ser posteriormente exportadas para inúmeros países), o que também favoreceu a conexão entre público e narrativa (LOPES, 2003, p.24).

Entretanto, por mais que a novela “Duas Caras” tenha tido a sua importância em criar um imaginário popular em torno da prática, o principal nome de referência que boa parte das/dos praticantes da modalidade têm em mente como sendo a precursora da prática aqui no Brasil é a instrutora Grazieli Brugner (conhecida como Grazy Brugner). Grazy abriu o primeiro estúdio de pole dance do Brasil (em Curitiba) um ano após a novela “Duas Caras” ter sido transmitida na TV, organizando também, no mesmo ano, o primeiro Campeonato Brasileiro de Pole Dance (SILVA, 2016; CURY, 2018). Além disso, “a referida professora foi pioneira ao criar e registrar na Biblioteca Nacional do Brasil, em dezembro do ano de 2008, sua metodologia de ensino de pole dance para curso de capacitação de instrutores” (PERES 2022).

Segundo entrevistas feitas à TV e que contaram com a participação de Grazy - coletadas por Silva (2016) em seu estudo -, a mesma é formada em educação física e era administradora de uma academia de musculação e ginástica antes de conhecer o pole dance através do YouTube¹¹, onde procurava por novas tendências de atividades físicas. Grazy afirma que conheceu a modalidade um pouco antes da mesma ser popularizada através da novela, e que o pole dance na Argentina já existia há mais tempo do que no Brasil, o que fez com que se especializasse no Art Dance Studio, localizado em Buenos Aires.

Em 2009 foi criada a Federação Brasileira de Pole Dance (FBPOLE), no mesmo ano em que surgiu a IPSF (Federação Internacional de Pole Sports) (FBPOLE, [20--]; POLE SPORTS,

¹¹ Plataforma de vídeos online de amplo alcance mundial.

2015). No site da FBOLE, afirma-se que a mesma foi responsável por uma série de “pioneirismos na área”, tendo sido a primeira federação a “criar para os campeonatos no Brasil e no exterior um Código de Regras e Arbitragem - com todos os movimentos de Pole já conhecidos e executados – além de atribuir um valor técnico a cada um deles”, bem como por ter realizado “um dos maiores campeonatos de pole que o mundo já teve”, a Pole World Cup, cuja primeira edição ocorreu em “2011 e contou com a vinda de 68 atletas oriundos de 14 países”. Outro fato curioso acerca do Brasil é que o país, segundo Peres (2022) “foi o primeiro (...) da América Latina a incluir os homens numa competição internacional de Pole Dance”.

Assim, percebe-se que a história do pole dance no Brasil é recente, e provavelmente muito influenciada, em seus primórdios, pelo pole dance esportivo, tendo em vista que, diferentemente de outros países, a prática aqui teve início já em um contexto de esportivização crescente do pole dance pelo mundo. De qualquer modo, atualmente existem nomes nacionais de destaque em todas as vertentes, bem como dezenas de campeonatos e festivais em todas as regiões do país.

Entre as dezenas de campeonatos e festivais existentes, pode-se citar o Pole Theatre Brasil (que envolve mais o pole arte e sensual), o Campeonato Brasileiro de Pole Sports e o Arnold Classic Brasil (referentes ao pole dance esportivo), bem como inúmeros festivais e pequenos campeonatos, como o Lagos Pole Festival (do Rio de Janeiro), o Festival Pole POA (de Porto Alegre), Festival Oxente (da Bahia), e o Exotic Generation Latam, que é um festival internacional de Exotic Pole Latino-americano, do qual muitas/os artistas brasileiras/os participam. Já as e os artistas e atletas são inúmeros, alguns se enquadrando em ambas as definições. Dentre elas/es, podemos citar: Roberta Martins (arte e sensual), Renan Leal (sensual), Júlio Peixoto (arte), Guilherme Ambrósio (esporte e sensual), Wes Marques (sensual), Marina Dall’Acqua (sensual e esporte), Isis Maia Bello (sensual e arte), e Alessandra Rancan (esporte e arte).

2.4 A SEXUALIDADE DAS MULHERES: MOTIVOS DE SUA REPRESSÃO

Como visto até então, o pole dance é uma prática marcada por diversos estigmas associados à sua história, às danças sensuais e às strippers. Sendo assim, o ponto de partida

deste eixo é entender como estes estigmas se instituíram, e como foi definido que o sexy e o sensual eram vulgares.

A Sexualidade pode ser descrita como um domínio da experiência humana, que inclui atos, desejos e prazeres. E, “tal como acontece com outros aspectos do comportamento humano”, a sexualidade, sua performance e entendimentos passam por construções sociais, como afirma Rubin:

(...) as formas institucionais concretas de sexualidade em qualquer momento e lugar são produtos da atividade humana. Eles estão imbuídos de conflitos de interesse e manobras políticas, tanto deliberadas quanto incidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político (2006, p. 143).

Avançando nesse sentido, pode-se dizer que o primeiro grande marco vinculado à regulação da sexualidade em nossa sociedade¹² está associado aos ideais difundidos pela Igreja Católica ainda no período medieval (FEDERICI, 2017; BARRETO; CECARELLI, 2015; REZENDE; GONÇALVES, 2018). Foi nesta época que o sexo passou a ser colocado como ponto central de discussão, (rotulado como “o pecado original”), tendo as mulheres como alvo principal das novas moralidades sexuais. De um lado via-se a figura mítica de Eva, ser advindo da costela do homem (e, portanto, secundário), que teria provado do “fruto proibido” sendo expulsa do Jardim do Éden; do outro lado via-se Maria, a “mãe de Deus”, agraciada com a graça do Espírito Santo, e tendo como característica central a sua imaculada virgindade (BARRETO; CECARELLI, 2015).

Neste período passaram a circular os “penitenciais [paenitentiali], manuais que começaram a ser distribuídos no início do século VII como guias práticos para os confessores” acerca do que se poderia ou não fazer no sexo. A Igreja passou a prescrever “detalhadamente as posições permitidas durante o ato sexual (na verdade, só uma era permitida), os dias em que se podia fazer sexo, com quem era permitido e com quem era proibido” – e, a partir de então, o sexo dito “não procriador” passou a ser condenado, dando início também a condenação da homossexualidade. A partir do século XII essas imposições, além de serem morais, também passaram a obter valor legal, com a sua incorporação à Lei Canônica. Essa

¹² Neste trabalho, a referência de sociedade e sexualidade são as estruturadas em uma conjuntura Ocidental.

mudança transformou a sexualidade em um assunto também de governo (FEDERICI, 2017, p. 80-82).

A obra “Calibã e a Bruxa” (2017), da filósofa italiana Silvia Federici, é de extrema importância para tecer os rumos históricos que ocasionaram na repressão da sexualidade das mulheres na contemporaneidade. A autora nos explica que a politização da sexualidade feminina foi um processo de controle social e reprodutivo exercido pela Igreja Católica, do qual visava, através do discurso religioso, uma dominação e reorganização social baseada no capitalismo e patriarcado. Esse contexto presente no final da Idade Média e início da Idade Moderna construiu uma visão acerca do corpo e da sexualidade feminina, associada ao pecado, repleta de tabus e preconceitos, visões e estereótipos que refletem, ainda hoje, em como a sociedade vê e julga a conduta feminina.

Dentro deste período, Federici (2017) reflete acerca da importância da “caça às bruxas”, período marcado pela perseguição, julgamento, tortura e assassinato em massa de mulheres devido aos seus supostos “comportamentos”. Segundo ela (2017) as mulheres eram vistas como bruxas por, dentre outros fatores, conhecerem as ervas medicinais e usá-las a seu favor como forma de controle da gravidez (aborto) por terem relações sexuais não vinculadas ao matrimônio e, de maneira geral, por realizarem sexo com a prerrogativa do prazer, e não da reprodução.

A preocupação com a reprodução, realizada pelos corpos das mulheres, também favoreceu a imposição de maiores moralidades sexuais a estas. A importância deste tema, na época, se dava principalmente devido a dois fatores. O primeiro se relacionava com a diminuição populacional sem precedentes decorrente da peste negra, que o Estado via com preocupação, já que, à época, “uma população numerosa” era vista como base fundamental constituinte da “riqueza de uma nação”. A partir de então, o aborto passou a ser compreendido como um crime contra a reprodução e à taxa de natalidade dos países europeus (FEDERICI, 2017, p. 326-327).

Já o segundo fator se relaciona com uma nova preocupação com a terra, que não era mais vista como um bem comum, e sim como propriedade privada (FEDERICI, 2017). Como consequência disso, o sexo pelo prazer também passou a ser cada vez mais condenado, pois a propriedade privada da terra passou a gerar preocupações acerca dos laços de parentesco entre

os filhos das mulheres, tendo em vista que o terreno e a herança agora tinham uma destinação definida e patriarcal:

Mas foi preciso que as mulheres efetuassem a passagem ao casamento sindiásmico para que os homens introduzissem a estrita monogamia, com efeito, somente para as mulheres. E isso foi possível por que no matrimônio sindiásmico, além da verdadeira mãe, passa a existir a figura do verdadeiro pai, que torna-se o proprietário, não só da sua força de trabalho, mas dos meios de produção e dos escravos. E à medida que a posição do homem ganha mais importância em função do aumento das riquezas, tal vantagem passa a interferir na ordem da herança e da hereditariedade, provocando a abolição do direito materno em substituição à filiação masculina e ao direito hereditário paterno (ENGELS, 1884, apud MARCASSA, 2006, p. 86).

Um adendo pode ser feito a fim de destacar ainda mais a importância da influência religiosa sobre a sociedade e sua maneira de enxergar a sexualidade, trazendo como base um ponto central do artigo de Filho (2011), denominado “Deuses que dançam: da “topia” dos orixás à utopia tópica cristã”. Neste artigo, Filho (2011) pontua como que as religiões dos povos africanos se relacionavam com o corpo e a sexualidade, que difere bastante da forma cristã de se observar tais elementos. Segundo ele, “na religião dos orixás, o corpo é a morada da vida: os deuses dançam, cantam, comem e fornicam” (FILHO, 2011, p.53). Logo, nesse contexto a sexualidade não é vista como imoral, e sim como parte, como algo existente e também importante. O autor relata, através de seu entendimento próprio da obra de Reginaldo Prandi (2001), um dos mitos dessa religião, que evidencia, por si só, a diferença ideológica desses povos em relação à cultura que dominou.

(...) o caso do mito Oxaguiã devolve o sexo aos homens, (...) narra como os tabus e a sua ruptura se dão pelo corpóreo. Nesse mito, os humanos são infelizes porque, sem a sexualidade, perdem a sensualidade – e são impedidos de cantar e dançar: de viver. Oxaguiã, para fazer voltar a força vital aos humanos, lhes devolve o sexo e, com ele, a alegria de viver corporalmente, sensualmente (PRANDI, 2001, apud FILHO, 2011, p. 56).

É importante citar também que a ideologia cristã foi utilizada como arma ideológica de dominação durante a conquista do dito “Novo Mundo”, com a catequização sendo imposta como forma de “lavar as almas impuras”. Os povos indígenas e africanos foram rotulados como “não civilizados” (SILVEIRA; ALMEIDA; MEDEIROS, 2022) e as mulheres negras como “promíscuas”, discurso que facilitou o estupro em larga escala efetuado pelos homens brancos colonizadores (DAVIS, 2016, p. 108).

Posteriormente essa compreensão das diferenças ideológicas entre povo dominador e dominado serão importantes para se compreender a estigmatização dos corpos dançantes e

sensuais. Por ora, entretanto, enfocarei mais um pouco na evolução da compreensão da sexualidade em nossa cultura Ocidental. Essa história perpassa, como já visto inicialmente, a religião, mas depois se sustenta em outra instituição poderosa e construtora de narrativas: a Ciência.

Como apontado no artigo de Mottier (2012)¹³ intitulado “A invenção da Sexualidade”, depois da visão moral/religiosa houve a passagem para a visão médica/biológica, também limitante da sexualidade, mas com novos elementos, todos trazidos à tona devido ao maior desenvolvimento científico e à maior influência da Ciência como instituição. A partir de então, as diferenças biológicas entre homens e mulheres passaram a ser cada vez mais estudadas e utilizadas para se reforçar diferenças sociais e culturais. A reprodução também assumiu um papel de destaque, mas agora com influências do pensamento Darwiniano aplicado ao contexto social, suscitando preocupações em torno da hereditariedade, degeneração e raça. Outro ponto que passou a impulsionar as pesquisas sobre o sexo foi a “a crescente preocupação com a saúde pública, em particular com a prostituição, a higiene pessoal e as doenças venéreas” (MOTTIER, 2012, p.25).

Uma característica crucial desse novo período, como bem destacado por Mottier (2012, p. 26), foi a “biologização das diferenças de gênero e das hierarquias de gênero” em que as “afirmações sobre a inferioridade biológica das mulheres foram variadamente baseadas na amalgamação da feminilidade com a maternidade”. Além disso, as “diferenças biológicas inatas” também passaram a identificar diferenças nas necessidades e comportamentos sexuais de homens e mulheres (MOTTIER, 2012, p. 26-27). Nesse sentido, conforme pontuado pelo psiquiatra Krafft-Ebing, no século XIX, homens eram vistos como “naturalmente ativos e agressivos”, enquanto as mulheres e sua sexualidade eram

conceitualizada[s] como uma resposta passiva aos instintos masculinos. Acreditava-se que a sexualidade feminina era impulsionada principalmente por fatores reprodutivos e maternos. Mulheres eram retratadas como tendo uma preferência natural pela monogamia, enquanto a promiscuidade masculina era causada pelas “demandas sexuais da natureza masculina (EBING, 1889, apud MOTTIER, 2012, p.27).

Sendo assim, muitas questões referentes à sexualidade “feminina” não evoluíram muito da passagem da moral cristã para o pensamento médico/biológico; mulheres desviantes, com a

¹³ Baseado, em muitos momentos, em Foucault (1990; 2004).

sexualidade ou sensualidade afluada, continuam sendo relacionadas a adjetivos estereotipados e pejorativos, como “putas”, “promiscuas”, “vulgares”, entre outros. Ademais, mulheres que trabalham com a comercialização do sexo continuam a ser diminuídas por seus trabalhos, enquanto os homens frequentadores destes espaços pouco tiveram que lidar com qualquer estigmatização.

Isso tudo é especialmente importante para compreender os estigmas relacionados à prática do pole dance existente desde o início da sua popularização até a atualidade. Entende-se que, através dessa linha histórica traçada, é possível compreender por que uma prática realizada por mulheres e que pode favorecer o seu autoconhecimento sensorial e sensual passa por tantos estigmas e falta de respeito social, bem como porquê a representação da stripper (uma simples trabalhadora que trabalha com o sensual e, por vezes, escolhe vender o seu corpo) causa tanta repulsa.

2.5 DANÇAS E SENSUALIDADE: MORALIDADES HISTÓRICAS E O ESTIGMA DA STRIPPER NO POLE DANCE

Como visto até então, a visão do corpo associado ao pecado, e o corpo da mulher associado à passividade se relacionam, respectivamente, aos moralismos e ideais da Igreja Católica e à ideologia médica/biológica de corpo que passou a dominar a partir da Revolução Industrial, com o declínio da influência religiosa na vida das pessoas comuns. O corpo, o sexo e o sensual foram frequentemente diminuídos, rotulados e renegados em ambas as circunstâncias para as mulheres. Assim, a dança, genuinamente corpórea e expressiva, também foi alvo de ataques.

Consequentemente, o início da inferiorização das danças e sua posterior moralização pode ser relacionado também à influência cultural Católica/cristã. Segundo a autora Couto (2013), a Igreja, em seu esforço de combate à heresia, necessitou realizar uma negação sistemática do paganismo, e, portanto, também da dança. Isso se deve ao fato de que, desde a “antiguidade e entre as culturas pagãs a dança sempre esteve estreitamente relacionada ao culto às divindades”, assim, “[...] a dança ritual foi excluída da liturgia cristã a fim de evitar confusões e a heresia” (COUTO, 2013, p.3).

Entretanto, como afirmado por Paul Borcier (2001), outros motivos deveriam haver para essa negação da dança, pois se fosse simplesmente pelo seu teor pagão a Igreja teria a introduzido e convertido aos seus valores, como o fez com outros elementos da figura pagã. Para ele, a verdadeira motivação seria o controle:

É interessante perceber que, sendo o corpo um recurso obrigatório da dança, aceitá-la como ritual sagrado ou como prática integrada à liturgia cristã significaria dar vazão a poderes pouco controláveis e a sensações moralmente reprováveis provocadas pelos movimentos do corpo, que ameaçam tanto aquele que executa quanto aquele que contempla a dança (BORCIER, 2001, apud COUTO, 2013, p. 4).

Logo, a dança poderia provocar certas sensações que não eram bem vistas do ponto de vista moral, como o desejo sexual e a sensualidade¹⁴. Por este motivo, mudou de formato para adquirir, com o tempo, um caráter cada vez mais teatral, com a sua prática deslocando-se dos rituais místicos e do prazer para um exercício rígido de facilitação da distinção social entre a nobreza e o clero (COUTO, 2013).

A dança, a partir de então, passou por um processo de metrificacão e codificacão detalhado, baseando os gestos e movimentos do corpo à métrica da música e da poesia e assumindo de vez a denominaçãõ “dança erudita”. Segundo Couto (2013, p.6), estabelece-se entãõ “uma clara diferenciaçãõ entre nobreza e vulgo a partir da dança, contrapondo aquela camada social praticante da dança honesta, regrada e erudita àqueles que praticariam, na verdade, a sua corruptela desonesta, desregrada e vulgar”.

Essa mesma visãõ depois seria projetada para as danças dos povos africanos durante a expansãõ da colonizaçãõ do “Novo Mundo” e a escravizaçãõ desses povos. Segundo Souza (2011), as danças africanas eram vistas como demasiada expressiva, asquerosa e repulsiva pelos colonizadores e estrangeiros que passavam pelas terras exploradas.

A dança, assim, passou a se tornar produtora de distinções sociais, e tudo que não fosse clãssico ou pertencente à nobreza passava a ser visto com um caráter pejorativo. No caso dos povos africanos em especial, suas movimentações foram reprovadas pela nobreza porque

¹⁴ Sensualidade, segundo o dicionário Ediouro da Língua Portuguesa (2000), significa, dentre outras coisas “qualidade atribuída aos estímulos (ações, imagens, obras, etc.) que estimulem o desejo sexual”. Desta forma, destaca-se que a sensualidade possui um caráter mais palpável e externo, constituída de estímulos visíveis ao desejo, diferenciando-a da sexualidade, um domínio da experiência humana que expressa o íntimo de nosso ser, possuindo um caráter mais interno.

destoavam da música clássica em sua preferência pela percussão, e da dança clássica pelo maior movimento das “ancas” (quadris) (SOUZA, 2011, p.63-64).

Assim, nobreza se distanciava do corpo, de sua conotação vulgar atribuída pela Igreja, e de inferioridade atribuída pela Ciência, e com isso propagava discursos de quem estava mais próximo de ser corpo, e de quem seria “racional”, formando ideologias de dominação. Indígenas e africanos eram vistos como “selvagens”, e, portanto, inferiores e passíveis de serem escravizados e mortos. Já as mulheres eram vistas como corpo, culpáveis por sua sexualidade quando esta não se encontrava reprimida, também seres inferiores passíveis de serem mortas na fogueira (COSTA, 2010; FEDERICI, 2017). Nesse sentido, se a movimentação dos quadris de africanos escravizados os causava repulsa, a mulher que dança também o devia causar, visto que seu virtuosismo e recato era constantemente reforçado pelas normas sociais, e mulheres sensuais não deviam existir. Qualquer ato contrário as colocaria como “prostitutas”.

Sobre estas, é válido lembrar que também foi a Igreja Católica a responsável por configurá-las como impuras (posteriormente também aparada pela Ciência). Mulheres no início da história eram vistas como deusas, e as mulheres sensuais eram cultuadas como tais, pois “a mulher era comparada a terra numa analogia à geração da vida, fertilidade e fecundidade”. Nesse contexto, as mulheres que praticavam “prostituição” eram tidas como “sacerdotisas”, pessoas que, “através de ritual formal ou de desenvolvimento psicológico, conseguia[m] conscientemente conhecer o lado espiritual do seu erotismo, e vivia[m]-o na prática, de acordo com suas circunstâncias” (BORGES; PETRILLI, 2013, p.115-118).

Com a condenação do sexo pelo prazer feita pela Igreja Católica (com efeito, para as mulheres), as prostitutas inicialmente foram utilizadas por essa instituição, para saciar o desejo dos homens e manter as mulheres virgens até o casamento (BORGES; PETRILLI, 2013). Entretanto, com o passar do tempo, a visão desta prática passou a mudar, como aponta Federici:

(...) Enquanto na Baixa Idade Média a prostituição havia sido aceita oficialmente como um mal necessário e as prostitutas haviam se beneficiado do regime de altos salários, no século XVI a situação se inverteu. Num clima de intensa misoginia, caracterizada pelo avanço da Reforma Protestante e pela caça às bruxas, a prostituição foi inicialmente sujeita a novas restrições, e, depois, criminalizada (2017, p. 185-187).

Vinculando este tema ao pole dance, percebe-se que o alto nível de estigmatização ao qual as profissionais do sexo e as strippers estão sujeitas, ao ponto de estigmatizar também as pole dancers, possui raízes culturais bem demarcadas: cristã, europeia, colonizadora. Para

concluir este pensamento, torna-se importante explicitar o que o termo “exotic”, palavra utilizada para designar a vertente mais sensual do pole dance, significa. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (BR) da Larousse Cultural (2008), o termo “exótico” é um adjetivo que significa: “(lat. *exoticus*). 1. Proveniente de países estrangeiro. 2. Fig. Esquisito, extravagante, estranho” (DICIONÁRIO LAROUSSE, 2008).

Obviamente, o entendimento de “estrangeiro” parte do ponto de vista da cultura dominante, ou seja, dos povos europeus e depois estadunidenses. A compreensão de “exótico” como algo “extravagante, estranho”, e a utilização deste termo com conotação muitas vezes sexual demonstra mais uma vez como que a sexualização de práticas e corpos específicos foi formulada através de ideais de dominação, como aponta Pelúcio:

A exotização e erotização do 'outro' têm sido formas de expressar simbolicamente, nas relações cotidianas, processos de dominação econômica e cultural. O colonialismo parece ser um desses eventos que saturou de signos eróticos não só as terras 'exóticas', mas também seus habitantes. Na tradição moderna ocidental o erótico guarda marcas históricas persistentes que dão sentido aos encontros sexuais contemporâneos (2011, p.206).

Assim, conclui-se que a visão das danças sensuais como algo “vulgar” foi construída socialmente, e sua maior relação aos corpos das mulheres se vincula a toda construção histórica e social de suas sexualidades como degradante. Deste modo, a sexualidade feminina reprimida (com as mulheres sendo resumidas a “boas” ou “más”, “santas” ou “putas”) e a visão degradante da sensualidade (das danças sensuais e das próprias prostitutas), auxiliam a compreender como que o pole dance é interpretado pelo senso comum, e também, pela mídia.

2.6 CORPO DAS MULHERES NO BRASIL: INDÚSTRIA CULTURAL E PRESSÕES ESTÉTICAS/*FITNESS*

Para concluir esta revisão, é necessário abordar de forma mais direta a importância da influência midiática, por meio da indústria cultural, na formação e disseminação de ideais estéticos, principalmente em meio às mulheres, e, de forma especial, no caso brasileiro. Isso será importante para se analisar posteriormente a forma como os jornais divulgam o pole dance esportivo, cujas aulas são vendidas para o público em geral como “pole *fitness*”.

De início, é importante entender como as mulheres se encontram, em nossa cultura, tão intimamente relacionadas às noções de beleza, fazendo com que reajam “diante do ‘ideal’, qualquer que seja a forma que esse ideal assuma no momento, como se tratasse de um mandamento inquestionável” (WOLF, 2020, p. 93). Esse tema é eixo central do livro “O mito da beleza” de Naomi Wolf (2020), e será essencial para o desenvolvimento deste capítulo.

Conforme nos demonstra Wolf (2020), a forma como compreendemos a “beleza” nos dias atuais passou a existir (como um ideal inalcançável, amplamente divulgado e predominantemente feminino), no máximo, no século XIX, e isso se dá por dois motivos. O primeiro deles se relaciona à estrutura: é a partir desta época que os meios de comunicação de massa passam a ter maior alcance na população (primeiramente através da popularização dos jornais, e, em seguida, através da criação do rádio, da televisão e do cinema), aumentando a influência midiática no imaginário popular. Já o segundo motivo é de viés ideológico e merece maior aprofundamento.

A transformação das mulheres em “alvos fáceis” dos ideais estéticos se dá em um contexto bem específico: o das mulheres¹⁵ despojadas de atividades vistas como “úteis” na vida pública, circunscritas ao lar e ao consumo. A configuração desse contexto se deu na Revolução Industrial, momento de reconfiguração da divisão sexual do trabalho, bem como dos afazeres ditos domésticos e a diminuição do seu valor social (DAVIS, 1981; WOLF, 2020).

Conforme Angela Davis (1981) explicita em seu livro “Mulheres, raça e classe”, antes da Revolução Industrial as tarefas ditas “domésticas” incluíam um caráter muito mais produtivo e compensatório, envolvendo atividades diversas, e não apenas a organização e limpeza do lar. As mulheres plantavam, teciam, costuravam, produziam pão, manteiga e afins; trabalhavam fora de suas casas em tabernas, lojas e drogarias; atuavam como parteiras e possuíam importante papel como curandeiras das comunidades, a partir dos seus conhecimentos sobre ervas (DAVIS, 1981; FEDERICI, 2017). No entanto, com a Revolução Industrial esse cenário começou a mudar.

¹⁵ Importante destacar que o termo “mulheres” aqui se refere às mulheres brancas, principalmente as de classe média e moradoras da área industrial. A importância desta informação dá-se ao analisar, de forma mais geral, o que outras mulheres daquele tempo estavam passando: as mulheres negras ainda eram escravizadas, e as mulheres camponesas/pobres ainda trabalhavam no campo ou realizavam pequenos trabalhos como forma de auxílio à renda familiar (estando, nesse sentido, menos atreladas unicamente às tarefas do lar). Esse adendo é muito realizado em Davis (1981) e Hooks (1981).

Primeiramente, a manufatura anteriormente realizada pelas mulheres no interior de suas casas passou a ser realizada em escala industrial, o que retirou delas esta função. Em seguida, o trabalho doméstico perdeu o seu valor social, pois a partir deste momento a indústria passou a se consolidar como única geradora de “lucro” (DAVIS, 1981, p. 241). Ainda, seu papel de curandeira/parteira foi se extinguindo com o maior respaldo da medicina e da ciência, ocupado unicamente por homens (FEDERICI, 2017). Por fim, com a maior distinção entre afazeres trabalhistas de homens e mulheres, estas últimas ficaram relegadas ao cuidado da casa, que agora possuía um caráter muito menos ativo e um objetivo mais inócuo: a organização e limpeza constante do lar. (DAVIS, 1981).

Assim, as mulheres, negadas dentro do sistema fabril (que permitiu sua participação apenas no início da consolidação das indústrias), se consolidaram como “donas de casa”, sendo “(...) redefinidas ideologicamente como as guardiãs de uma desvalorizada vida doméstica” (DAVIS, 1981, p. 241).

É a partir desse contexto que a “beleza” começa a se consolidar na forma atual, pois, segundo Wolf (2016), a importância dada aos ideais estéticos tem crescido desde a Revolução Industrial, e aumenta consideravelmente com o passar dos anos e ao aumento das lutas feministas, como forma de retroceder os ganhos obtidos por meio destas. Para a autora, a partir do momento em que as mulheres passaram a lutar por maior autonomia e foram admitidas dentro do contexto “produtivo”, “a ocupação com a beleza, trabalho inesgotável, porém efêmero, assumiu o lugar das tarefas domésticas, também inesgotáveis e efêmeras”, e a beleza passou a ser utilizada “como uma arma política contra a evolução da mulher”; à isto se atribui a denominação de “mito da beleza” (WOLF, 2016, p. 34).

Esse mito foi internalizado pelas mulheres através dos meios de comunicação de massa anteriormente citados, que aumentaram seu alcance e influência na vida das pessoas comuns por diversos fatores, e, dentre eles, o avanço tecnológico proporcionado pelo desenvolvimento industrial e o aumento da alfabetização nos países do ocidente (RODRIGUES, 2012; WOLF, 2016, p.32).

Conforme consta em Horkheimer e Adorno (1981), com o advento da indústria, os meios de comunicação passaram a fabricar, divulgar e popularizar gostos de acordo com necessidades de venda, especialmente influenciados pelos “sectores mais poderosos da indústria”, o que configuraria uma “indústria cultural”. Entretanto, como aponta Coelho (1998,

p.10), a mera consolidação da indústria não seria suficiente, sozinha, para inferir uma cultura massificada; para ele, isso só seria possível através da criação de “uma economia baseada no consumo de bens” (uma “sociedade de consumo”) que teria ganhado contornos mais definidos apenas após a segunda metade do século XIX.

É através dessa ideologia que passou a vigorar com a implementação das indústrias, formadora da “sociedade de consumo” defendida por Coelho (1998, p.10), que a indústrias obtiveram influência e passaram a monetizar cultura e disseminar ideais, tais quais o mito da beleza. Para Buitoni (2009, p. 25), um mito, “apesar de formado pela cultura, apresenta-se como se fosse um fato da natureza”, escondendo sua ligação intrínseca com interesses econômicos e políticos, e é aí que reside sua força.

No contexto das mulheres, o mito da beleza, como já mencionado, foi tomando novas formas e aumentando sua importância com o passar do tempo, até chegar ao padrão contemporâneo. Por muito tempo o ideal de beleza ficou razoavelmente restrito à nobreza, e os ideais do que significava ser “bela” se resumia à beleza do rosto, o uso de roupas adequadas, e às boas maneiras; no tangente ao corpo, a cintura fina era bem vista, porém facilmente atingida através do uso de *corsets*, e o padrão corporal temido era a magreza, visto que remetia à pobreza e à fome, sendo os corpos “fartos” mais bem aceitos (SANT’ANNA, 2018). Ainda segundo Sant’anna, nesta época:

Os regimes aconselhados pela imprensa destinavam-se, sobretudo, a ganhar volume corporal. Magreza acentuada era sinônimo de doença e pobreza, assemelhava-se ao raquitismo e à neurastenia. Mulher muito magra corria o risco de ficar solteira para sempre. Por isso ela era aconselhada a comer grande quantidade de alimentos suculentos. Feiura, palavra usada com naturalidade pela imprensa, associava-se facilmente à silhueta chamada popularmente de "vara pau", "espantalho", "palito esturricado" e "bacalhau" (2018, p.106).

Foi após o surgimento do cinema e da indústria em larga escala que a beleza adquiriu novos contornos: os filmes passaram a divulgar “uma beleza reluzente e espetacular”, que contrastava com a beleza “pura”¹⁶ até então disseminada, e o surgimento das indústrias (marcado também pelo avanço do capitalismo e da ciência) reduziu a influência religiosa sobre a população. Isso abriu espaço para uma moda mais “prática”, ajustada aos novos afazeres

¹⁶ Segundo Sant’Anna, até meados do século XIX a “beleza física tendia a ser vista como uma dádiva divina”, sendo, portanto, inalterável (neste sentido, até o simples uso de maquiagem era mal visto).

cotidianos, que diminuiu a importância da roupa para a beleza, resultando em uma maior preocupação com o corpo (SANT'ANNA, 2018, p. 107-108).

Segundo Sant'Anna (2018, p. 111), foi a partir da década de 50, no Brasil, que o culto ao corpo começou a se delinear, quando “uma nova ênfase à ginástica e aos regimes destinados a ‘manter a linha’ ganhou importância nos manuais de beleza”. Essa ênfase à ginástica pode ser associada ao aumento da influência do pensamento eugênico no Brasil a partir do início do século XX, conforme aponta Silva (2012). A eugenia é uma pseudociência que o autor descreve como tendo por objetivo realizar a “melhoria da espécie, pela via da reprodução”, descartando, no processo, as qualidades tidas como ruins e atribuídas à indivíduos tidos como inferiores (tais quais as pessoas pobres, negras e indígenas, bem como às pessoas com deficiência). Um de seus maiores disseminadores no Brasil foi o médico e farmacêutico Kehl (SILVA, 2012).

O artigo de Silva (2012) aponta que Kehl reservava uma atenção especial às mulheres em seus escritos sobre atividade física e saúde, criando uma nova conceituação de beleza para este público. Neste novo entendimento, o peso ganhava destaque, onde mulheres gordas faziam parte de um “triste” quadro, denominado por Kehl de “deformidade ventral”, enquanto que as mulheres belas carregariam “a simetria das formas, a musculatura trabalhada, a gordura sem excesso, [e] a pele lisa e branca [devido ao racismo intrínseco ao higienismo]” (SILVA, 2012, p. 241). Assim, reforçava a importância dos exercícios ginásticos para as mulheres, glorificando aquelas que se esforçavam para adquirir corpos “belos”.

A glorificação do esforço e dos sacrifícios do corpo, antes reservada ao comêdimento sexual, passou, deste modo, a ganhar novos contornos, intrinsecamente relacionados ao desenvolvimento de uma nova ideologia, a capitalista. Esta afirmação pode ser corroborada por Federici:

O desenvolvimento do autocontrole (isto é, do domínio de si, do desenvolvimento próprio) se tornou um requisito fundamental em um sistema socioeconômico capitalista no qual se pressupunha que cada um fosse proprietário de si mesmo, o que se converteu em fundamento das relações sociais, e em que a disciplina já não dependia exclusivamente da coerção externa (2017, p. 272).

Com o tempo, a amalgamação destes ideais de controle de corpo e da “saúde” como sinônimo de beleza formaram, em união à consolidação de uma “sociedade do consumo” cada

vez mais consumista, os pilares da cultura dita “*fitness*”¹⁷, dos quais os principais alvos são as mulheres; nesse sentido, entende-se que o mito da beleza dos dias atuais se encontra no corpo, e que “o decoro, antes restrito à não exibição dos corpos, é agora concentrado na obediência a um novo código para sua exibição” (GOLDENBERG, 2011, p.550). Como ressalta o artigo de Silva:

(...) as carnes firmes e magras, corpos ágeis e disciplinados não são positivados somente nessa cultura contemporânea. Há quase um século, mulheres não tão magras são apontadas como relapsas e preguiçosas. Se nos dias de hoje, em meio à cultura *fitness*, impera uma supervalorização da magreza e do que ela representa, nos dizeres da eugenia de Kehl, é possível, igualmente, identificar o que Fischler (op. cit.) chama de “lipofobia”. A mulher eugênica proposta por Kehl, assim como a mulher *fitness* dos dias de hoje, é ávida por seus deveres e, portanto, deve estar atenta a seu corpo, tentando extirpar quaisquer marcas de preguiça, indolência e indisciplina (2012, p.217).

Seguindo esta linha, os artigos de Vaz (2003) e de Estevão e Bagrichevsky (2004), descrevem as academias de ginástica contemporâneas - hoje em dia mais comumente denominadas de “academias de musculação” - como espaços de idolatração do corpo e celebração de seu domínio e sacrifício. Neste sentido, o *fitness*, vinculado à imagem de corpo ideal passa a ser um objetivo; entretanto, este objetivo se configura mais como um processo, e não como uma meta, visto que a busca da superação de si mesmo é tida como constante e inacabável (BRACHTVOGEL, 2016).

Compreendendo que as questões estéticas foram historicamente associadas às mulheres, o *fitness* se configura então como uma continuação discursiva de ideais que, a elas, assumem maior força. Embora homens também sintam a influência desses discursos e almejem alcançar corpos melhores através da prática de exercícios físicos, a autoestima dos mesmos parece não se relacionar tão intrinsecamente às concepções de beleza quanto a das mulheres”. Isso porque, talvez, segundo Veiga (2006), pelos homens serem vistos como “o[s] provedor[es]”, e deter[em] o poder econômico tradução da força, poder e razão”, sua força e situação financeira acabam por ser mais ressaltadas do que a sua própria beleza. Isso fica evidente nas respostas de “homens e mulheres das classes médias cariocas” dadas à entrevista realizada pela autora Goldenberg:

¹⁷ A cultura *fitness* “é a gama de possibilidades que o *fitness* proporciona: vestimentas, acessórios, alimentos, objetos, práticas corporais” (BRACHTVOGEL, 2016, n.p.).

Quando apresentadas à questão: “O que você mais inveja em outras mulheres?”, a resposta mais comum das mulheres foi: a beleza, em primeiro lugar, com ‘o corpo’ vindo em seguida e a inteligência em terceiro. Quando os homens responderam o que mais invejam em outros homens, as respostas foram: inteligência, situação financeira, beleza e “o corpo” (2011, p.552).

Neste trecho, percebe-se que, mesmo que a beleza seja um atributo tido como importante para ambos os gêneros, é no universo “feminino” que ela recebe lugar de destaque, se configurando como a sua principal insegurança (tanto a “beleza” genérica quanto a beleza física, ali representada pela palavra “corpo”); enquanto isso, no universo “masculino” as maiores inseguranças se relacionam ao seu papel de “provedor”, destacando-se os aspectos “inteligência” e “situação financeira” em primeiro lugar, ficando a “beleza” e “corpo” por último.

Essa dependência das mulheres à beleza e ao corpo estético ideal (leia-se, magro), é ainda mais forte no Brasil. Segundo artigo de Goldenberg (2011, p.550), “a representação do Brasil como um paraíso tropical e sexual (...) reforçada pelas imagens de corpos seminus no Carnaval e nas praias” poderia favorecer essa relação. No entanto, independentemente do motivo, o fato é que essa pressão pode ser dimensionada: o país ocupa “a segunda posição no total de procedimentos cirúrgicos realizados no mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos” (ASSIS; SOUZA; BATINGA, 2022, p.79). Além disso, outros dados revelados pela pesquisa mundial realizada pela Unilever também merecem destaque:

(...) Sete em cada dez brasileiras deixam de fazer alguma atividade quando se sentem feias ou gordas (deixam de ir à praia, a festas e até ao trabalho). Entre as pesquisadas, as brasileiras são as que mais se enxergam como gordinhas e pouco sensuais. Dos dez países investigados, o Brasil desponta como aquele em que as mulheres declaram estar mais preocupadas em ter um rosto bonito, a pele bem cuidada, o corpo em forma e uma imagem sexy. É também o país campeão em consumo de produtos para unhas, tinturas de cabelo e hidratantes para o corpo. Outro número impressiona: 58% das brasileiras afirmaram que, caso a cirurgia plástica fosse gratuita, recorreriam imediatamente ao bisturi. (GOLDENBERG, 2011, p.548).

Assim, percebe-se como essa insegurança criada culturalmente e disseminada através dos mais variados meios de comunicação em torno da estética das mulheres é rentável, pois gera necessidades de compra de produtos para o corpo, cabelo e unhas, bem como, em últimos casos, as faz recorrer a cirurgias. Nesse sentido, a cultura *fitness* representa, no campo dos exercícios físicos, uma reconfiguração do mito da beleza, só que com um elemento novo: a sua pretensa relação com a saúde.

Como já dito no subcapítulo 1.1.3, no caso do pole dance, as aulas da prática mais voltadas à vertente esportiva (com a realização de acrobacias/giros e afins) é amplamente divulgada pelos estúdios como “pole dance *fitness*”; assim, busca-se separar bem as vertentes de modo que a sensualidade inicialmente inerente à prática seja distanciada dessas/es outras/os praticantes, facilitando sua aceitação e aumentando seu público. Entretanto, através de tudo que foi levantado até aqui, questiona-se: será que a mera distância da figura da *stripper* é suficiente para a mulher parar de ser reduzida ao corpo?

3. METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa é de natureza aplicada, com análise qualitativa e de caráter explicativo. Assim, “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos”, buscando explicar como o fazem, e, principalmente, porquê (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Para isso, vale-se da análise qualitativa.

Compreende-se por pesquisa qualitativa aquela que se caracteriza pela busca da compreensão de um ou mais fenômenos dentro do contexto que ocorrem e do qual fazem parte (GODOY, 1995). Nesta pesquisa “o investigador é o instrumento principal por captar as informações, interessando-se mais pelo processo do que pelo produto” (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015, p.243).

Nas pesquisas de análise qualitativa existem diversas estratégias de coleta e/ou geração de material, bem como diferentes instrumentos de registro e de análise das informações obtidas, mas, independentemente da estratégia escolhida, “todas as abordagens antropológicas e qualitativas confluem para um único objetivo: compreender o sentido ou a lógica interna que os sujeitos atribuem a suas ações, representações, sentimentos, opiniões e crenças” (MINAYO; GUERRIERO, 2014, p.1105).

Nesta pesquisa, a aproximação ao tema se deu através das fontes documentais, mais precisamente, os jornais, definidos por Godoy (1995) como materiais escritos. Estes foram analisados com base no viés Histórico, onde compreende-se que o passado próximo analisado nesta pesquisa (duas décadas anteriores) é revisitado “em função do presente”, no qual “as incompreensões e as perguntas do presente lançadas ao passado são o que permite a elucidação dos sentidos e das ações humanas vividas” (BENTIVOGLIO; MERLO, 2015, p.29).

3.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Os jornais são fontes históricas complexas e altamente singulares, que possibilitam investigações e reflexões nos mais variados temas. Algumas de suas características principais

podem ser encontradas em Barros (2019), e incluem o alto alcance e efeito de realidade que exerce sob a população geral, a polifonia de textos (possibilitando que diferentes temas e opiniões apareçam dentro de um mesmo jornal¹⁸) e a periodicidade de publicações (esta última interessante por favorecer o acompanhamento de um assunto através do tempo).

Segundo Leite (2015, 10) “os jornais não apenas podem fornecer dados sobre as sociedades do passado, mas também comentam e participam da História, dos processos e conjunturas ao qual estão inseridos”, o que os tornam um instrumento histórico ativo, exigindo da pesquisadora/do pesquisador uma postura crítica em face do material investigado. Na mesma linha, Zicman (1985, 90) afirma que “a Imprensa age sempre no campo político-ideológico”, e conclui, a partir disto, a necessidade metodológica de caracterizar a imprensa analisada previamente a análise das notícias e reportagens que a constituem. Isso porque, de acordo com autora, mesmo quando o trabalho não possui a intenção direta de descrever a “História da Imprensa”, e sim a “História através da Imprensa”, indiretamente esbarrar-se-á nesta primeira, devido à historicidade inata dos jornais.

Zicman (1985) também reforça a importância de ater-se a uma metodologia de análise que permita uma compreensão satisfatória dos elementos constitutivos do tema de estudo escolhido. Abaixo encontra-se a descrição da metodologia escolhida para dar prosseguimento a este estudo.

3.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Por entender que o recorte temporal eleito compõe um período com elementos culturais semelhantes, as informações foram analisadas seguindo a metodologia de “Análise de Conteúdo” proposta por Laurence Bardin (2016). Esta metodologia é composta por fases segmentadas ao redor de “três polos cronológicos” distintos, sendo eles: a) pré-análise; b) exploração das informações; c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na fase de pré-análise dos dados foram consideradas válidas todas as ocorrências envolvendo as palavras “pole dance” encontradas através da Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁸ Limitados pelos interesses maiores dos editores-chefes e presidentes.

Assim, todos os jornais que possuíam ocorrências e que estavam compreendidos entre os períodos de busca “2000 a 2009” e “2010 a 2019”¹⁹ foram inicialmente incluídos. Este período histórico foi escolhido por compreender o surgimento da prática e a popularização da mesma no país.

Ao todo, treze jornais atenderam a esses critérios iniciais, abrangendo 212 ocorrências das palavras “pole dance” (buscadas sempre juntas e hifenizadas), sendo 41 registros no período compreendido entre “2000 a 2009”, e 171 registros entre “2010 a 2019” (tabela 1). A título de informação, estes foram os jornais inicialmente considerados na análise: “Correio Braziliense” (DF), “Jornal do Brasil” (RJ), “Jornal do Comércio” (RJ), “O Fluminense” (RJ), “Tribuna da Imprensa” (RJ), “Correio do Norte” (SC), “Correio do Povo” (SC), “Jornal O Município” (SC), “Zero” (SC), “A Tribuna” (SP), “AT Revista” (SP), “Espaço Aberto” (SP) e “Jornal do Boqueirão” (SP).

Tabela 1. Número de ocorrências das palavras “pole dance” por década e total.

Década	Nº de ocorrências das palavras "pole dance"
2000 – 2009	41
2010 a 2019	171
TOTAL	212

Fonte: elaborado pela autora

Nota-se que esses jornais fazem parte de três das cinco regiões geográficas brasileiras: centro-oeste (DF), sudeste (RJ e SP) e sul (SC). As regiões norte e nordeste não estiveram, portanto, presentes neste estudo.²⁰

A partir desse ponto fez-se, inicialmente, uma leitura flutuante de todas as 212 ocorrências. Dessa leitura inicial surgiu a primeira categorização dos dados, que foram

¹⁹ A Hemeroteca Digital Brasileira só permite a busca através de períodos determinados por décadas ou então por jornais específicos; por isso, utilizaram-se esses números mesmo que a primeira ocorrência das palavras “pole dance” tenha ocorrido apenas em 2007, como será relatado à frente.

²⁰ Neste ínterim, é válido salientar que há uma limitação na estratégia de busca utilizada, pois a base de dados, Hemeroteca, possui um escopo limitado de jornais e regiões alcançadas. Isso significa que a representatividade geográfica destes jornais não foi equânime (entre o período de “2000 a 2009” apenas nove locais possuíam jornais incluídos na hemeroteca: Amazonas (AM), Madri (ES), Minas Gerais (MG), Rio Grande do Sul (RS), Pará (PA), Rio de Janeiro (RJ), Distrito Federal (DF), Santa Catarina (SC) e São Paulo (SP); já entre “2010 a 2019”, apenas Pará (PA), Rio de Janeiro (RJ), Distrito Federal (DF), Santa Catarina (SC) e São Paulo (SP) possuíam jornais incluídos – e destes, só RJ, DF, SC e SP possuíam ocorrências das palavras “pole dance”).

classificados quanto ao seu conteúdo, sendo eles: **1)** Reportagens – de pole dance; de danças sensuais e pole dance; **2)** Chamadas das reportagens – de pole dance; de danças sensuais e pole dance; **3)** Divulgação de Eventos – de pole dance; de outras práticas e pole dance; **4)** Novela – História da Novela; Flávia Alessandra²¹ e novela; censura das novelas; **5)** Pole Dance apenas citado - forma breve e sem contexto (em festas, filmes e afins); nas cartas dos leitores aos jornais; com pequenos contextos/ comentários acerca da prática; indicando crescimento do pole dance como prática na mídia (aparecendo em cruzadinhas, retrospectiva do ano e afins); em cursos/ workshops; **6)** Pole Dance nos Classificados - mercado do Sexo; Procura de professoras de pole dance para dar aulas em estúdios e afins.

Tabela 2. Categorização Inicial das Ocorrências quanto ao seu conteúdo.

Categories	Subcategorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Reportagens	de Pole Dance	19	9%
	de Danças Sensuais e Pole Dance	7	3%
Chamadas das reportagens	de Pole Dance	10	5%
	de Danças Sensuais e Pole Dance	X	x
Divulgação de Eventos	de Pole Dance	7	3%
	de outras práticas e Pole Dance	18	9%
Novela	História da Novela	6	3%
	Flávia Alessandra e novela	4	2%
	Censura das novelas	2	1%
Pole Dance apenas citado	de forma breve e sem contexto	52	25%
	nas Cartas dos Leitores aos jornais	4	2%
	com pequenos contextos/ comentários acerca da prática	22	11%
	indicando crescimento do pole dance como prática na mídia	5	2%
	cursos/workshops	12	6%

²¹ Atriz que interpretou Alzira, a dançarina de pole dance da novela “Duas Caras”, da TV Globo.

Pole Dance nos Classificados	Mercado do sexo	14	7%
	Procura de professoras de pole dance para dar aulas em estúdios e afins	25	12%
TOTAL		207	100%

OBS: O número total difere do número total de ocorrências porque em alguns conteúdos havia mais de uma referência ao termo "pole dance"

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a finalização desta etapa passou-se para a constituição do *corpus* da pesquisa, levando-se em conta todas as regras propostas por Bardin (2016): regra da exaustividade, incorporada na leitura flutuante de todas as citações das palavras “pole dance” encontradas; regra da representatividade, incorporada ao obtermos, no final, um *corpus* diversificado em relação aos jornais e lugares de publicação dos mesmos; regra da homogeneidade, incorporada desde a categorização inicial, onde definiu-se categorias por critério de proximidade de assuntos; e regra da pertinência, incorporada na escolha final dos documentos para análise, que se referenciaram nos objetivos específicos delineados no início deste trabalho acadêmico. Neste momento foram definidos os critérios de inclusão e exclusão dos materiais, como pode ser visto a seguir.

Quadro 1. Critérios de inclusão e exclusão do corpus da pesquisa.

critério de exclusão	publicações e citações das palavras "pole dance" sem contexto explicativo
critérios de inclusão	publicações e citações das palavras "pole dance" com contexto explicativo e/ou que traga elementos passíveis de problematização para a pesquisa
	pole dance e novela
	indicações do crescimento do pole dance no país (cursos, busca de instrutoras, crescimento na mídia)

Fonte: elaborado pela autora.

Após a definição dos critérios de inclusão e exclusão, os documentos foram novamente analisados, agora excluindo aqueles que não encontravam pertinência com as categorias finais

delimitadas, e incluindo aqueles que possuíam “elementos passíveis de problematização” relacionados aos objetivos específicos delineados no início deste trabalho. Deste modo, o *corpus* da pesquisa ficou composto por 29 itens, incluindo 14 reportagens (destas, apenas uma de pole dance e outras danças), oito reportagens ou pequenas citações sobre a novela e sete publicações e citações das palavras “pole dance” com contexto explicativo e/ou “elementos passíveis de problematização” para a pesquisa. Maiores detalhamentos quanto ao número de itens por jornais podem ser vistos abaixo.

Tabela 3. *Corpus* da Pesquisa.

Nome dos Jornais	Reportagens	Novela	Publicações e citações com contexto explicativo e/ou elementos passíveis de problematização	Total por jornal
Jornal do Brasil	1	3	5	9
Correio Braziliense*	5	2	1	8
A Tribuna	3	1	0	4
O Fluminense	3	0	0	3
Correio do Povo	0	1	1	2
Zero	1	0	0	1
Jornal do Boqueirão	1	0	0	1
Tribuna da Imprensa	0	1	0	1
TOTAL	14	8	7	29

Fonte: Elaborado pela autora.

Sendo assim, dos 13 jornais participantes da pré-análise das informações, oito foram os selecionados, mantendo-se a representação das três regiões geográficas brasileiras apontadas no início do estudo (Sul, Sudeste e Centro-Oeste) e preservando a representatividade da pesquisa. No subcapítulo abaixo serão apresentados estes jornais, abarcando pontos importantes de suas trajetórias e suas características principais, tendo em vista que esses elementos contribuem para a compreensão dos pontos de vista expressos nos textos, como anteriormente frisado citando Zicman (1985).

3.4 CARACTERÍSTICAS DOS JORNAIS ANALISADOS

3.4.1 Jornal do Brasil

O Jornal do Brasil foi criado em “abril de 1891, por Rodolfo de Souza Dantas, menos de dois anos após a proclamação da República” (FONSECA, 2008), e possuía sede no estado do Rio de Janeiro. Segundo estudo de Fonseca (2008), desde o início o jornal surgiu com grandes investimentos de capital e com pretensão de vida longa, caracterizando-o por possuir atitudes moderadas em sua oposição ao governo. Com o passar dos anos e em decorrência das inúmeras mudanças de conjuntura política e econômica, bem como devido às constantes censuras sofridas (em 1981, durante a presidência do Marechal Deodoro da Fonseca, em 1983, durante o governo de Floriano Peixoto, e em 1930, durante a ditadura de Getúlio Vargas), sua direção e redação passaram pelas mais variadas pessoas, sofrendo modificações ideológicas e de formatação.

É importante destacar o constante investimento do jornal em inovações, tendo sido um dos primeiros a enviar correspondentes estrangeiros para inúmeros países, criar uma seção destinada às mulheres e utilizar caricaturas e fotografias ao longo dos informativos. Ainda, foi o primeiro jornal a se declarar “100% digital” (FONSECA, 2008 apud SODRÉ, 1999). Hoje em dia, o empresário e ex-político Omar Resende Peres Filho é seu presidente; sua última tentativa na vida pública foi a busca pelo cargo de deputado pelo Partido Social Liberal (PSL), hoje denominado de União Brasil (UNIÃO), marcado por uma ideologia economicamente liberal e socialmente conservadora (WIKIPEDIA, 2023).

3.4.2 Correio Braziliense

O Correio Braziliense foi criado por Assis Chateaubriand em 21 de abril de 1960, período marcado previamente pela morte de Getúlio Vargas e posteriormente pelo início da ditadura militar no Brasil, com sede em Brasília (Distrito Federal). É pertencente aos Diários Associados, e é um dos maiores jornais do país, tendo recebido diversos prêmios. Em 2022 “com a crise no grupo responsável pelo jornal”, Luiz Estevão (um empresário e ex-político

brasileiro de ideologia de centro-direita) comprou um título de crédito da empresa, assegurando direitos contra a emissora. Atualmente, o jornal é presidido por Guilherme Machado, dirigido por Josemar Gimenez Resende e editado por Ana Dubeux (WIKIPEDIA, 2023).

3.4.3 A Tribuna

O jornal A Tribuna passa a existir em 26 de março de 1894, em Santos (São Paulo), inicialmente intitulado de “Tribuna do povo”. Esse jornal foi criado por Olympio Lima, um maranhense que havia desembarcado em Santos um ano antes, e que possuía um histórico de confusões em outras cidades devido à sua forma de escrita, mais crítica e política. O periódico possuía pouco espaço para “anúncios, já que os artigos costumavam desmascarar os mandatários locais”, e, em sua primeira edição, já enfatizava que “esta folha não tem ligação com nenhum dos partidos políticos militantes, o que melhor a habilita a julgar de ambos”, colocando como características centrais a sua publicação semanal crítica, noticiosa e literária (WILLIANS, 2019). Na atualidade, o jornal faz parte do Grupo Tribuna, que conta também com uma emissora de rádio e televisão, esta última afiliada à Rede Globo (WIKIPEDIA, 2021).

3.4.4 O Fluminense

O Fluminense é um jornal fundado em 1878 em Niterói, Rio de Janeiro, pelo major da “Guarda Nacional Francisco Rodrigues de Miranda, que entrou com os conhecimentos sobre imprensa, e Prudêncio Luís Ferreira Travassos, que teria fornecido o capital para a empresa” (FERREIRA, 2020). Ainda segundo informações da autora, o jornal possuía caráter conservador desde seu início, o que ficou ainda mais evidente com a saída de Prudêncio do jornal, quando começou a constar no subtítulo do mesmo a “indicação ‘órgão conservador da província do Rio de Janeiro’”.

Durante a ditadura militar brasileira, o jornal se aliou ao governo “servindo de difusor das ideias de tomada do poder pelos militares”, enquanto que, ao mesmo tempo, apoiou o movimento “Diretas Já” no fim do regime; “apesar disso, em 1987, apresentou críticas à Assembleia Constituinte, apontando um excessivo caráter de políticas sociais e nacionalistas”,

e manteve seu viés conservador até então (FERREIRA, 2020). Em 2019, o jornal foi vendido para “um grupo do mercado imobiliário e do segmento de shoppings centers” (MONTEIRO, 2019).

3.4.5 Correio do Povo

O jornal Correio do Povo foi fundado no Rio Grande do Sul em 1º de outubro de 1895 pelo sergipano Francisco Antônio Caldas Júnior, alguns anos após a abolição da escravatura e a proclamação da República (um período tenso e marcado por diversos conflitos nacionais e regionais, dentre eles a Revolução Federalista). Caracterizado por uma escrita menos opinativa e partidária, o jornal é tido como importante para a história do jornalismo rio-grandense, tendo em vista que antes da sua chegada os maiores jornais de circulação da cidade eram “A Federação”, de caráter republicano, e “A Reforma”, de caráter federalista, ambos com uma linguagem agressiva para com os adversários políticos (HAMEYER, 2019; SILVA, 2020).

Desde 2007 o jornal passou a integrar o Grupo Record, sendo comprado por Edir Macedo, o dono do grupo. Edir Macedo é “um bispo evangélico, televangelista, escritor, teólogo e empresário brasileiro”, bem como “(...) fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus”, tendo apoiado abertamente a eleição do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (EDIR, 2023), de ideologia conservadora nos costumes e liberal na economia, se configurando como de extrema direita.

3.4.6 Zero

O jornal “Zero” é um “jornal laboratório” do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), editado por uma equipe de acadêmicos/as do referido curso (que é renovada a cada semestre) e com distribuição interna. Segundo site oficial do Repositório Institucional da UFSC (n.d.), seu “primeiro número circulou em setembro de 1982”, ficando com publicações interrompidas em 1984 e “retornando a partir de 1985”, o que o configura como um jornal emergente nos anos finais da ditadura militar brasileira. Como demais características, pode-se citar sua impressão em formato tabloide e sua periodicidade

autodenominada de “irregular”. Suas coleções dos anos 1982-1983/ 1985-2016 foram digitalizadas pela Biblioteca Pública de Santa Catarina e o IDCH/UEDESC, permitindo a visualização destas edições.

A primeira edição do jornal “Zero”, datada de 1982, teve como matéria destaque aparente logo na capa uma pesquisa realizada pelo próprio jornal, que convidou estudantes e funcionários a votar para governador, de forma não-oficial e sem validade política, já que nesta época não existiam eleições formais para cargos políticos. Percebe-se, assim, que desde sua primeira tiragem, o jornal se colou com posições mais à esquerda, o que se manteve com o passar dos anos (ZERO, v. 1, 1982).

3.4.7 Jornal do Boqueirão

O Jornal do Boqueirão foi criado em março de 1986, um ano após o fim da ditadura militar, pelo jornalista Jairo Sérgio de Abreu Campos. Trata-se de um jornal local, distribuído gratuitamente, e que tem como premissa dar vazão às necessidades dos moradores do bairro do Boqueirão, em São Paulo (CAMPOS, 1986). Inicialmente, contava com publicações mensais, mas depois passou a ser emitido semanalmente (ECOTURISMO, 2011).

3.4.8 Tribuna da Imprensa

A Tribuna da Imprensa foi criada em dezembro de 1949 por Carlos Frederico Werneck de Lacerda, no estado do Rio de Janeiro. Este período foi marcado pela “República Populista”, período breve de experiência democrática brasileira localizado entre a ditadura de Vargas, que durou até 1945, e a Ditadura Militar, que teve início em 1964 (SILVA, s.d.).

Seu fundador, Carlos Lacerda, trabalhava no jornal “Correio da Manhã”, possuindo uma coluna denominada “Tribuna da Imprensa”, porém foi afastado desse matutino ao utilizá-lo “para atacar a família [do empresário] Soares Sampaio, ligada por laços de amizade a Paulo Bittencourt, proprietário do Correio”. Tendo conservado o direito de uso do título de sua coluna, Lacerda criou seu jornal com mesmo nome, representando os principais ideais da União

Democrática Nacional (UDN), partido de caráter conservador, anticomunista e opositor à Getúlio Vargas (LEAL, 2009).

Em 1962 Hélio Fernandes tornou-se o novo proprietário do jornal, que apoiou inicialmente a Ditadura, mas mudou de posição durante o regime. Segundo Élio Gaspari (2002), citado por Albuquerque (2021), a Tribuna da Imprensa foi o jornal mais massacrado durante o período, sofrendo “mais de 20 apreensões” e tendo censores dentro do prédio por dez anos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente capítulo é desenvolvida a discussão dos resultados obtidos após a análise e interpretação das fontes. No primeiro subcapítulo é analisado o papel da novela “Duas Caras” como veículo de popularização do pole dance no Brasil, pois foi identificado que as reportagens jornalísticas sobre a prática emergiram após esta abordagem ficcional. No segundo subcapítulo, a forma como os jornais tematizam a sensualidade envolvida na prática será analisada. Já o terceiro e último capítulo trata do pole *fitness*, a forma de venda das aulas de pole dance enfocando a vertente esportiva, e como esta é apresentada pelos jornais.

4.1 A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA TELEVISIVA: O CASO DA NOVELA “DUAS CARAS”

O presente capítulo busca ser introdutório quanto à apresentação dos “resultados e discussões”, e trata da importância que a novela “Duas Caras”, da TV Globo, teve na divulgação e popularização do pole dance no país. Este tema foi incorporado, visto que a novela deu destaque à prática, e, percebeu-se através das fontes, que esta foi uma ruptura histórica, uma vez que o termo “pole dance” passou a ser mencionado de forma frequente nos jornais e redes televisivas do país após a aparição da prática na novela. Desta maneira, é apresentada uma breve discussão sobre a importância da novela e reflexão acerca de fragmentos interessantes de sua história, além dos motivos que levaram a mesma a ser “censurada”, à época, através da Classificação Indicativa.

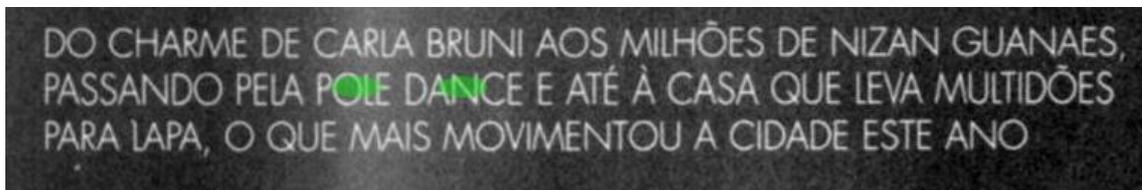
A novela “Duas Caras”, da TV Globo, foi estreada em 01 de outubro de 2007 e encerrada em 31 de maio de 2008 (MEMORIA GLOBO, 2021), contando com 210 capítulos e uma audiência considerada boa, com média geral de 41,04 pontos (TV FOCO, 20[--]) – a título de comparação, uma matéria online datada de 2 de janeiro de 2023 detalhou as últimas novelas da Globo com maior repercussão: Fina Estampa ficou em primeiro lugar, com 39.04 pontos, e Avenida Brasil em segundo, atingindo 38.71 pontos (PAIVA, 2023); Pantanal, uma das últimas novelas com grande repercussão nas redes sociais, chegou a apenas 29,65 pontos (AMO NOVELAS, 2022). Mais próximo de sua conclusão, a novela chegou a alcançar, inclusive, o primeiro lugar no ranking da programação televisiva, ficando 8 pontos à frente do “Jornal

Nacional”, o segundo no ranking (NA RETA FINAL: AGUINALDO SILVA ADIANTA O FIM DE ALGUNS PERSONAGENS DE “DUAS CARAS”, 08/04/2008, p.09).

Importante frisar que, na época de exibição do folhetim, os celulares ainda não eram um recurso tecnológico tão popularizado no Brasil²², o que contribuía ainda mais para a importância da novela e dos jornais como fontes de informação, divulgação e promoção de tendências comportamentais.

No caso do pole dance, as primeiras ocorrências (aparições) dessas palavras nos jornais brasileiros mencionavam a novela, e a partir delas inúmeras outras surgiram ao longo dos anos, algumas indicando de forma bem evidente a popularização da prática. Um exemplo é a citação das palavras “pole dance” no subtítulo da retrospectiva do ano de 2008 (apenas um ano após a divulgação do mesmo na novela), do Jornal do Brasil, como um dos acontecimentos que “mais marcou a cidade [do Rio de Janeiro] este ano” (HITS DE 2008, 27-28/12/2008, p.136) (figura 1).

Figura 1: pole dance na chamada da Retrospectiva do ano de 2008 da cidade do Rio de Janeiro (HITS DE 2008, 27-28/12/2008, p.136).



Fonte: Hemeroteca Digital Brasil

Outros indicativos dessa popularização são o aumento da divulgação de eventos de pole dance a nível mundial, nacional e local, como o “Pole World Cup”, “Campeonato Brasileiro Capital *Fitness* de Pole Dance” e a “Mostra de Pole Dance de Jaraguá do Sul”, e de pole dance associado a outras danças e atividades físicas, como o “Festival Internacional Nova Dança”, o “*Fitness* Brasil Internacional”, e a “Brasília Capital *Fitness*”. Sobre os eventos maiores que

²² Os celulares *touch screen* apareceram em 2007, com a invenção do celular “Apple” que continha “a primeira plataforma cheia de recursos para telefones celulares” (RENATO, 2022), mas ainda sem todos os recursos atuais; o WhatsApp (aplicativo de mensagens para celular muito popular), por exemplo, só passou a existir em 2009 (AGRELA, 2009).

abrangem outras práticas e pole dance, é interessante perceber que este passou a ser respeitado e a ganhar espaço tanto como dança quanto como atividade física.

Com o crescimento da divulgação da prática nos jornais, bem como seu aparecimento recorrente em diferentes programas de TV (que se comprova nas fontes analisadas, como na sessão “O melhor da TV” do jornal A Tribuna, de 2010 a 2011), cresce também a divulgação de aulas de pole dance nos jornais, o que indica um aumento de demanda no mercado, seja no mundo *fitness* ou artístico. A partir de 2010 o termo “*fitness*” (bem como outros que o remetem, como “condicionamento físico”) passa a aparecer de forma recorrente em conjunto às reportagens e menções breves ao pole dance, o que demonstra que a indústria *fitness* - constantemente à procura de novas tendências -, possivelmente percebeu no pole dance uma interessante fonte de lucro, principalmente por ter um público majoritariamente composto por mulheres (principais alvos de seus produtos e discursos).

Datada de 13 de dezembro de 2007, cerca de dois meses após o início do “folhetim”, a primeira ocorrência registrada na Hemeroteca Digital Brasileira acerca das palavras “pole dance” pertence ao jornal Tribuna da Imprensa. A reportagem comentava um vídeo com pole dance que havia recebido grande destaque na mídia online daquela semana²³, e em uma imagem localizada na sua lateral esquerda já havia referência à novela da TV Globo como sendo a responsável por popularizar a prática no Brasil (figura 2).

²³ A reportagem comenta um vídeo que havia ganhado grande destaque na plataforma de vídeos Youtube, alcançando “300 mil visitas”. Neste vídeo, quatro mulheres dançavam de forma sensual em um metrô de Nova York, apoiando-se nas barras de segurança e, inclusive, “esfregando-se em alguns passageiros”. O objetivo do feito, como informado por uma das participantes, era ganhar o prêmio em dinheiro oferecido por um site (de nome não informado) que estava promovendo um concurso em busca da “melhor execução de dança erótica em um poste” (o que, de fato, elas conseguiram) (“DANÇA COM POSTE” NO METRÔ É HIT NA WEB, 13/12/2007, p.05)

Figura 2: primeira ocorrência das palavras “pole dance” em jornais. (“DANÇA COM POSTE” NO METRÔ DE NY É HIT DA WEB, 13/12/2007, p. 05).



Fonte: Hemeroteca Digital Brasil

Alguns dos fatores que podem ter favorecido o alto número de publicações envolvendo o pole dance e a novela, do final do ano 2007 ao ano de 2008 podem ser conjecturados. Primeiramente, destaca-se o nível de audiência que a obra chegou a obter; em seguida, entende-se que a sensualidade envolvida nas performances de Alzira pode ter favorecido seu destaque; por último, foi possível observar, com base nas fontes, que essa sensualidade causou certas “polêmicas” com o órgão responsável, à época, pela Classificação Indicativa, o que também pode ter favorecido a divulgação.

Sobre o segundo motivo, a atriz que interpretou Alzira (Flávia Alessandra) narrou, em entrevista dada à rede de TV, Globo, o impacto que sua primeira cena de pole dance causou na população: ela havia ido viajar na data de transmissão de sua primeira aparição na uísqueria²⁴ da novela, e, ao chegar de volta ao Brasil, percebeu que todas as pessoas do aeroporto estavam a observando:

Quando voltei no domingo no [aeroporto] Galeão, (..) aí eu liguei pro meu marido e falei “amor, tá tudo bem?”. Ele falou “amor, foi um acontecimento a sua cena”. Eu falei “tá todo mundo olhando pra mim no aeroporto (...) que coisa louca, o que que tá acontecendo?”. Ele disse “não se fala de outra coisa” (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

²⁴ Local onde Alzira fazia suas apresentações noturnas.

No mesmo sentido, Secco (2021) afirmava: “a prática se popularizou entre as telespectadoras, graças, especialmente, à sensualidade latente nas sequências envolvendo a amada de Juvenal Antena [Alzira]”.

O terceiro motivo se relaciona ao anterior: a sensualidade de Alzira criou “polêmica”. A novela sofreu uma reclassificação de faixa de horário, pelo Ministério da Justiça, por conta das cenas da personagem dançando no “poste”. Isso também pode ter favorecido a divulgação da prática, visto que o autor chegou a explodir, na trama de “Duas Caras”, o estabelecimento em que a moça dançava como forma de “resolver” o “problema”, e esse acontecimento marca as primeiras publicações sobre a novela e relacionadas ao pole dance analisadas nos jornais (duas de dezembro de 2007, e outra de fevereiro de 2008) (ESQUENAZI, 23/12/2007, p.59; JR, 22/12/2007, p.32; ESQUENAZI, 27/02/2008, p.60). Diante disso, entende-se que esta mudança na Classificação Indicativa merece maiores detalhamentos.

A representação da prática pole dance dentro de uma boate, apresentada a partir de um viés sensual, em uma novela brasileira, como já comentado, parece ter gerado atrito com os valores morais da época, pois as cenas em que a personagem Alzira, interpretada por Flávia Alessandra, realizava suas performances no palco de uma uísqueria foram responsáveis pela mudança da classificação indicativa da novela pelo Ministério da Justiça, de 12 para 14 anos.

Na reportagem abaixo, do jornal Correio Braziliense (datada de 21 de junho de 2009), a redatora Mariana Trigo comenta acerca da atuação do Ministério da Justiça:

As cenas de sexo na teledramaturgia estão cada vez mais pudicas. Logo após a castração que se alastrou com a censura dos anos de chumbo, as novelas passaram a ter, a partir dos anos 1980, mais liberdade para explorar nas cenas eróticas. Com o passar dos anos, com a criação da portaria de Classificação Indicativa, do Ministério da Justiça, as cenas de sexo brocharam de vez. O que é contraditório com a audiência. Nas cenas mais calientes, o Ibope aponta significativo aumento (TRIGO, 21/06/2009, p.05).

Logo na sequência da reportagem, a redatora prossegue apontando exemplos de cenas que haviam sido cortadas²⁵ devido à ação do Ministério da Justiça. Na Rede Globo, a novela “Caminho das Índias” foi alvo da Classificação Indicativa devido a uma cena em que a personagem Yvone fazia um “strip-tease ao contrário”, vestindo as roupas “de forma insinuante,

²⁵ No caso, o Ministério da Justiça não cortava as cenas de forma direta, mas favorecia que isso ocorresse, já que muitas emissoras preferiam cortar as mesmas a realocar a novela para outro horário.

após ter algemado o tonto Raul (Alexandre Borges) na cama”, bem como por conta de duas novelas escritas por Aguinaldo Silva: “Duas Caras”, reclassificada por conta da performance de pole dance demasiadamente “provocativa” realizada pela personagem Alzira, e “Senhora do Destino”, uma novela em reprise na Rede Globo, em que “ pesou a ‘linguagem de conteúdo sexual’” (TRIGO, 21/06/2009, p.05). Para analisar estas reclassificações, é necessário recorrer a documentos que as sustentavam.

A partir de 2007 passou a vigorar no Brasil a portaria número 1.220/2007²⁶, que estabeleceu critérios mais objetivos para a classificação indicativa das obras audiovisuais (CARVALHO, 2017). Neste sentido, foi criado um Guia Prático de Classificação Indicativa, com detalhamento dos conteúdos permitidos para cada faixa etária (10,12,14,16 e 18 anos) e dentro dos três âmbitos base da classificação: violência, sexo e drogas (SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA, 2012).

Como a novela “Duas Caras” foi reclassificada pelo Ministério da Justiça como “Não recomendável para menores de 14 anos”, optou-se por analisar de forma mais aprofundada os conteúdos incluídos na classificação. Nesta categoria, os subtópicos que compunham o eixo “sexo” eram “nudéz”, “erotização”, “vulgaridade”, “relação sexual” e “prostituição”; destes, infere-se que o subtópico que fez com que a novela fosse reclassificada foi o de “erotização”, pois o mesmo era descrito pelo guia como: “Imagens, diálogos e contextos eróticos, sensuais ou sexualmente estimulantes, como strip-teases e danças eróticas. EXEMPLO: Homem realiza strip-tease; mulher se insinua, fica apenas de biquíni para seduzir outra pessoa” (SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA, 2012).

É interessante perceber a lógica de ordenação dos temas de acordo com a sua “intensidade” no guia. Aparentemente, os “contextos eróticos” exemplificados através das danças sensuais têm maior intensidade e impacto nas crianças e adolescentes do que cenas que apresentam “insinuação sexual” (“EXEMPLO: Casal se beija, começa a tirar a roupa e deita na cama”), carícias sexuais (“EXEMPLO: No cinema, namorado passa a mão pelo seio da namorada”) e masturbação (“EXEMPLO: Apresenta-se plano médio de homem no banheiro e, pela sua gesticulação (movimento de mão na região pélvica), induz-se que ele se masturba”),

²⁶ As portarias de Classificação Indicativa existiam desde a Constituição de 1988 (CARVALHO, 2017), apenas três anos após o fim da ditadura e da censura oficial.

visto que todos estes são “Não recomendáveis para menores de 12 anos” (SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA, 2012).

Sobre este ordenamento de subtópicos por faixa etária, é válido refletir acerca do que eles efetivamente representam: na visão da Secretaria Nacional de Justiça da época, as danças sensuais são compreendidas como mais graves ao olhar infantil do que cenas de masturbação, carícias e sexo não implícito. Conforme Shift Jr (22/12/2007, p.32), do jornal A Tribuna relata, o Ministério interpretou as cenas de pole dance com Alzira como um “(...) verdadeiro atentado ao pudor para o horário em que parte dos cidadãos via o folhetim” - o que comprova que as cenas realmente foram mal aceitas pelo órgão. E continua:

Aliás, quem viu os últimos capítulos percebeu o quanto as meninas do lugar estavam comportadamente vestidas, como forma de mea culpa. (...) A culpa é de Alzira, digo, da Flávia Alessandra, que tanto se preparou para exibir um estilo sensualíssimo de pole dance, que acabou agitando tudo e todos. Principalmente o tudo do pessoal! Deu no que deu (JR, 22/12/2007, p.32).

É interessante que as mulheres da uísqueria tenham, aparentemente, aparecido mais “bem comportadas”, já que o Guia Prático de Classificação Indicativa do período não mencionada nada sobre roupas (com exceção de biquínis, se estivessem em contexto de sensualização), inclusive permitia nus parciais para a faixa dos 12 anos. Este fato corrobora para o entendimento de que a classificação também foi regida por valores morais, não inteiramente “objetivos” como pretendia ser. Isso se comprova na alta pressão que o autor da novela sofreu para acabar com a uísqueria.

Através de busca sobre o tema, com os seguintes termos: “novela duas caras e censura” e “novela duas caras e classificação indicativa” obteve-se numerosas manchetes sobre o assunto, todas pontuando as dificuldades que o escritor Aguinaldo Silva estava passando para tentar manter a trama original. Aparentemente, a pressão foi tanta que o autor se viu obrigado a destruir a uísqueria de um dia para o outro:

Nos três primeiros meses, Duas Caras teve classificação indicativa para maiores de 12 anos. Mas, após as várias cenas de Alzira sensualizando e de alguns palavrões em outros núcleos, o Ministério da Justiça mudou de ideia. A novela passou a ser considerada inadequada para menores de 14 anos, e a Globo foi obrigada a exibi-la apenas após as 21h. Mas, segundo Aguinaldo Silva, a pressão ficou ainda maior em relação às cenas na uísqueria. Ele foi informado de que, se não acabasse com o bar da trama, a novela seria "rebaixada" para a faixa das 23h. (...) Ele contou que, numa noite, o diretor Wolf Maya ligou para sua casa para avisar que teria de escrever para o dia seguinte uma cena que acabasse com a uísqueria. "(...) eu tinha sete horas para tirar

todo um núcleo da novela. Entrei em desespero, comecei a arrancar os cabelos e fui para o computador", relatou Silva (NOTÍCIAS DA TV, 2021).

Relatos de outros sites comprovam essa pressão sentida por Aguinaldo para dar fim à uísqueria; no entanto, apenas este menciona o possível “rebaixamento” para a faixa das 23h. Se essa informação for verídica (não há indicação de onde a reportagem obteve acesso a estas falas do autor), o Ministério da Justiça teria usado um recurso não formal para acabar com a uísqueria, visto que a reclassificação para este horário permitiria que apenas maiores de 18 anos a assistissem, o que já não se enquadraria em nenhum critério estabelecido pelo Guia Prático de Classificação Indicativa consultado. De qualquer modo, a pressão deve ter sido suficiente para o autor ter recorrido a um artifício tão drástico.

Neste ínterim, é válido pontuar que o trabalho de determinação da Classificação Indicativa, segundo o seu Guia de 2007, não incluía a opinião pública como um fator importante na análise; entretanto, em busca de maiores informações sobre o assunto na plataforma Google, utilizando-se os termos “reclamações sobre a classificação indicativa”, percebe-se que esse componente de fato favoreceu a reclassificação de diversos conteúdos. Assim, destaca-se que, na época da novela, “a maior parte das reclamações” recebidas pelo órgão faziam referência às “cenas de dança na barra protagonizadas pela personagem Alzira, vivida por Flávia Alessandra”, segundo notícia publicada no site “O Planeta TV”, de 05 de dezembro de 2007 (JEFERSON, 2007). Essa forma moral de se visualizar a prática fica ainda mais evidente na seguinte notícia, publicada no jornal Correio Braziliense, em 20 de março de 2012, sobre uma suposta campanha do Ministério que teria sido vetada:

A campanha “Não se engane”, lançada ontem pelo Ministério da Justiça (MJ) com o objetivo de chamar a atenção dos pais para a influência de obras audiovisuais (filmes, jogos, programas de TV) na formação de crianças, teve um dos três vídeos programados vetado. Os organizadores perceberam a polêmica em potencial contida no material, que mostrava o desenho de uma boneca representando uma menina, com dinheiro na lateral do biquíni e praticando pole dance, numa referência ao que as crianças podem fazer depois de assistirem a cenas de sexo. “É muito forte, será revisto”, afirmou Roseli Goffman, do Conselho Federal de Psicologia, uma das entidades parceiras do MJ na campanha (VETADO VÍDEO EM CAMPANHA SOBRE CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA, 20/03/2012, p.08).

Percebe-se aqui que a prática foi utilizada para mostrar algo compreendido como negativo que ocorreria às crianças por ver cenas de sexo. Assim, conclui-se que as cenas de pole dance em uma boate promovidas pela TV em uma novela de amplo alcance devem ter afligido o Ministério da Justiça e pessoas da sociedade em geral: se ver cenas de sexo pode

torna-las strippers (e isso é algo ruim), ver Alzira dançando também pode fazê-las querer dançar (e isso vai contra o que se espera de uma moça e seu recato). Assim, explicam-se as reclamações sobre a novela e destaca-se que o pole dance e sua sensualidade “deram o que falar”, como Flávia Alessandra afirma em entrevista dada ao jornal Correio Braziliense, em 19 de abril de 2009: “sabia que a história da pole dance ia dar o que falar porque ainda não era muito conhecida aqui. Mas confesso que não tinha noção que fosse alcançar aquela dimensão” (MAIO, 19/04/2009, p.6/7).

No entanto, apesar de ter causado em parte do público uma sensação ruim, possivelmente de aversão – o que os fez ligar para o Ministério Público pedindo pela reclassificação – essa não foi a recepção geral das cenas de Alzira. Aparentemente, parte considerável do público demonstrou uma reação positiva à sua sensualidade. Isto pode ser confirmado no seguinte relato do ator Wilson de Santos, que interpretava “Jojô” (o chefe das meninas na uísqueria onde Alzira se apresentava), publicado no jornal do Brasil em 23 de dezembro de 2007: “As mulheres me abordam perguntando onde podem fazer a dança do poste. Já os homens dariam tudo para ver a Flávia Alessandra dançar” (ESQUENAZI, 23/12/2007, p.59).

Neste ponto, percebe-se como as mulheres reagiram à divulgação do pole dance realizada indiretamente através da novela: mesmo vendo-o sendo executado dentro de uma uísqueria e no contexto de shows noturnos, desenvolveram verdadeiro interesse pelo assunto, e a carga sensual envolvida pelo pole dance, longe de desestimular, parece ter favorecido a sua procura.

Com a explosão da uísqueria, no entanto, o palco de pole dance na boate foi substituído por um estúdio de pole dance, onde Alzira passou a lecionar sua prática em um estúdio chamado “Sport & Dance” (um nome interessante, pois declarava que a prática possuía um caráter múltiplo). Entretanto, a descrição de Aguinaldo Silva (autor da novela) quanto ao que pretendia fazer de final para a personagem já não segue este perfil:

Alzira vai virar uma grande estrela da pole dance, com direito a capa da “Playboy” e tudo... Mas vai renunciar a isso, depois que Juvenal, mordido de ciúmes, a arrancar do palco, levar pra casa e anunciar: a partir de hoje tu é só minha! Eu vos pergunto: que mulher resistiria ao Fagundes dizendo isso? (NA RETA FINAL: AGUINALDO SILVA ADIANTA O FIM DE ALGUNS PERSONAGENS DE “DUAS CARAS”, 08/04/2008, p.09).

Cabe destacar que, no fim, o autor decidiu alterar a narrativa: Alzira termina a novela morando na Espanha e se tornando muito famosa, tendo negado o pedido de Juvenal de desistir de sua carreira e se despedido dele (AMO NOVELAS, 2019). No entanto, pode-se refletir acerca deste destino inicialmente exposto.

Primeiramente, o comentário de Aguinaldo Silva sobre o fim construído para a personagem Alzira é questionável: além de não pontuar como algo ruim que o companheiro da moça quisesse acabar com seus sonhos por sentimento de posse, o destaca como uma atitude até excitante, em vista da forma como utiliza a palavra “resistir”.

Ademais, a associação da carreira da personagem à participação na capa da Playboy mostra o vínculo realizado entre sua dança, vista como estimulante aos olhos masculinos, e uma revista que também explora a exposição de mulheres para o prazer masculino. No entanto, é uma associação possível se considerar o fato de Alzira ter virado “uma estrela”, visto que muitas mulheres famosas são chamadas para posar nesta revista, ganhando somas exorbitantes que provavelmente não ganhariam tão facilmente de outros modos. Nesse sentido, a indústria cultural demonstra a sua força e sua ideologia, pois consegue pagar caro para possuir acesso a esses corpos e divulgá-los, bem como favorece a construção dos ideais de “gosto masculino”, possuindo sessões de “esportes, saúde, automóveis,[e] roteiros turísticos” (NETO et al., 2010).

De qualquer modo, é possível concluir que a novela, de modo geral, permitiu uma visualização múltipla do pole dance, como show noturno, como aula oferecida em estúdios, e como profissão, uma vez que, na narrativa, a mulher que o praticava tornou-se famosa pelas suas performances. No entanto, algumas questões referentes à sensualidade de suas cenas provocaram reações, tanto da população quanto do Ministério da Justiça. Abaixo será abordado de forma mais aprofundada como que a sensualidade relacionada ao pole dance foi abordada nos jornais considerados.

4.2 POLE DANCE E OS ESTIGMAS ATRIBUÍDOS AO SENSUAL

É importante começar este subcapítulo retomando a reflexão (pontuada brevemente na introdução) acerca dos estigmas sofridos pelas/os praticantes de pole dance em decorrência da associação de sua prática à de *strippers*, mulheres que performam junto ao pole dance como forma de obter dinheiro (se prostituindo ou não). No presente estudo, esta correlação entre pole

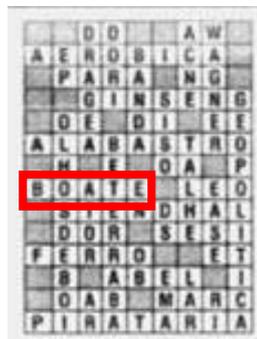
dance e strippers pode ser observada indiretamente em diversos fragmentos dos jornais, como nesta Cruzadinha²⁷, datada de 07 de novembro de 2008 e publicada no Jornal do Brasil: a dica utilizada para o/a leitor/a identificar a palavra sugerida é “estabelecimento da ‘pole dance’” (figura 3a), e isso deveria induzi-lo/a à determinar que o local em questão se trata de uma “boate” (Figura 3b).

Figura 3a: Dica de palavra na cruzadinha: estabelecimento da “pole dance” (CRUZADAS, 7/11/2008, p.64).

rocha branca análoga ao mármore	↓	Vegetal com o qual se faz a sopa borche		Feito do corpo	
→		↓		↓	
Estabelecimento da “pole dance”		Profissional que faz uso de “cacos”	Prefixo de “enlutar”		Página (abrev.) → Facilidade, em inglês
→		↓	↓	(?) Gandelman, saxofonista →	↓

Fonte: Hemeroteca Digital Brasil

Figura 3b: resposta da cruzadinha, no entendimento do jornal: “boate” (CRUZADAS, 7/11/2008, p.64).



Fonte: Hemeroteca Digital Brasil

Essa associação frequente faz com que as pole dancers, precedidas pelas *strippers*, tenham aprendido a “negociar” esse estigma. Segundo Gómez-Ramírez (2007, p.12), as “*strippers* no passado encararam a ambivalência moral e legal de uma sociedade contraditória, que as admiravam por suas performances e desprezavam seu trabalho ao mesmo tempo”, o que

²⁷ “As palavras cruzadas são um jogo (ou passatempo) que consiste em completar/preencher os espaços vazios de uma grelha com letras”, a partir das dicas oferecidas pelo mesmo nas casas ocupadas (CONCEITO DE, 2023)

fez com que elas aprendessem a resistir e a acomodar essas contradições em igual intensidade. Assim, a partir do momento que as pole dancers passaram a utilizar elementos da cultura destas mulheres, também passaram a ter que lidar com essas ambiguidades.

Isso fica evidente no trabalho de campo realizado por Cury (2018), em que chamou a atenção da autora, em diferentes conversas entre professoras e alunas no estúdio que frequentava, “a frequente necessidade de afirmar que pole dance não era coisa de stripper nem de garota de programa, como se isso fosse um estigma associado à prática”. No presente trabalho, esta negação frequente das *strippers* ou até mesmo da sensualidade, de modo geral, pôde ser facilmente identificada. Um exemplo claro dessa dissociação pode ser observado na chamada de reportagem disposta abaixo (figura 4), localizada na capa do jornal O Fluminense, datada de 09 de setembro de 2012.

Figura 4 – Chamada de reportagem sobre pole dance destaca: “sem nenhuma conotação sexual” (ALÉM DA SENSUALIDADE, 09/09/2012, p.01)



Fonte: Hemeroteca Digital Brasil

Aqui, percebe-se o reforço da chamada em frisar, logo de início, a ausência de conotação sexual na prática e o aumento de “pessoas, inclusive homens” que buscam o pole dance. De certo modo, explicitar estas duas informações logo no início pode significar uma tentativa de tornar o conteúdo mais palatável: ali já se entende que não se trata do pole dance “vulgar”, mas sim de algo a mais, mais respeitável e “além da sensualidade”. Ademais, a afirmação destacada de que “inclusive homens” estão buscando a modalidade é mais uma forma de dar respaldo a

essa lógica, já que homens não são vistos como seres sensuais (como as mulheres o são), mas sim como seres fortes e intrinsecamente respeitáveis.

Sobre esta respeitabilidade intrínseca, deve-se retomar a questão da forma como os corpos de homens e mulheres foram sendo consolidados através do tempo: foi o corpo da mulher que foi transformado em espaço de disputa e a ele foram destinados os valores morais. São as mulheres que devem ter medo de se expor e são elas que devem ter cuidado com seus atos (FEDERICI, 2017). Assim, mencionar a existência de homens seria uma forma de comprovar a diferenciação e respeitabilidade da prática, tendo em vista que os homens são relacionados apenas à força, e não à sensualidade. Segundo Saez e Carrascosa (2011), o homem é mais descrito em termos do que não é do que o que é de fato; segundo eles, ser homem é “não ser gay” e “não ser mulher”, por exemplo. Logo, ser homem é ser inerentemente respeitável; o respeito só acaba quando eles se confundem com o que não é respeitável – ser gay, ser mulher (SAEZ; CARRASCOSA, 2011).

Voltando ao aspecto da negação do sensual, percebe-se também que esta associação é feita muitas vezes acoplada à valorização do esporte (e das pretensas “origens” da prática – que são bem questionáveis, como já pontuado na revisão de literatura). Essa discussão será melhor destrinchada no próximo tópico; no entanto, deixar-se-á aqui um trecho inicial de reportagem sobre pole dance (figura 5) publicada no Jornal do Boqueirão, datada de 23 de setembro de 2013, que explicita essa questão e permite perceber que, para além da negação do erotismo no presente da prática, percebe-se também sua negação na história da mesma, ou seja, em seu passado:

Figura 5: Negação do contexto sensual na história do pole dance (ASSUNÇÃO, 23-29/03/2013, p.10).



Fonte: Hemeroteca Digital Brasil

No geral, por mais que estas reportagens “errem”, no sentido de não ver a sensualidade da prática como uma parte também interessante e respeitável da prática, a maioria delas visava divulgar as aulas de pole dance “*fitness*”, o que torna esta atitude mais “compreensível”. Entretanto, ela se repete, inclusive, em reportagens que buscam divulgar as artes sensuais, o que mostra que, mais do que mera “ignorância” ou tentativa de “marketing”, a exclusão dos aspectos da sensualidade de modo recorrente pode ser analisada como uma escolha, que visa aumentar a respeitabilidade social do pole dance.

Na sessão “Diversão e Arte” do jornal Correio Braziliense, uma reportagem datada de 2011 versava sobre um evento composto por diversas apresentações de danças sensuais, dentre elas o strip-tease, a dança do ventre e o pole dance, denominado “Cabaré Nostalgique”. O evento tinha como proposta principal “refletir sobre os limites entre arte e pornografia nas danças sensuais”, abarcando “a sensualidade e o erotismo renegados no universo artístico”. Segundo o curador e organizador do evento Giovane Aguiar,

ao longo da minha vida, ouvi colocações negativas relacionadas ao corpo, de que o que se relaciona ao físico é menos, é promíscuo, é subversivo. Na cultura ocidental, a psique está ligada ao desenvolvido, e o corpo ao brutal, enquanto que, no pensamento oriental, o corpo é o caminho para chegar ao desenvolvimento” (MOREIRA, 16/01/2011, p.01).

Apesar da compreensão interessante que Giovane traz acerca da sensualidade, buscando explicar que sua visão pejorativa foi construída socialmente (assim como apontado na revisão de literatura do presente estudo) é válido refletir acerca do principal “objetivo” do evento. Porque, mesmo em um contexto de celebração da sensualidade, os seus “limites” precisam ser traçados? A resposta é porque existe uma sensualidade que é bem vista (inclusive pela mídia, como no caso de cantoras pop famosas que são vistas como “empoderadas”) e outra que é rechaçada (como no caso das prostitutas).

Essa divisão entre o sensual “tolerável” e o não “tolerável” pode ser compreendida, à primeira vista, como uma forma de reivindicar maior respeito às danças sensuais, para que elas sejam vistas como “arte”, e não como “pornografia”, o que facilitaria, inclusive, a maior aceitação do público à participação no evento. No entanto, o espaço promovido poderia facilmente falar da sensualidade sem estabelecer limites, trazendo a concepção de seu curador e organizador para debate, o que enriqueceria muito mais o assunto. Deste modo, percebe-se que mesmo compreendendo que existe um estigma sofrido pelas danças sensuais, o evento

organizado por Giovane Aguiar se auto restringe, e estigmatiza (mesmo sem perceber) parte das pessoas que trabalham com a sensualidade.

Neste ponto, Gómez-Ramírez (2007, p.35) explica, pontuando Goffman (1963), que “pessoas estigmatizadas muitas vezes tendem a carregar as mesmas crenças sociais e morais que as pessoas que as estigmatizam” (tradução livre). Assim, ao mesmo tempo em que pessoas como Giovane (2011) tentam refletir acerca dos valores morais relacionados à sensualidade, à repressão dos corpos e de suas sexualidades, também segue apontando a alguém o estigma, o que contribui para a sua perpetuação. No mesmo sentido, a professora de pole dance Eliana pontua, em uma reportagem datada de 06 de janeiro de 2013, publicada no jornal A Tribuna: “Hoje está melhorando, mas o preconceito ainda está presente e não consigo entender os motivos. As pessoas têm que saber que existe uma linha tênue entre sensualidade e vulgaridade” (COSTAS, 06/01/2013, p.08).

Voltando à reportagem do evento sobre sensualidade, destaca-se um outro momento da mesma, em que uma praticante e professora de pole dance, denominada Bárbara Nunes, discorre sobre sua prática, a sensualidade envolvida, dificuldades das aulas e seus benefícios. Bárbara afirma, logo de início, a “inevitabilidade” da sensualidade no contexto do pole dance, buscando, para isso, uma explicação puramente prática e objetiva das aulas: a necessidade de aderência da pele. Segundo ela, “A sensualidade é inevitável, já que é preciso usar roupas curtas para garantir a aderência da pele à barra. Mas essa modalidade trabalha mais a autoestima do que a sexualidade propriamente” (NUNES, 16/01/2011, p.01).

É interessante considerar as motivações pelas quais esta professora sentiu a necessidade de afirmar, logo de início, a “inevitabilidade” da sensualidade no pole dance, visto que o objetivo do evento era justamente refletir a sensualidade renegada, e não a reforçar. Novamente, a ideia de se dissociar do estigma acaba por reforça-lo, pois não falar sobre a sensualidade do pole dance e escondê-la não ajuda a reduzir o preconceito em torno do assunto (figura 6). A aderência da pele, sem dúvidas, é facilitada com o uso de roupas curtas; entretanto, o mero uso de roupas curtas não colocaria o pole dance como uma prática sensual, por mais que pudesse favorecer a objetificação dos corpos das mulheres que o praticam.

Figura 6 – Trecho de reportagem destacado, jornal Correio Braziliense (MOREIRA, 16/01/2011, p.01).



Praticante de pole dance e professora da modalidade há cerca de um ano e meio, a empresária Bárbara Nunes, 27 anos, reconhece que existe uma cultura sexual em torno da prática, mas essa noção é combatida. “A sensualidade é inevitável, já que é preciso usar roupas curtas para garantir a aderência da pele à barra. Mas essa modalidade trabalha mais a autoestima do que a sexualidade propriamente” garante. A professora acrescenta ainda que são poucas as alunas que procuram suas aulas para ensaiar exibições eróticas para seus maridos e namorados. A motivação principal é exercitar-se e manter a saúde em dia.

Quando o festival decide incluir essa modalidade, ajuda a divulgar e a afastar o preconceito”, defende.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasil

Outro tema bastante recorrente das fontes relacionado a seu teor sensual se associa ao que a instrutora de pole dance da figura anterior destacou quanto aos objetivos que fizeram as alunas procurarem suas aulas: sempre que a sensualidade é pontuada, o “dançar para o namorado” aparece como uma motivação. Um exemplo bem demarcado dessa caracterização

pode ser visualizado na Figura 7, que demonstra outra chamada de reportagem, localizada na capa do Jornal do Brasil, datada de 29 de novembro de 2009:

Figura 7 – Chamada de reportagem de pole dance cita “agradar o parceiro” como um de seus objetivos (AS CARIOCAS ADOTAM O POLE DANCE COMO ESPORTE, LAZER E UMA BOA MANEIRA DE AGRADAR O PARCEIRO, 29/11/2009, p.01)



Fonte: Hemeroteca Digital Brasil

Nesse ínterim, é importante frisar que dançar para o companheiro é um motivo plausível. Entretanto, é válido refletir sobre esse discurso propagado e porquê esta motivação é tão recorrentemente pautada nos jornais.

De início, percebe-se que há uma conexão instantânea entre uma prática feita por mulheres (que possui em sua história aspectos sensuais), e o “agrado” aos seus maridos, como se apenas a heterossexualidade existisse. Isso, para Guacira Lopes Louro (2000), faz parte das pedagogias que moldam as sexualidades: por ser mulher, entende-se que esta deve corresponder a uma série de atributos tidos como pertencentes à categoria “mulher”, e que esta irá se atrair “naturalmente” por alguém do sexo oposto. Esta relação também é bem discutida em Judith Butler (2009), que pontua acerca de como os gêneros são performativos e, em geral, colocados de forma binária, reproduzindo formas de ser que se “completariam” quando estivessem juntos. Não há, aqui, a pretensão de se aprofundar nestes assuntos, mas entende-se que é importante mencioná-los, haja visto que os jornais, como pertencentes à indústria cultural, também reproduzem e atuam ativamente de forma a “naturalizar” construções sociais sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, e esses entendimentos podem moldar a forma como as mídias discorrem acerca das diferentes práticas realizadas por estes sujeitos.

Sobre a recorrente aparição desta motivação nos jornais, pode-se conjecturar que a própria história da prática possa ter favorecido, a princípio, a procura do pole dance associada a esta questão (visto que dentro das boates as mulheres performaram para atrair a atenção dos olhares masculinos, virando alvo de seu desejo e lucrando com isso), o que faria com que os jornais o pontuassem. No caso do Brasil a primeira grande representação responsável por popularizar a prática – a novela *Duas Caras* – também contava com esse aspecto: Alzira dançou para o personagem “Juvenal” ao menos duas vezes. Assim, ainda que os números apontem que, em geral, as mulheres estão mais insatisfeitas sexualmente do que seus parceiros²⁸, ao perceber a abertura de uma nova tendência de prática que possa favorecer o desejo sexual dos mesmos, muitas podem ter ido prontamente atrás dela.

De qualquer modo, é interessante que os jornais, ao mesmo tempo que pareçam ter tentado reduzir (e até esconder) a sensualidade que existe em certos aspectos da prática, tenha reforçado de forma tão aberta esse ponto; parece que a sensualidade é um assunto delicado de ser trazido à tona, e quando feito, precisa estar vinculada aos homens. Isto pode estar relacionado à toda construção social que a sexualidade das mulheres sofreu ao longo de milhares de anos, pautada na revisão de literatura do presente trabalho (subcapítulo 2.4). Em resumo, ela foi sufocada, altamente reprimida, e também posta como subserviente aos desejos sexuais dos homens, pois estes eram vistos como os seres sexualmente ativos, enquanto as mulheres se caracterizariam por sua passividade, resguardadas à maternidade e ao lar.

Na passagem abaixo, retirada do *Jornal do Brasil* e datada de 01 de abril de 2008, a redatora Rose Esquenazi resume as aulas de pole dance realizadas por Alzira em um condomínio (após a censura das cenas na uísqueria) a apenas esse aspecto, e traz, em seguida, um comentário aparentemente irônico relacionando o pole dance às casas noturnas, com a citação do filme “*Irina Palm*”. Neste filme, uma mulher de meia idade, desesperada para obter dinheiro e auxiliar seu filho a pagar o tratamento médico do neto, após buscar trabalho em alguns lugares e não obter sucesso, encontra espaço em uma boate, onde aprende a oferecer

²⁸ Segundo a coluna online “Ciência”, do jornal *El País*, um estudo publicado em 2018 na “revista *Journal of Sexual Medicine*”, realizada com “1683 casais heterossexuais recém-casados”, apontou que 87% dos maridos chegavam constantemente ao orgasmo, enquanto apenas 49% das esposas o faziam. Ainda, foi verificado que 43% dos maridos “não eram capazes de dizer quando [o orgasmo delas] acontecia”. Segundo a sexóloga Ana García, isso demonstra que os homens estão muito concentrados em seu próprio prazer, ou que nem cogitam “que sua parceira não esteja tendo a mesma sensação” (CARPALLO, 2018).

serviços sexuais e se apresentar nos shows noturnos sob o pseudônimo “Irina Palm” (IMDb, 2007). O trecho abaixo tem como título “Pornô Show”:

Você já fez a sua sessão de pole dance hoje? Sim, como a “profi” (diminutivo de professora) Alzira (Flávia Alessandra) ensina, não há nada mais natural do que instalar um mastro no meio do quarto e mandar ver para o marido/amante/namorado. As frequentadoras do condomínio de *Duas caras* andam felicíssimas com a invenção. Se elas forem assistir ao filme *Irina Palm* verão que muitas mulheres também dominam a técnica em Londres. Só que numa pornô *shop*! (ESQUENAZI, 01/04/2008, p.58).

Neste parágrafo, percebe-se a redução das diferentes motivações relacionadas à busca pelo pole dance à somente uma: “mandar ver para o marido/amante/namorado”. Ainda, é interessante perceber a associação da sensualidade à prostituição; diferentemente de outras citações sobre o tema nos jornais, que tentavam omitir os aspectos sensuais, esta redatora preferiu destaca-la, porém com pareceres de deboche.

Outro fato interessante é a história do filme mencionado: uma mulher idosa busca a prostituição em um momento de necessidade, em que seu neto precisava de ajuda. Também na novela *Duas Caras*, Alzira inicia seus shows como forma de ganhar dinheiro para pagar o tratamento de seu marido, como explica a atriz Flávia Alessandra em reportagem online sobre a novela: “Sua busca não é pensando no bem-estar próprio, mas na paixão pelo marido. Ela junta dinheiro para pagar o transplante de coração do Dorgival” (G1, 2007).

Dois elementos desses enredos podem ser pontuados. O primeiro é o entendimento de que o único motivo para as mulheres exporem seus corpos de maneira sensual é a necessidade; parece não ser aceita a ideia de que alguma mulher se sinta confortável ou escolha fazer isto (no caso de Alzira, ao menos, a trama se desenvolve para esse caminho: começou por necessidade, mas passou a se sentir feliz com a prática e a transformou em carreira). Considerando a história da prostituição, que, em seus primórdios, era feita por vontade própria e tinha um significado religioso, com as sacerdotisas, como eram chamadas, sendo consideradas Deusas, percebe-se como as influências morais religiosas distorceram esta visão. Mulheres foram tão diminuídas socialmente, e suas sexualidades tão reprimidas, que hoje não existe respeito em torno desta atividade, que passou a ser considerada uma grande desonra²⁹ (BORGES; PETRILLI, 2013).

²⁹Os maiores xingamentos atribuídos às mulheres inclusive remetem a isso: puta, vagabunda, vadia, vaca.

Também, é mais difícil acreditar nesta escolha “livre”, pois entende-se que essas mulheres são vistas socialmente como simples objetos sexuais, sujeitas a todos os tipos de abusos e excessos. Isto decorre das imagens de sexo propagadas, altamente falocêntricas e influenciadas pela indústria pornô, que também influenciam o baixo grau de satisfação sexual experimentado pelas mulheres (ALVES; PEREZ, 2021). Assim, as influências históricas do rebaixamento da sexualidade feminina fazem-se presentes na contemporaneidade.

Espera-se que este tópico tenha ajudado a compreender como a sensualidade da prática foi tratada nos jornais. Em resumo, os aspectos sensuais do pole dance ou foram totalmente negados (tanto no presente, quanto no passado da prática), ou foram resumidos, na maioria dos casos, como forma de agradar o companheiro. Quanto as falas das pessoas destacadas nas reportagens anteriores, percebe-se que, em busca de maior aceitação e respeitabilidade social, acabaram recorrendo a um discurso de caracterização de limites, entre a sensualidade que consideram correta e a que consideram vulgar, reforçando o estigma do qual tentam se desvencilhar.

No próximo tópico será pontuada acerca da forma que os jornais trataram a cultura *fitness*, o que pressupõe certa continuidade de elementos com o anterior, pois a hipervalorização de contexto de “atividade física” no pole dance parece também uma forma de distanciamento ao que se vê como motivo de sua estigmatização: o sensual.

4.3 CULTURA *FITNESS* E CORPO DAS MULHERES: O MARKETING DO POLE SPORT

Primeiramente, é necessário explicar metodologicamente que essa categoria de análise (o *fitness*) foi assim configurada a partir da análise do material coletado nas fontes jornalísticas brasileiras. De início, pensava-se que seria interessante observar nas fontes acerca das tensões existentes entre o pole dance como prática sensual e o pole dance como esporte; entretanto percebeu-se através da leitura de todo o material na etapa de pré-análise que o mais correto seria conjecturar acerca do *fitness*, devido à alta frequência com que o termo foi suscitado no *corpus documental*.

Por esta razão, faz-se importante entender bem qual a relação existente entre o pole “*fitness*” e o pole esportivo: enquanto o primeiro dá conta de caracterizar todas as aulas de pole dance em que o objetivo principal são as acrobacias, o segundo engloba o pole dance como

modalidade competitiva. Assim, ainda que não sejam exatamente a mesma coisa, podem ser considerados quase sinônimos, pois ambos englobam o pole dance como forma de exercício físico, e a indústria *fitness* e os campeonatos esportivos andam, frequentemente, lado a lado. Dito isto, dá-se início à análise das fontes.

Um dos temas mais recorrentes presentes nas reportagens sobre pole dance consideradas neste estudo foi o destaque dado ao pole dance *fitness* ou esportivo em contraponto ao pole dance sensual.

Retomando a reflexão acerca da estigmatização que permeia o pole dance, entende-se que suas/seus praticantes, em busca de maior respeito ao que fazem e de distanciar-se do estigma que sofrem, podem acabar reproduzindo-o, e, com isso, acabam por reforçá-lo. Isso fica evidente em um fragmento de reportagem publicada no jornal Correio Braziliense, datada de 12 de dezembro de 2013, que traz elementos interessantes. Nela, “Damiana Rodrigues, proprietária de um estúdio de pole dance” afirma que “o estigma de ‘dançarina de boate’ está prestes a acabar”; em suas palavras, ela diz ter conhecido “várias pessoas que passaram por situações desagradáveis, de serem vistas como garotas de programa, mas agora estão começando a ver como opção de exercício” (CUNHA, 12/12/2013, p.08).

Infere-se que, na concepção desta dona de estúdio, o estigma “vai acabar” quando as pessoas perceberem que a prática é um exercício, o que implica que o estigma existente na vertente sensual vai continuar existindo - a única mudança é que agora não afetará mais as pessoas que o praticam com outro objetivo. Assim, essa fala não só continua a estigmatizar as *strippers* (como nos casos mencionados no tópico sobre a sensualidade) como também segue estigmatizando pessoas internas à própria comunidade do pole dance.

Em outro trecho de reportagem, esta do jornal A Tribuna, datada de 06 de janeiro de 2013, percebe-se a mesma linha de raciocínio. Após a menção de uma situação de preconceito vivida por uma praticante de pole dance, que foi associada a uma “garota de programa” por seu professor ao ficar sabendo que ela havia iniciado as aulas, o redator da matéria afirma que, “porém, aqueles que abraçam o preconceito certamente desconhecem o crescimento da modalidade como atividade física no Brasil” (COSTAS, 06/01/2013, p.08).

Novamente, o pole dance como atividade física recebe o respeito do redator, e segundo ele, com certeza também deverá receber do público, que apenas o “desconhece”. Enquanto isso, o pole dance e suas raízes sensuais seguem estigmatizadas.

Em vista disso, pôde-se observar, através das fontes, a frequente retomada da “origem” da prática como forma, também, de se distanciar do estigma da *stripper*. No fragmento abaixo (figura 8), datado de 9-10 de setembro de 2012, o redator Vieira do jornal O Fluminense reforça essa compreensão.

Figura 8 – A “origem” do pole dance é pontuada (VIEIRA, 9-10/09/2012, p.26).

Homem também tem vez
 Além do estereótipo de dança puramente sensual, engana-se quem pensa que pole dance pertence apenas ao mundo feminino. Na verdade, a prática começou por volta do século XIX na Índia como uma forma de ginástica masculina chamada Mallakhamb, onde homens formavam pirâmides e executavam outras técnicas em volta de uma barra de madeira. Podem-se encontrar herdeiros da prática dois séculos depois, seja em competições de ginástica como as Olimpíadas, seja em shows artísticos como o Cirque du Soleil. Aluno da UP Dance, o professor de pilates, Hudson Rocha, admite que ainda há preconceito com o homem que decide praticar a pole.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasil

Nesta passagem, percebe-se que o destaque dado à origem da prática parece respaldar, de algum modo, a participação dos homens no pole dance na contemporaneidade: pontua-se sobre seus elementos “históricos” (do qual não se encontrou nenhuma fonte originária até o momento de conclusão desta pesquisa) para demonstrar que suas “origens” também foram formadas por elementos “masculinos”. Assim, a reportagem não só parece querer distanciar o pole dance das *strippers*, mas também das mulheres, o que acarretaria em maior “respeito”. Entretanto, é um respeito que desrespeita a contribuição das mulheres em uma prática que, até a atualidade, tem se configurado como predominantemente de mulheres.

Em outra reportagem (figura 9), datada de 23 a 29 de março de 2013, publicada no Jornal do Boqueirão, a história se repete, com a história do pole dance citada se restringindo à sua parte esportiva:

Figura 9 – “Origem” do pole dance no Jornal O Boqueirão (ASSUNÇÃO, 23-29/03/2013, p.10).



Fonte: Hemeroteca Digital Brasil

Neste ínterim, é interessante pontuar que mesmo nos casos em que a origem do pole dance citada inclui as *strippers*, a origem “primeira” da prática citada são as práticas masculinas orientais (seja ela o Mallakhamb indiano ou o mastro chinês). Como mencionado na revisão de literatura, dentro da comunidade de pole dance existe uma disputa de narrativas acerca destas concepções: um lado defende essas práticas antigas, masculinas e orientais como origem do pole dance; o outro defende o burlesco, as danças sensuais e as *strippers* nesse processo. E essa disputa também atinge o âmbito acadêmicos; como por exemplo, no Trabalho de Conclusão de Curso de Peres (2022) a autora defende as “origens sensuais” criadas pelas *strippers*, e afirma que:

Existe um movimento dentro da própria comunidade de tentativa de dissociação do pole dance moderno de suas manifestações mais eróticas. Como que em um apagamento dessas origens, na tentativa de legitimá-lo mais como esporte e de, possivelmente, evitar a estigmatização que a atividade sofre (PERES, 2022, p.14-15).

Peres (2022) levanta um ponto oriundo de sua percepção como praticante e instrutora da modalidade; esta percepção não pode ser plenamente confirmada, visto que ainda não existem estudos rigorosos que atestem as informações “históricas” da prática. Entretanto, é uma visão compartilhada também por outras autoras que não possuíam uma relação tão estreita com a prática, como Cury (2018), bacharel em ciências sociais que passou a praticar pole dance apenas para fazer o estudo. Segundo esta:

Ao pesquisar sobre as histórias relativas às origens do pole dance, na internet, encontrei páginas que enfocam a dança das *strippers* e outras que enfocam a origem

circense e o mallakhamb. Penso que a descrição das origens da prática pode ser ideológica: o mastro chinês e o mallakhamb são atividades praticadas, majoritariamente, por homens e não tem nenhuma conexão com erotismo ou sensualidade, sendo uma origem livre do estigma social das strippers e que ajudaria a legitimar a prática com uma história masculina e dominante. Um vídeo sobre a origem do pole dance circulou nas redes sociais e foi alvo de muitas críticas. Intitulado ‘Pole Dancing was originally for men’ (o pole dance, originalmente, era masculino), o vídeo reforça que a origem da prática foi o mastro chinês e o mallakhamb indiano, desassociando-a das danças burlescas e das strippers e ligando a sua origem a um passado esportivo e masculino (CURY, 2018, p.22).

Independentemente de seu grau de veracidade, no atual trabalho percebeu-se que as origens relacionadas ao contexto esportivo e “respeitável” do pole dance foram sempre reportadas quando a origem da prática estava em debate (com exceção de uma única reportagem, dentre as 17 elencadas (OS SEGREDOS DO POLE DANCE PARA ESCULPIR O CORPO, 18/07/2010, p.11), enquanto que a origem das *strippers* nem sempre foi mencionada. Isto pode indicar uma tentativa de distanciamento do estigma, e maior respaldo ao esporte.

Esta compreensão encontra respaldo na monografia de Silva (2016), brevemente comentada na introdução. A autora explica, citando a obra de Bourdieu (1983), que o esporte, por mais que quisesse transpassar a ideia de ser uma prática desinteressada (ou seja, sem vieses), na verdade estaria interessado nos “lucros de distinção” que poderia proporcionar. Neste sentido, alguns esportes (os realizados pela classe alta) seriam socialmente lidos como “chiques”, enquanto outros seriam tidos como “vulgares”.

Deste modo, o simples fato do pole dance “ser” ou não um esporte é entendido por Silva (2016) como um meio de distinção; distinguindo atletas de não atletas, consolida-se certa hierarquia entre o pole dance sensual e o esportivo, com este último ocupando o primeiro lugar (SILVA, 2016). Assim, longe da “vulgaridade” atribuída socialmente ao sensual, às *strippers* e às mulheres de forma geral, o esporte por si só já seria mais facilmente “aceitável”, e com isso, também mais facilmente vendido.

Esse entendimento de que o pole “*fitness*” poderia funcionar como um marketing que resultaria em uma maior procura pelo pole dance vem da compreensão de que as pessoas no geral, mas de forma particular, as mulheres, estão mais propensas a buscar atividades que se vendam como “saúde” e como melhora da estética corporal do que se envolver com danças que estimulem sua sensualidade. Isto se dá por dois motivos: a) as danças sensuais são transpassadas por estigmas que favorecem a diminuição de sua procura, relacionada à forma como o sensual

e a sexualidade foram consolidadas, mencionada na revisão de literatura; b) as mulheres estão submetidas a um ideal de beleza (WOLF, 2020), também comentado na revisão de literatura, que molda suas compreensões acerca de seus corpos e de si mesmas, fazendo com que reajam de forma mais intensa aos ditames da indústria *fitness* (SILVA, 2012); assim, quando uma atividade promete “reduzir medidas”, “tonificar o corpo”, e “diminuir celulites”, isso pode ser um atrativo na busca de clientes em potencial.

Essas “promessas” da indústria *fitness* vinculados ao pole deste viés foram verificadas na análise das fontes. Frequentemente, nos mais diversos jornais analisados, a quantidade média de calorias perdidas durante uma aula foi mencionada, bem como o possível emagrecimento e diminuição das celulites, através de uma suposta ação de drenagem linfática realizada pela barra em atrito com o corpo.

Nesse sentido, a instrutora Vanessa Costa, em reportagem ao jornal O Fluminense datada de 15-16 de agosto de 2010, fala com convicção a respeito da diminuição de peso como um resultado decorrente da prática: “(...) dependendo do organismo da pessoa, ela pode perder entre 600 e 1200 calorias por aula. Isso equivale a uma aula de *spinning*” (MOTA, 15-16/08/2010, p.69). Outra reportagem, esta publicada no jornal Correio Braziliense em 18 de julho de 2010, mantém o tom de confiança ao dado apontado, mas dessa vez aponta um número menor: indica que é possível perder “até 500 calorias por hora” (OS SEGREDOS DO POLE DANCE PARA ESCULPIR O CORPO, 18/07/2010, p.11).

Sobre a suposta “drenagem linfática”, Bárbara Nunes sentencia, em reportagem publicada no jornal Correio Braziliense, datada de 29 de janeiro de 2012, que a mesma é feita através do “(...) atrito da barra com o corpo” (MALHAÇÃO NO POSTE, 29/01/2012, p.12). No mesmo jornal e em uma outra reportagem, datada de 02 de fevereiro de 2014, Damiana Rodrigues também reforça a informação: “o exercício funciona (...) como uma drenagem, que elimina as celulites, e dá condicionamento, força e resistência” (SEGREDO PARA MODELAR, 02/02/2014, p.12).

A escrita dessas afirmações é elaborada com sentidos de verdade e datam de meados de 2008 a 2014. Entretanto, apenas foram encontradas publicações científicas sobre pole dance que investigam os benefícios biológicos e fisiológicos da prática a partir do ano de 2017. Destaca-se, ainda que são necessários mais estudos sobre este tema para que possam ser inferidas generalizações sobre o pole dance.

Dentre a literatura acadêmica encontrada abordando os benefícios fisiológicos/morfológicos da prática, foi percebido que pessoas que praticam pole dance, em comparação a grupos-controle, possuem maior massa livre de gordura (BALLARIN et al, 2021); que existem poucas diferenças de composição corporal estatisticamente significantes entre alunas de diferentes níveis (ainda que as mais avançadas tenham apresentado menores valores de IMC – índice de massa corporal - e maiores valores de índice de massa muscular) (NAWROCKA et. Al., 2017); e que em comparação à praticantes de musculação, as praticantes de pole dance apresentam força abdominal e de preensão manual semelhante, maior flexibilidade e menor força de membros inferiores (ROSIN et al., 2017). Em relação ao componente aeróbio e à perda de calorías, o estudo de Nicholas et al. (2019) conclui que o componente dançante da aula (associado à execução de coreografias) apresentou melhores resultados do que o componente acrobático (*fitness/esportivo*):

(...) indicando que aulas com maior foco no treinamento baseado em rotina [coreografias], em comparação com o treinamento baseado em habilidades [acrobacias], podem beneficiar aqueles que procuram se exercitar em um nível de intensidade mais alto, resultando em maior gasto calórico” (NICHOLAS et al., 2019, p.2).

Sendo assim, nenhuma publicação acadêmica até o presente momento investigou a possível “drenagem linfática” produzida pela barra, enquanto que o aumento da massa livre de gordura parece ocorrer, ainda que de forma pouco significativa. Já em relação à perda de calorías, esta parece ser maior durante o ensino de coreografias, o que colocaria contraditoriamente o pole dance sensual e artístico (dentro das aulas de pole flow, pole exotic e coreográfico) como mais extenuantes do ponto de vista aeróbico e mais capazes de promover a perda de calorías, do que as aulas de pole *fitness*. No geral, Nicholas et. Al. (2021) encontrou um gasto calórico médio de 281.6 kcal (média) para as aulas de pole dance, ficando bem abaixo dos valores confirmados pelas instrutoras, e não favorecendo a afirmação confiante de que as aulas de pole dance podem se assemelhar à uma “aula de *spinning*”. Assim, evidencia-se que estes discursos não foram pautados na literatura, e serviram apenas como forma de vender a prática às mulheres.

Abaixo encontra-se uma tabela (tabela 4) que evidencia um aumento progressivo da divulgação de aulas de pole dance entre os anos de 2011 a 2014, período marcado pelo primeiro grande campeonato de pole dance no Brasil, a Pole World Cup, realizada no Rio de Janeiro em

2011, e os primeiros eventos de pole dance relacionados dentro do ideal *fitness*, como o Brasília Capital *Fitness*, realizado em 2013 (PELTIER et al., 7/09/2011, p.14; MAIA, 18/08/2013, p.30).

Tabela 4: Número de divulgações de aulas de pole ao longo dos anos. Fonte: Elaborado pela autora

Ano	Número de divulgações de aulas de pole dance em jornais brasileiros
2008	1
2009	0
2010	5
2011	1
2012	5
2013	8
2014	9
2015	
-	0
2022	
2023	1

Esse aumento do número de divulgações de aulas vinculado ao pole esportivo pode ser relacionado à maior divulgação que o pole dance como um todo recebeu a partir do aumento da propagação da prática como esporte/ *fitness* nos jornais brasileiros, visto que foi percebido, através das fontes consultadas, a maior divulgação de eventos de pole dance de cunho esportivo ou “*fitness*” e também de reportagens voltadas a esse meio, em detrimento dos eventos artísticos e sensuais (quadro 2).

Quadro 2 – Título das reportagens sobre pole dance consideradas no *corpus documental*.

Título das reportagens	Jornal	Data
Pole dance: às vésperas do primeiro congresso brasileiro sobre o tema, fomos atrás das mulheres que aderiram à atividade como esporte e técnica de sedução	Jornal do Brasil	29/11/2009
Os segredos do pole dance para esculpir o corpo	Correio Braziliense	18/07/2010
Dança ultramoderna	O Fluminense	15-16/08/2010
Malhação no poste	Correio Braziliense	29/01/2012
Além do sensual	O Fluminense	9-10/09/2012
Esporte feminino	O Fluminense	23-24/12/2012

Mulheres de pernas pro ar...	A Tribuna	06/01/2013
Exercícios na barra	Jornal do Boqueirão	23-29/03/2013
Arte, esporte e erotismo em uma só dança	Zero	01/06/2013
Sensualidade por esporte	Correio Braziliense	12/12/2013
Segredo para modelar	Correio Braziliense	02/01/2014
Muita força e flexibilidade: assim é a pole dance <i>fitness</i>	A Tribuna	20/04/2014
É dança, mas também é muito mais: pole dance ajuda a entrar em forma	A Tribuna	06/01/2017

Fonte: Elaborado pela autora.

Essa configuração díspar pode indicar o maior apoio e investimento de empresas ao pole dance com intuito esportivo ou *fitness*, visto que o esporte e a cultura *fitness* costumam mobilizar muito mais dinheiro do que a arte, a dança, e, principalmente, as artes sensuais³⁰. Ainda, também pode refletir a maior aceitabilidade destas formas de prática em relação às demais, pois se enquadram mais facilmente nos ideais de sociedade que se almeja na contemporaneidade, com corpos “saudáveis”, “belos” e “disciplinados” (BRACHT, 1986) - e não como críticos e desafiantes dos que se entende como certo e errado (como o sensual muitas vezes se configura) (PITHAN, 2019).

Assim, percebe-se que a configuração do pole dance como esporte e exercício físico foi importante na popularização da prática, visto que favoreceu a sua maior divulgação, aumentando a procura e consolidando uma maior demanda de mercado, que permitiu que pessoas que não buscariam a prática pela sua dança a conhecessem; entretanto, sua estratégia de marketing favoreceu o apagamento da sensualidade da prática.

Gostaríamos de destacar aqui, antes de concluir este capítulo e entrar nas considerações finais, uma pequena inferência possível de realizar ao analisar os títulos das reportagens e o contexto dos jornais.

³⁰ Segundo dados do site Arte em Foco (2023), desde a criação da Lei Rouanet, em 1991, foram captados R\$ 16 bilhões para investimento em arte e cultura. Em comparação, só no ano de 2009 o mercado *fitness* do Brasil arrecadou US\$ 2,1 bilhões (o que atualmente corresponde a aproximadamente 10 bilhões de reais) (FIA, 2021). Não foram encontrados dados específicos acerca das danças sensuais, mas subentende-se que sua estigmatização já dificulte, por si só, o recebimento de patrocínios e semelhantes.

De todas as reportagens participantes do *corpus* da pesquisa, apenas uma citou, em seu título, a sensualidade como uma parte existente e não vinculada ao esporte. Trata da reportagem “Arte, esporte e erotismo em uma só dança”, do jornal Zero, datada de 01 de junho de 2013 (quadro 2). Nesta, o termo “fitness” só foi utilizado uma única vez, os benefícios da prática enfatizaram mais o bem-estar das/dos praticantes do que a questão estética, a história da prática contou com a caracterização das *strippers* e os campeonatos explicitados não tratavam apenas do pole dance esportivo; ainda, trazia em um quadro destacado abaixo uma reportagem menor, intitulada “Show de cabeça para baixo”, que menciona brevemente aspectos da vida de uma dançarina profissional que fazia shows noturnos de pole dance.

Neste ínterim, o contexto do jornal se faz relevante: o jornal Zero é uma publicação pequena e local, realizada por estudantes de um curso de jornalismo de uma universidade pública, e que, portanto, não possui relações econômicas fortes com nenhuma instituição/órgão/empresa, e possui como objetivo real trazer informações sobre o que se propõe a discutir. Também é um jornal que possui um caráter mais à esquerda, o que pode contribuir para uma visão menos utilitária do corpo. Assim, percebe-se que a contextualização econômica e ideológica dos jornais é importante, pois permite pequenas observações que, sem ela, não seriam possíveis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo compreender como o pole dance foi vinculado à sensualidade e à cultura *fitness* nos jornais brasileiros nas primeiras duas décadas do século XXI. Utilizou-se os jornais por estes serem compreendidos como importantes fontes documentais, ricas em seu conteúdo e forma, e também porque permitiram a observação de como a mídia tematizou o pole dance desde o início de sua popularização, em meados de 2007.

Através da análise temática de Laurence Bardin (2016), foi efetuado o processo de categorização inicial das fontes, obtidas através da Hemeroteca Digital Brasil. Assim, a partir de uma leitura flutuante das 212 ocorrências iniciais obtidas das palavras “pole dance” (advindas de 12 jornais brasileiros), formularam-se 6 categorias por proximidade de forma e de conteúdo. Essas categorias permitiram a criação posterior dos critérios de inclusão e de exclusão, criando-se assim, o *corpus* da pesquisa (com 8 jornais), que passou por uma nova fase de avaliação, compondo os resultados deste trabalho.

Primeiramente, percebemos que a novela *Duas Caras*, da Rede Globo, foi muito importante no processo de popularização da prática. Através das cenas envolvendo a personagem Alzira, de Flávia Alessandra (uma mulher que fazia performances de pole dance em uma uísqueria como forma de conseguir dinheiro para o tratamento de uma doença grave do marido), a mesma passou a ser pontuada de forma recorrente nos mais diferentes jornais do país, alguns confirmando o aumento da busca das mulheres por aulas da modalidade. No entanto, as cenas sensuais não foram totalmente bem recebidas pelo público, nem pelo Ministério da Justiça da época, que ordenou a reclassificação etária da novela para a faixa dos 14 anos. Aparentemente, as cenas de Alzira no pole dance foram enquadradas no termo “erotização”.

Sobre este enquadramento, é interessante perceber que as danças sensuais, vistas como “sexualmente incitantes” só deveriam ser transmitidas para maiores de 14 anos, enquanto que cenas de masturbação, carícias sexuais e sexo não implícito estavam permitidas para os menores de 12 anos. Disso levantamos algumas reflexões: será mesmo que uma dança sensual chocaria mais as crianças do que uma cena de sexo ou de masturbação, mesmo que implícita? Se uma mulher dançando é considerada “sexualmente estimulante”, uma cena de uma mulher se

masturbando não seria considerada ainda mais estimulante? Ou será que a masturbação de uma mulher nem foi pensada como possibilidade devido à alta repressão à qual as mulheres estão historicamente impostas?

Independentemente da resposta, o fato é que as “polêmicas” envolvendo o Ministério parecem ter contribuído, de forma contraditória, para maior divulgação do pole dance: as primeiras reportagens sobre pole dance e novela mencionavam a “censura” ao qual a mesma foi submetida. Ainda, devido à mudança da Classificação Indicativa e à alta pressão sofrida pelo autor da trama, Aguinaldo Silva, para acabar com a uísqueria e “resolver” os problemas envolvendo as cenas na boate, explodiu o local em que a personagem dançava. Com isso, houve uma mudança de cenário na novela, que favoreceu novamente a divulgação do pole dance, agora como uma prática sendo ensinada no contexto de estúdios.

Assim, pode-se afirmar que a novela se configurou um marco temporal importante na popularização da prática, pois permitiu a visualização do pole dance de uma forma ampla e, a partir de então, o assunto passou a fazer parte dos jornais brasileiros (e também da televisão, o que também pode-se observar nas fontes). No entanto, a novela fortaleceu a associação de pole dance com casas de shows noturnos e *strippers*, antes propagada pela indústria cultural em filmes e obras estadunidenses, em sua grande maioria.

Essa associação da prática às *strippers* parece ter favorecido a criação de um estigma sobre as praticantes de pole dance, que em sua maioria pareceram ter, nas reportagens analisadas, dificuldades em abordar o tema da sensualidade, recorrendo a ao menos uma das seguintes estratégias: negação/omissão da sensualidade; estabelecimento de “limites” entre o “sensual” o “vulgar”. Assim, inferimos que essas estratégias tinham como objetivo garantir maior respeito ao pole dance, pois ao pontuar que “existem pessoas ‘vulgares’, mas não somos nós”, poder-se-ia desvencilhar-se do estigma atribuído ao sensual, às prostitutas e às *strippers*, de modo geral.

No entanto percebemos, através das considerações realizadas por Gómez-Ramírez (2007), citando Goffman (1963), que estes discursos, ao invés de favorecerem a redução do estigma, o fortaleceram, pois seguiram estigmatizando uma classe de pessoas. Além disso, ao se pautarem em uma diferenciação interpretativa entre o que seria “sensual” e o que seria “vulgar”, contribuíram para a continuação de sua estigmatização, visto que o que para elas/es é compreendido como “sensual” (sua prática), para outro pode ser interpretada como “vulgar”.

Nesse sentido, também foi percebido que o esporte e a cultura *fitness* apareceram firmando estratégias discursivas para garantir maior respeitabilidade, pois nos jornais analisados foi recorrente a citação do pole *fitness* como uma novidade que diminuiria o preconceito atribuído ao pole dance. Além disso, pudemos observar a utilização da história da prática como forma de dissociação de suas origens sensuais, com a citação de práticas masculinas antigas do oriente. Comprendemos que este reforço histórico dado às práticas realizadas por homens para se dissociar do estigma atribuído às mulheres favorece, novamente, a invisibilização destas últimas (que tiveram papel notável no desenvolvimento da modalidade na forma atual), e que colocar uma vertente como “respeitável” e longe dos estigmas sofridos pelas danças sensuais não contribui para a extinção dessa realidade na modalidade como um todo, pois favorece a perpetuação do mesmo na vertente sensual.

Ainda, percebemos que a divulgação do pole dance como esporte e exercício físico foi apropriada pela indústria *fitness*, que utilizou discursos de “redução de medidas”, de “celulites” e afins para consolidar seu marketing. Destaca-se esta estratégia como intimamente relacionada ao público alvo da modalidade, que são as mulheres, mais profundamente conectadas aos ideais de beleza e submissas à pressão estética do que os homens, e inferimos que a divulgação da modalidade possivelmente seria feita de outra forma se esta fosse composta majoritariamente por eles.

Também foi possível observar a diferença de atenção dada, pelos jornais, ao pole dance esportivo/*fitness* em detrimento do pole dance artístico e sensual. Nesse sentido, percebemos a diferença de forças econômicas e ideológicas entre estes polos, e compreendemos que: a) os ideais estéticos e da superação de si encontram maior conformidade com os ideais vigentes em nossa sociedade, o que os fazem ser mais facilmente divulgados; b) essa ideologia possui força justamente porque a cultura *fitness* é perpassada por valores que nossa sociedade absorve, e isso favorece com que tenha muito dinheiro para se auto propagar, diferentemente da arte e da sensualidade, fazendo com que estes aspectos sejam mais evidenciados, também, pelos jornais, ao mencionar o pole dance. Neste íterim, é válido lembrar que estas fontes analisadas tanto reproduzem a cultura na qual estão inscritas, quanto favorecem ativamente a disseminação de ideais que se conectam ao que seus proprietários e investidores prezam.

Apesar das críticas estabelecias à forma como esse tipo de pole dance parece tentar se legitimar, destacamos que não temos nada contra o pole esporte/*fitness*. A criação da vertente

esportiva foi importante e favoreceu a maior disseminação da prática, favorecendo que outras pessoas, com outras motivações, adentrassem nesse espaço. Também, foi a partir da maior divulgação resultante da realização dos primeiros eventos relacionados a esta vertente que o número de divulgações de aulas através dos jornais passou a crescer consideravelmente, indicando um aumento de demanda e de popularização midiática importante. Dito isto, voltamos às ponderações realizadas aos estigmas que permeiam a prática.

Neste trabalho concluímos que os jornais tematizaram mais a cultura fitness e o pole dance como prática esportiva do que sensual, e que, para além disso, a sensualidade foi recorrentemente atenuada ou invisibilizada, tanto na atualidade quanto na história da prática. Também percebemos que as próprias praticantes e instrutoras apresentadas nestes jornais tentavam, de certo modo, se distanciar do estigma presente no pole dance, o que é compreensível, tendo em vista de que ninguém gosta de ser estigmatizado. No entanto, refletimos que, para acabar com o estigma envolto no pole dance, não é necessário negar o conteúdo sensual da prática, muito menos restringi-lo. O que precisa é falar sobre este assunto com mais naturalidade e respeito, e compreender que a moralidade que se inscreveu nos corpos das mulheres e na sensualidade dos indivíduos ao longo de milhares de anos é que precisa ser melhor conhecida, refletida e criticada, não a prática e quem a faz.

Ao longo da escrita deste trabalho, percebemos algumas limitações em sua análise e metodologia. Não conseguimos, por falta de tempo, fazer muitas associações entre as reportagens e citações de pole dance utilizadas e os jornais analisados, o que poderia favorecer reflexões mais ricas quanto aos posicionamentos sobre a prática oriundos das diferentes fontes e em seus diferentes contextos. Também não conseguimos dar conta de todos os assuntos que emergiram das fontes, que possivelmente merecem ser mais bem estudadas no futuro, tais como o destaque dado ao corpo das mulheres em matérias que deveriam divulgar sua dedicação ao esporte e a forma como as mulheres sentem que precisam justificar ou esconder que fazem aulas de pole dance de suas famílias, por medo de serem julgadas. Ademais, destacamos a limitação da Hemeroteca Digital Brasil, que não possui em seu acervo todos os jornais brasileiros do período pesquisado. Talvez, nesse sentido, a busca específica em bibliotecas físicas dos locais que não foram incluídos na análise poderia, em outros trabalhos, aprofundar a percepção de como o pole dance foi tematizado nos diferentes cantos do país.

No que se refere às contribuições deste trabalho, entendemos que contribuímos com um avanço na compreensão histórica da repressão da sexualidade feminina e das danças sensuais, o que auxilia o entendimento de que o erro não está na sensualidade do pole dance, mas sim em se atribuir discursos morais a ela. No campo pessoal, eu, escritora deste trabalho, sinto que este trabalho me levou a entender muito mais sobre o pole dance, sobre as mulheres e sobre a compreensão e análise de fontes documentais. Para além disso, e principalmente, os estudos que fiz para basear minhas ponderações me fez aguçar meus sentidos acerca dos discursos que se propagam acerca do pole dance, o que também potencializou o meu tato para com as *strippers* e prostitutas – pessoas que devem ser respeitadas como quaisquer outra. Assim, espero que, como eu, este trabalho também faça outras/os praticantes repensarem sobre o que propagam em seus discursos, em vista de nos libertarmos cada vez mais das amarras históricas impostas à sensualidade, e voltarmos todas/os, um dia, a celebrá-la.

REFERÊNCIAS

- ABOUT Festival. **Exotic Generation**, s.d. Disponível em: <<https://exoticgeneration.com/about-english>>. Acesso em: 14 mai 2023
- AGRELA, L. Como era o WhatsApp 10 anos atrás: História do aplicativo se confunde com a do iOS, do iPhone. **Exame**, 2019. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/como-era-o-whatsapp-10-anos-atras/>>. Acesso em: 29 jun 2021
- ALBUQUERQUE, A.L. Morre aos 100 anos o jornalista Hélio Fernandes, perseguido e preso pela ditadura militar. **Uol**, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/morre-aos-100-anos-o-jornalista-helio-fernandes-perseguido-e-presos-pela-ditadura-militar.shtml>>. Acesso em: 19 jul 2023.
- ALÉM DA SENSUALIDADE, 09/09/2012, **O Fluminense**, p.01
- ALMEIDA, V.P.; COUTINHO, I.M.S.; GUERRA, M.O. A hegemonia da Globo na TV brasileira: o Jornal Nacional como padrão. In: Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social de Minas Gerais, 11, 2018, Juiz de Fora. **Anais Eletrônicos** [...] Juiz de Fora: s.n. Disponível em: <<https://anaisecomig.files.wordpress.com/2019/03/10-vitor-almeida.pdf>>. Acesso em: 15 jun 2023
- ALVEZ, D.F.C.; PEREZ, D.K. Nos bastidores da indústria pornográfica: reflexos da pornografia e a importância da educação sexual. **Revista Psicologia e Transdisciplinaridade**, Paranaíba, v. 1, n.1, p. 82-101, 2021
- ASSIS, P.R.; SOUZA, C.V.; BATINGA, S.G. Ditadura da beleza: corpo, identidade feminina e cirurgias plásticas. **Organizações em contexto**, São Bernardo do Campo, v.18, n. 35, p. 77-97, 2022
- ASSUNÇÃO, N. Exercícios na barra, **Jornal do Boqueirão**, 23-29/03/2013, p.10
- ASSUNÇÃO, R.A.R. **A percepção do público em relação à influência do figurino na construção do personagem**: personagens da novela Avenida Brasil. 2014. 56 f. TCC (Bacharel) – Curso de Publicidade e Propaganda, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2014.
- ATRIBUNA. In: **Wikipedia**: a enciclopédia livre, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Tribuna>. Acesso em: 19 jun 2023
- AUDIÊNCIA Dance Dance Dance: veja números detalhados da novela. **TV Foco**, 20[--]. Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/audiencias-detalhadas-conheca-os-numeros-das-novelas/audiencia-dance-dance-dance-detalhada-ibope/>. Acesso em: 23 jun 2023

AUDIÊNCIA Duas Caras: veja números detalhados da novela. **TV Foco**, 20[--].Disponível em: <<https://www.otvfoco.com.br/audiencias-detalhadas-conheca-os-numeros-das-novelas/audiencia-duas-caras-detalhada-ibope/>>. Acesso em 26 jun 2023

BALLARIN et al. Body composition and bioelectrical-impedance-analysis-derived raw variables in pole dancers. **International journal of environmental research and public health**, v. 18, n. 23, p. 1-11, jan. 2021

BARRETO, O. F.; CECARELLI, P.R.. Eva, Maria e Lilith: corpo de delito. **Estudos de psicanálise**, Belo Horizonte, n. 43, p. 129-137, 2015

BARROS, J. A. **Fontes Históricas**: Introdução aso seus usos historiográficos. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019. 360 p.

BENTIVOGLIO, J.; MERLO, P. **Teoria e metodologia da história**: fundamentos do conhecimento histórico e da historiografia. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2014. 171 p.

BORGES, M.F.M.; PETRILLI, L.A.T. Prostituição feminina: de deusas a profanas. **Revista Cereus**, Gurupi, v. 5, n. 2, 2013

BRACHTVOGEL, C.M. A cultura do corpo *fitness* e as redes sociais: as novas constituições de si. *In*: Jornada de Pesquisa, 21, 2016, Ijuí. **Ensaio Teórico [...]** Ijuí: [s.n.], n.p.

BRACHT, V. A criança que joga respeita as regras do jogo...capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 7, n.2, p. 62-68, 1986

BUTLER, J. Performativity, precarity and sexual politics. **Revista de Antropología Iberoamericana**, Espanha, v.4, n.3, n.p., 2009.

CAMPOS, J.S.A. Jornal do Boqueirão, n.1. *In*: Hemeroteca Digital Brasileira, 1984

CARIOCAS ADOTAM O POLE DANCE COMO ESPORTE, LAZER E UMA BOA MANEIRA DE AGRADAR O PARCEIRO, **Jornal do Brasil**, 29/11/2009, p.01

CARPALHO, S.C. **Mais de 20% dos homens fingem orgasmos (e elas nem notam)**. El País, 2018. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/09/ciencia/1533814772_716696.html>. Acesso em 28 jun 2023

CARVALHO, L.B. A Classificação Indicativa e os limites constitucionais à regulação dos programas de TV. **Revista Novos Estudos Jurídicos**, Itajaí, v. 22, n. 1, p. 130-161, 2017

CATEGORIAS. **Pole Theatre Brazil**, s.d. Disponível em: <<https://www.poletheatrebrazil.com/sobre>>. Acesso em: 25 out. 2022

CINTI et al. Revisão sistemática sobre o pole dance. **Research, society and development**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 1-11, 2022.

COELHO, J.T. O que é indústria cultural?. 1ed. São Paulo: Braziliense, 1998. 104 p.

CORREIO Braziliense. *In: Wikipedia: a enciclopédia livre*, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_Braziliense>. Acesso em: 19 jun 2023

CORREIO do Povo. *In: Wikipedia: a enciclopédia livre*, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_do_Povo>. Acesso em: 19 jun 2023

COSTA, I.S. Discurso dogmático em contexto de colonização (sécs. XV-XVII). **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 18, n. 70, p. 85-97, 2010

COSTAS, L. Mulheres de pernas pro ar..., **A Tribuna**, 06/02/2012, p.08

COUTO, C.R. Dança, etiqueta e distinção social em Espanha (séculos XVI e XVII) – leitura do tratado *Discursos sobre el arte del dançado* (1642), de Juan de Esquivel Navarro. *In: Simpósio Nacional de História*, 27, 2013, Natal. **Anais Eletrônicos [...]** Natal: ANPUH, p. 1-16

CRUZADAS, **Jornal do Brasil**, 7/11/2008, p.64

CUNHA, T. Sensualidade por esporte, **Correio Braziliense**, 12/12/2013, p.08

CURY, C.N. **Pole dance: considerações sobre a prática e sua multiplicidade**. 2018. 79f. TCC (Graduação) - Curso de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018

“DANÇA COM POSTE” NO METRÔ DE NY É HIT DA WEB, **A Tribuna**, 13/12/2007, p. 05

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. 1 ed. São Paulo: Boi Tempo, 2016. 248 p.

DIMLER, A.J. **Pole fitness and positive body image: an interpretative phenomenological analysis**, 2015, 99f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física e Recreação, Universidade de Alberta, Canadá, 2015

DUAS Caras: Alzira passa a dar aulas de pole dance. **Meio Norte**, 2007. Disponível em:<<https://www.meionorte.com/entretenimento/duas-caras-alzira-passa-a-dar-aulas-de-pole-dance-36530>>. Acesso em: 29 jun 2023

DUAS Caras foi alvo de censura por pole dance e sensualidade; saiba como. **Notícias da TV**, 2021. Disponível em:<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/duas-caras-foi-alvo-de-censura-por-pole-dance-e-sensualidade-saiba-como-64469?cpid=txt>>. Acesso em: 27 jun 2023

"Duas Caras" tem até sexta-feira para defender sua classificação. **O Planeta TV**, 2007. Disponível em:<<https://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticias/duas-caras-tem-ate-sexta-feira-para-defender-sua-classificacao.html#ixzz85zR2udgo>>. Acesso em: 27 jun 2023

DUAS Caras: Um novo rosto e uma nova identidade mascaravam o vilão da novela, primeira da Globo transmitida em alta definição. **Memória Globo**, 2021. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/duas-caras/noticia/duas-caras.ghtml>>. Acesso em: 23 jun 2023

EDIR Macedo. *In: Wikipedia: a enciclopedia livre*, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Edir_Macedo>. Acesso em: 19 jun 2023

ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: difel, 1992.

ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Cultura da “corpolatria” e body-building: notas para reflexão. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Goiás, v. 3, n. 3, p. 13-25, 2004

EXÓTICO. *In: Dicionário Larousse - Inglês/português - Português/inglês: mini*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

EXPLOSÃO de erotismo: Duas Caras foi alvo de censura por pole dance e sensualidade; saiba como. Notícias da TV, **UOL**, 2023. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/duas-caras-foi-alvo-de-censura-por-pole-dance-e-sensualidade-saiba-como-64469?cpid=txt>>. Acesso em 23 jun 2023

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 1 ed. São Paulo: Elefante, 2017. 460 p.

FERREIRA, R.F.S. O Fluminense, tradição da imprensa brasileira. *In: Biblioteca Nacional*, 2020. Disponível em: <<https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/fluminense-tradicao-imprensa-brasileira>>. Acesso em: 19 jun 2023

FILHO, G. S. R. Deuses que dançam da topia dos orixás à utopia tópica cristã. **Revista ciências da religião - história e sociedade**, São Paulo, v. 9, n. 2, 20 dez. 2011.

FONSECA, L.P. **A Construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX**. 2008. 214 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design, Pontífica Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p

GODINHO, A.P. **Auto imagem e auto estima de mulheres praticantes de pole dance**. 2018. 21 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2018

GODOY, A.S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995

GOLDENBERG, M. Gênero, “o Corpo” e “Imitação Prestigiosa” na Cultura Brasileira. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.20, n.3, p.543-553, 201

GÓMEZ-RAMÍREZ, O. **Swinging around the pole** : sexuality, *fitness*, and stripper stigma in erotic dancing classes. 2007. 55 f. Dissertação (Mestrado). Antropologia, University of british columbia, Columbia Britânica, 2007

HASIC, G.; BERNARDO, N. Pole dance: Corporalidades, representaciones mediáticas y procesos de subjetivación, **Actas de Periodismo y Comunicación**, La Plata, v. 3, n. 2, 2017

HAMEYER, J.G. O Correio é o Caldas Júnior e o Caldas Júnior é o Correio: estudo acerca da fundação do Correio do Povo e da vida de seu fundador. **Medium**, 2019. Disponível em:< [HISTÓRIA construída com participação e credibilidade. **Ecoturismo**, 2011. Disponível em:< \[HISTORIA do Pole Dance. **Gaia Pole**, 2019. Disponível em: < \\[JORNAL do Brasil. In: **Wikipedia**: a enciclopédia livre, 2023. Disponível em:< \\\[KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. In: Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, 4, 2015. **Ata \\\\[v.2\\\\]** Aracaju: Ludomedia, p. 243-247\\\]\\\(https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_do_Brasil#Crise_e_digitaliza%C3%A7%C3%A3o_\\\(2000-2017\\\)>. Acesso em: 19 jun 2023</p>
</div>
<div data-bbox=\\\)\\]\\(https://news.gaiapole.com/historia-do-pole-dance/?gclid=CjwKCAiAvK2bBhB8EiwAZUbP1C9ukoCECpFyoSpKektdtwCulQO_FcXKHSR0ZM91YS8Z_Y_UPcgJphoCHLgQAvD_BwE>. Acesso em: 01 out 2022</p>
</div>
<div data-bbox=\\)\]\(http://revistaecoturismo.com.br/turismo-sustentabilidade/historia-construida-com-participacao-e-credibilidade/>. Acesso em: 19 jun 2023</p>
</div>
<div data-bbox=\)](https://medium.com/betaredacao/o-correio-%C3%A9-o-caldas-j%C3%BAnior-e-o-caldas-j%C3%BAnior-%C3%A9-o-correio-estudo-acerca-da-funda%C3%A7%C3%A3o-do-correio-do-bcbfd22e773e#:~:text=Caldas%20J%C3%BAnior%20trabalhou%20no%20jornal,do%20Rio%20Grande%20do%20Sul.>. Acesso em: 19 jun 2023</p>
</div>
<div data-bbox=)

LEAL, C.E. Tribuna da Imprensa. **Fundação Getúlio Vargas**, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2009. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tribuna-da-imprensa>>. Acesso em: 20 jul 2023.

Praia de Botafogo, 190, Rio de Janeiro

LEITE, C.H.F. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, Araguaína, v. 7 n.1, p. 3-17, 2015

LESCRECK, M; SANTOS, M.S.; PEREIRA, F.K. **Pole dance**: um olhar sobre a prática enquanto dança, arte e esporte e seus impactos positivos na saúde sexual das praticantes. 2022. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro Universitário Internacional UNINTER, 2022

LOPES, M.I.V. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 26, p. 17-34, 2003

LOURO, G.L., et al. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 127 p.

MADONNA Literal. [LEGENDADO PT-BR] **Madonna @ Billboard Woman of the Year FULL [...]**. 09 dez 2021. Facebook: madonnaliteral. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=276006287908460>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

MAIA, A. Brasileenses de olho no bem estar, **Correio Braziliense**, 18/08/2013, p.30

MALHAÇÃO NO POSTE, **Correio Braziliense**, 29/01/2012, p.12

MARCASSA, L. A origem da família, da propriedade privada e do Estado – Friedrich Engels. **Revista de Educação**, v. 9, n. 9, p. 85-90, 2015

MENDES, L.; CORTE-REAL, N.; DIAS, T.S. A objetificação da mulher versus o empoderamento feminino no pole dance. *In*: Congresso da sociedade portuguesa de ciências da educação, 15, 2021, Porto. **Anais Eletrônicos [...]**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2021. p. 70-80.

MERCADO *fitness*: evolução, desafios e tendências para 2023. **Fia**, 2023. Disponível em:<<https://fia.com.br/blog/mercado-fitness/>>. Acesso em: 29 jun 2023

MINAYO, M.C.S. GUERRIERO, I.C.Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n.4, p. 1103-1112, 2014

MONTEIRO, G. Jornal O Fluminense tem novos donos. **Coluna Gilson Monteiro**, 2019. Disponível em:<<https://colunadogilson.com.br/jornal-o-fluminense-tem-novos-donos/>>. Acesso em: 19 jun 2023

MOREIRA, M. O movimento não é só sexy, **Correio Braziliense**, 16/01/2011, p.01

MOTA, D. Dança Ultramoderna, **O Fluminense**, 15-16/08/2010, p.69

MOTTIER, V. The invention of sexuality. **Chic, chèque choc**, Genebra, p. 23-38, 2012

MOTTA, L.G. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 254 p.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 5–18, 2000.

MURARO, Flaviana. **Corpo e Movimento: psicologia na pole dance**. Rio de Janeiro: Autografia, 2016. 241 p.

NA RETA FINAL: AGUINALDO SILVA ADIANTA O FIM DE ALGUNS PERSONAGENS DE “DUAS CARAS”, **Correio do Povo**, 08/04/2008, p.09

NAWROCKA. Effects of exercise training experience on hand grip strength, body composition and postural stability in *fitness* pole dancers. **The journal of sports medicine and physical fitness**, Italia, v. 57, n. 9, p. 1098–1103, set. 2017.

NETO et al. Playboy: Mais Conteúdo. *In*: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 17, 2010, São Paulo. **Anais Eletrônicos[...]** São Paulo: Intercom, 2010. (n.p.)

NICHOLAS et al. Pole dancing for *fitness*: the physiological and metabolic demand of a 60-minute class. **The journal of strength & conditioning research**, Estados Unidos da América, v. 33, n. 10, p. 2704–2710, out. 2019.

OLIVEIRA, E.L.; REZENDE, J.M.; GONÇALVES, J.P. História da Sexualidade Feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Revista Ártemis**, Pernambuco, v. 16, n.1, 2018

OS SEGREDOS DO POLE DANCE PARA ESCULPIR O CORPO, **Correio Braziliense**, 18/07/2010, p.11

OPÇÃO a quente. **Zero**, Florianópolis, 1982. Disponível em:< <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/164770/ZERO1982001SET.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 jun 2023

PAIVA, N. Novelas: veja as mais assistidas da Globo nos últimos tempos. **Entretê**, 2023. Disponível em:< <https://www.terra.com.br/diversao/gente/novelas-veja-as-mais-assistidas-da-globo-nos-ultimos-tempos,6264714da84c0167a3c5b928d6f70e99or6m5x20.html>>. Acesso em: 23 jun 2023

PANTANAL (2022) – tabela com audiência detalhada da novela da Globo. **Amo Novelas**, 2022. Disponível em:< <https://amonovelas.com.br/audiencia/pantanal-2022-tabela-com-audiencia-detalhada-da-novela-da-globo/#comments>>. Acesso em: 27 jun 2023

PARTIDO Social Liberal. *In*: **Wikipedia**: a enciclopedia livre, 2023. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_Social_Liberal>. Acesso em: 19 jun 2023

PELTIER, M. et al. Esporte sério, **Jornal do Comercio**, 7/09/2011, p.14

PELÚCIO, L. 2010. Exótica, erótica e travesti – nacionalidade e corporalidade no jogo das identidades no mercado transnacional do sexo. *In*: **Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades**: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias. São Paulo: Cultura Acadêmica/UNESP, p. 197-213.

PERES, V.M. **Das origens à contemporaneidade do pole dance**: uma pluralidade de significados. 2022. 57 f. TCC (Graduação). Educação Física, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022

PITHAN, L. Como mulheres usam a arte burlesca para se manifestar com ousadia e humor. *Plumas e Poder, Donna*. 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2019/08/como-mulheres-usam-a-arte-burlesca-para-se-manifestar-com-ousadia-e-humor-cjz2q6ekw00i201qm56mmo5ms.html>> Acesso em: 02 out 2022

QUEM Somos nós. **FB Pole**, [20--]. Disponível em:< <https://www.fbpole.org.br/federacao-brasileira-pole-dance/fbpole> >. Acesso em: 15 jun 2023

REIS, A.S.; KOBAYASHI, C. A satisfação sexual de mulheres jovens considerando dois conceitos: excitação e orgasmo. *Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 36, n. 1, p. 29-36, 2015

RENATO, F. Conheça a história do celular e sua evolução com o passar dos anos. **Tech Tudo**, 2022. Disponível em:< <https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/09/conheca-a-historia-do-celular-e-sua-evolucao-com-o-passar-dos-anos.ghtml>>. Acesso em 29 jun 2023

RODRIGUES, M.H.C. Gutenberg e o letramento do ocidente. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 1, n. 1, p. 188-201, 2012

ROSIN R. et al. Comparação da força, flexibilidade e resistência de mulheres praticantes de treinamento de força e praticantes de Pole Dance. **Revista brasileira de Cineantropometria e Movimento**, Florianópolis, v. 25, n.3, 2017.

RUBIN, G.S. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. *In: Culture, Society and Sexuality*, 1ed. Inglaterra: Routledge, 2006. p. 143-179

RUSCELLO et al. Physical and physiological demands in women pole dance: a single case study. **The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, Italia, v. 57, n. 4, 2017

SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. **Por el culo**: políticas anales. Madrid/Barcelona: Editorial Egales. 2014. 182 p.

SANT'ANNA, D.B. "Sempre Bela". *In: Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 105-125.

SANTOS, R.O.D. **Pole dance**: dança ou esporte? 2018. 77 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018

SCHWENGBER, M.S.V; BRACHTVOGEL, C.M.; CARVALHO, R.S. Espriamento discursivo da cultura do *fitness* na contemporaneidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1167-1178, 2018

SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA. **Classificação Indicativa**: guia prático. Brasília, DF: SNJ, 2012. Disponível em:< https://site.mppr.mp.br/sites/hotsites/arquivos_restritos/files/migrados/File/publi/mj/classificacao_indicativa_guia_pratico_2012.pdf >. Acesso em: 23 jun 2023

SECCO, D. Treta política, pole dance e censura: as polêmicas de Duas Caras, agora no Globoplay. **RD1**, 2021. Disponível em: <<https://rd1.com.br/treta-politica-pole-dance-e-censura-as-polemicas-de-duas-caras-agora-no-globoplay/>>. Acesso em: 26 jun 2023

SEGREDO PARA MODELAR, **Correio Braziliense**, 02/01/2014, p.17

SILVA, A.L. Imperativos da beleza: corpo feminino, cultura *fitness* e a nova eugenia. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 32, n. 87, p. 211-222, 2012

SILVA, D. N. República Populista (Quarta República). **Brasil Escola**, s.d. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/republica-populista-1945-1964.htm>>. Acesso em: 20 jul 2023.

SILVA, I. L. E. **Identidades de gênero, corporalidade e esportivização**: uma perspectiva antropológica da prática do pole dance. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016

SILVA, J.M. Caldas Júnior: o criador do moderno jornalismo gaúcho. **Correio do Povo**, 2020. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/caldas-j%C3%BAnior-o-criador-do-moderno-jornalismo-ga%C3%A7o-1.490167>>. Acesso em: 19 jun 2023

SILVA, J.M. **Respostas fisiológicas induzidas pela prática de Pole Dance**. 2017. 28 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Treinamento de Força e Hipertrofia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017

SILVEIRA, C.N.D.; ALMEIDA, M.C.O.; MEDEIROS, R. Os aldeamentos jesuítcos na américa portuguesa: para além do ensino das letras. *In*: Colóquio Nacional, 14, 2022, Bahia. **Anais Eletrônicos [...]**. Bahia: UESB, 2022, p. [n.p.]

SOBRE o autor. **Grazzy Brugner**, 2022. Disponível em:< <https://grazzybrugner.com.br/>>. Acesso em: 10 jun 2023

SOUZA, S. C. M. Danças licenciosas, voluptosas, sensuais....mas atraentes!: representações do batuque em relatos de viajantes (brasil - século xix). **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 4, n. 11, 2011.

THE History of Pole Sports. **Pole Sports**, 2015. Disponível em: <<http://www.polesports.org/>>. Acesso em: 10 jun 2023

THE Federation. **Posa World**, 2023. Disponível em: <<https://www.posaworld.org/>>. Acesso em: 02 jun 2023

TRABALHO de chão (dança). *In*: **Wikipedia**: a enciclopédia livre, 2022. Disponível em:<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_de_ch%C3%A3o_\(dan%C3%A7a\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_de_ch%C3%A3o_(dan%C3%A7a))>. Acesso em: 04 abr 2023

UFSC. Zero. In: **Repositório Institucional UFSC**, s.d. Disponível em:<
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/164139>>. Acesso em: 19 jun 2023

UM eleitor declarou-se alienado e feliz. Pode? **Zero**, Florianópolis, 1982. Disponível em:<
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/164770/ZERO1982001SET.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 jun 2023

VAZ, A.F. Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14,n. 2, p. 61-75, 2003

VEIGA, A.P. A institucionalização da beleza no universo feminino. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 1-9, 2006

VIEIRA, L. Além do sensual, **O Fluminense**, 9/10.09.2012, p.26

WOLF, N. **O mito da beleza**. 10 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020. 489 p.

WILLIANS, S. Jornal a tribuna surge pelas mãos de um dos mais vibrantes personagens da história santista. **Memória Santista**, Santos, 2019. Disponível em: <
<http://memoriasantista.com.br/?p=4969> >

ZICMAN, B. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, v.4, 1984